



## **A Reabilitação do antigo Presídio Militar da Trafaria como Catalisador Urbano;**

**Proposta para a criação de um Centro Sociocultural.**

**Mariana Rosa Faustino Rodrigues** (Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

### **Orientação Científica:**

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor João Carlos Vassalo Santos Cabral

### **Júri:**

Presidente: Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

Vogal: Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

**DOCUMENTO DEFINITIVO**

**Lisboa, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Fevereiro, 2020**



## RESUMO

Com a desvalorização do seu território, a Trafaria torna-se num local somente de dormitório e passagem. Caraterizado por um acentuado desordenamento urbano, este território tem vindo a ser negligenciado durante décadas, encontrando-se repleto de edifícios devolutos, nomeadamente o antigo Presídio Militar, que se encontra num elevado estado de degradação, expectante pela sua requalificação.

Ao observar a situação atual deste território ‘perdido’ na margem sul do Tejo, foi sentida uma inquietação em torná-lo o objeto de estudo e intervenção do Projeto Final de Mestrado, propondo uma estratégia de requalificação urbana para a Trafaria e a reabilitação do antigo Presídio, no qual se desenvolve um projeto arquitetónico que visa dar resposta aos grandes problemas sociais, urbanos e à inexistente preservação do património Militar, Cultural e Arquitetónico.

Surge assim ‘*A Reabilitação do antigo Presídio Militar da Trafaria como Catalisador Urbano*’ pois este conjunto edificado do início do século XX é a peça chave para criar uma nova centralidade no concelho de Almada, servindo a sua população e incrementando o turismo. Pretende-se que, tal como na sua função primitiva deu origem à formação do tecido urbano e à fixação de população no local, seja hoje o principal regenerador e dinamizador deste lugar expectante.

As várias linhas de investigação e análise realizadas levaram à execução de uma estratégia urbana que visa criar uma articulação entre o tecido urbano da Trafaria e o meio natural, a partir de medidas como a criação de um parque urbano que liga a zona adjacente à Indústria Cerealífera ao Monte da Raposeira.

A salvaguarda do Património Militar por meio da Reabilitação, juntamente com as medidas de Requalificação Urbanas e Ambientais, concede a preservação dos valores de memória, identidade, sociais e culturais que tornam possível a conexão entre as gerações futuras e a história do lugar.

**Palavras-chave:** Espaços de oportunidade | Regeneração urbana | Património Militar | Memória | Reabilitação



## ABSTRACT

The devaluation of the territory of Trafaria has turned this place into a dormitory and passage place only. Characterized by a large disorganized urban area, this territory has been neglected for decades, being filled with vacant buildings, among them the old Trafaria Military Prison, that is in an advanced state of degradation, awaiting rehabilitation.

Analyzing the current situation of this 'forgotten territory' on the south bank of Tagus river, a concern to turn this place into the object of study and intervention of this Master's Final Project was felt, aiming for an urban requalification strategy for Trafaria including the rehabilitation of the old Prison, in which an architectural project that seeks to respond to social and urban problems, as well as to reverse the nonexistent preservation of the Military, Cultural and Architectural Heritage, was developed.

This way, *'The Rehabilitation of the old Trafaria Military Prison as an Urban Catalyst'* is proposed, as this 20<sup>th</sup> century building is the key to create a new centrality in Almada, serving the local population and increasing tourism. It is intended that, equating its primitive function that gave rise to the formation of the urban space and the fixation of population on site, it will become nowadays' main regenerator and dynamizer of this expectant place.

The lines of investigation and analysis carried out led to the implementation of an urban strategy that aims to create an articulation between the urban tissue of Trafaria and the natural environment, through actions such as the creation of an urban park that connects the area next Cereal Industry with Raposeira Mountain.

The preservation of the Military Heritage through rehabilitation, along with urban and environmental requalification strategies, allow the preservation of memory, identity, social and cultural values that make possible the connection between the future generations and the history of the place.

**Keywords:** Opportunity spaces | Urban regeneration | Military Heritage | Memory | Rehabilitation



## AGRADECIMENTOS

Ao terminar o Projeto Final de Mestrado, agradeço a todos aqueles que de algum modo ajudaram na sua elaboração. Expresso os meus profundos agradecimentos:

Ao professor José Aguiar, por ter disciplinado todo o percurso deste projeto, com a sua imensa motivação, pelo fornecimento das informações primordiais e ainda, por me ter transmitido no decorrer de toda esta etapa académica conhecimento e método de trabalho que me ajudaram a alcançar um patamar mais elevado.

Ao professor João Cabral, por ter aceite o convite para ser meu orientador neste projeto, pela disponibilidade, orientação, aprendizagem proporcionada e principalmente pela sua notável prestabilidade em todos os momentos do processo.

À Câmara Municipal de Almada, pelo fornecimento de dados cruciais para o desenvolvimento deste projeto, pela disponibilidade e esclarecimento de dúvidas.

Ao Arquivo Histórico e ao Centro de Arqueologia de Almada, pela informação histórica disponibilizada sobre o concelho, a Trafaria e o antigo Presídio Militar.

Por último, mas não menos importante, tenho de enaltecer todo o incentivo e apoio que recebi por parte da minha família e amigos, a quem manifesto a minha eterna admiração, respeito e amor. Enfatizo de forma especial:

Os meus pais, por todo o seu esforço em tornar possível a concretização dos meus sonhos, sem eles nada teria sido possível. Sou eternamente grata pelo apoio, pela inspiração, coragem e perseverança que me concederam em todas as horas.

À minha irmã, pela sua positividade, motivação e energia contagiante, que foi um dos meus grandes alicerces nas horas mais difíceis, não somente nesta reta final, mas desde o início do meu percurso.

À minha avó, que me conforta nos momentos mais duros com a força moral necessária, sendo que lhe devo uma boa parte da minha educação e da pessoa em que me tornei.



## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2. LEITURA E ANÁLISE DO TERRITÓRIO DA TRAFARIA</b> .....	7
2.1. DE TERRITÓRIO DESPOVOADO A TECIDO URBANO CONSOLIDADO – ANÁLISE HISTÓRICA .....	7
2.2. DE TERRITÓRIO DESVALORIZADO AOS PROBLEMAS SOCIAIS – ANÁLISE SOCIAL .....	15
2.3. REGENERAÇÃO URBANA DO TERRITÓRIO DA TRAFARIA .....	19
<b>3. LEITURA E ANÁLISE DO LUGAR DO ANTIGO PRESÍDIO MILITAR</b> .....	27
3.1. O PATRIMÓNIO DO ANTIGO PRESÍDIO MILITAR – LEITURA HISTÓRICA .....	27
3.1.2. DO LAZARETO A LUGAR DEVOLUTO .....	28
3.2. A PAISAGEM, O LUGAR E O EDIFICADO – LEITURA MORFOLÓGICA .....	37
3.3. VALORES A PRESERVAR E OPORTUNIDADES – SENTIDO DO LUGAR .....	71
<b>4. CASOS DE REFERÊNCIA</b> .....	73
4.1. RELAÇÃO COM A INTERVENÇÃO URBANA .....	75
4.2. RELAÇÃO COM A PROPOSTA DE USOS .....	79
4.3. RELAÇÃO COM A REABILITAÇÃO ARQUITETÓNICA .....	85

<b>5. FUTURO DA TRAFARIA – A PROPOSTA</b> .....	95
5.1. PRINCÍPIOS DA ESTRATÉGIA URBANA .....	95
5.2. A ESTRATÉGIA ARQUITETÓNICA PARA O LUGAR DO ANTIGO PRESÍDIO .....	107
5.3. SOBRE A FORMA – INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA .....	117
<b>6. FUTURO DO ANTIGO PRESÍDIO DA TRAFARIA – O PROJETO</b> .....	123
6.1. ESCALA URBANA – O PROJETO.....	123
6.2 – ESCALA ARQUITETÓNICA – O PROJETO .....	133
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	145
<b>8. BIBLIOGRAFIA</b> .....	149
<b>ANEXOS</b> .....	153

## ÍNDICE DE IMÁGENS

FIG.1. VISTA DA COTA SUPERIOR DO PERCURSO DE RONDA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	3
FIG.2. PASSEIO RIBEIRINHO E PRAIA DA TRAFARIA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019...5	
FIG.3. ALDEIA E PRAIA DA TRAFARIA, FINAIS DO SÉCULO XIX/ PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX. FONTE: CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA. MUSEU DA CIDADE. ....	6
FIG.4. PRAIA DE BANHOS DA TRAFARIA. 1908. FONTE: CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA. MUSEU DA CIDADE. ....	6
FIG.5. PRAIA DA TRAFARIA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	6
FIG.6. VISTA PANORÂMICA DA TRAFARIA. POSTAL ILUSTRADO NO INÍCIO DO SÉCULO XX. CEDÊNCIA: VIRIATO CARVALHO (CMA - MUSEU DA CIDADE DE ALMADA)....	8
FIG.7. VISTA PANORÂMICA DA TRAFARIA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019. ....	9
FIG.8. PLANTA DO LUGAR DA TRAFARIA LEVANTADA E DESENHADA PELOS DISCÍPULOS DA ACADEMIA REAL DE FORTIFICAÇÕES E ARTILHARIA. 1793. ....	12
FIG.9. CARTA TOPOGRÁFICA MILITAR. 1813. FONTE: LIVRO FORTALEZAS DE ALMADA E SEU TERMO.....	13
FIG.10. RUÍNA DA FÁBRICA DE CONSERVAS "A PROGRESSO". FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	14
FIG.11. QUADRO – POPULAÇÃO RESIDENTE COM MENOS DE 15 ANOS, POR FREGUESIA (2011) – FONTE: INE, CENSOS 2011. ....	17
FIG. 12. QUADRO – POPULAÇÃO RESIDENTE COM 65 E MAIS ANOS (2011) – FONTE: INE, CENSOS 2011. ....	17
FIG.13. MAPA DO ESTADO DO EDIFICADO DA TRAFARIA. REALIZADO PELA AUTORA. 2019.....	24
FIG.14. PLANTA DA SITUAÇÃO ATUAL DA TRAFARIA COM MARCAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO URBANA E ARQUITETÓNICA. REALIZADA PELA AUTORA. 2019. ...	25
FIG.15. ALA DAS CELAS DO ANTIGO PRESÍDIO. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	26
FIG. 16. PLANTAS DA EVOLUÇÃO DO PRESÍDIO AO LONGO DOS SÉCULOS. ELABORADO EM GRUPO (TURMA MIARQ 5B). 2019. ....	29

FIG.17. EDIFÍCIO DAS CELAS DO ANTIGO PRESÍDIO. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019. .....	35
FIG.18. VISTA DO PERCURSO DE RONDA SOBRE A ENCOSTA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	36
FIG.19. MAPA DE CONDICIONANTES DA TRAFARIA E COVA DO VAPOR. REALIZADO PELA AUTORA. 2019. FONTE: CMA.....	39
FIG.20. MAPA TOPOGRÁFICO DE ALMADA À COVA DO VAPOR. REALIZADO PELA AUTORA. 2019.....	40
FIG.21. MAPA DA REDE VIÁRIA DE ALMADA À COVA DO VAPOR. REALIZADO PELA AUTORA. 2019.....	41
FIG.22. MAPA HIDROGRÁFICO DE ALMADA À COVA DO VAPOR. REALIZADO PELA AUTORA. 2019.....	42
FIG.23. PLANTA DA SITUAÇÃO ATUAL, COM A NUMERAÇÃO DO EDIFICADO DO COMPLEXO DO PRESÍDIO. REALIZADA PELA AUTORA. 2019.....	44
FIG.24. FACHADAS PRINCIPAIS DOS EDIFÍCIOS 1 E 2. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019. .....	45
FIG.25. PEÇAS DESENHADAS DOS EDIFÍCIOS 1 E 2. FORNECIDO PELA CMA. 2019...	46
FIG.26. FACHADA SUL DO EDIFÍCIO 3. AUTOR DESCONHECIDO.....	47
FIG.27. PEÇAS DESENHADAS DO EDIFÍCIO 3. FORNECIDO PELA CMA. 2019.....	48
FIG.28. PORMENOR DA GALERIA DO EDIFÍCIO DAS CELAS. AUTOR DESCONHECIDO..	49
FIG.29. PLANTAS DO EDIFÍCIO 4. FORNECIDO PELA CMA. 2019.....	50
FIG.30. PEÇAS DESENHADAS DO EDIFÍCIO 4. FORNECIDO PELA CMA. 2019.....	51
FIG.31. FACHADA LATERAL ESQUERDA DO EDIFÍCIO 5. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019 .....	52
FIG.32. PEÇAS DESENHADAS DO EDIFÍCIO 5. FORNECIDO PELA CMA. 2019.....	53
FIG.33. FACHADA PRINCIPAL DA IGREJA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	54
FIG.34. PEÇAS DESENHADAS DO EDIFÍCIO 6. FORNECIDO PELA CMA. 2019.....	55
FIG.35. FACHADA NORTE DO EDIFÍCIO 4. DESAGREGAÇÃO GENERALIZADA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	58
FIG.36. PAREDE ESTRUTURAL DO EDIFÍCIO 6. COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA DOS REBOCOS. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	59

FIG.37. ANEXOS DO PRESÍDIO. LACUNA GENERALIZADA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	60
FIG.38. ANEXOS DO PRESÍDIO. DEFORMAÇÃO DA ESTRUTURA DE SUPORTE. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	61
FIG.39. COBERTURA DO EDIFÍCIO 6 VISTA DO INTERIOR. COLAPSO DA ESTRUTURA SECUNDÁRIA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	62
FIG.40. PÁTIO INTERIOR DO EDIFÍCIO 6. LÍQUENES E MUSGOS. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	63
FIG.41. TETO DE SALA DO EDIFÍCIO 6. DESCOLAGEM DO GESSO CARTONADO. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	64
FIG.42. E FIG.43. GALERIA EM FERRO DO EDIFÍCIO DAS CELAS. CORROSÃO EM GRANDES EXTENSÕES. FOTOGRAFIAS DA AUTORA. 2019.....	65
FIG.44. E FIG. 45. PORTAS E CAIXILHARIAS EM MADEIRA DOS EDIFÍCIOS DO PRESÍDIO. DESCASCAMENTO DA TINTA EM GRANDES EXTENSÕES. FOTOGRAFIAS DA AUTORA. 2019.....	66
FIG.46. E FIG.47. ESCADAS DO EDIFÍCIO 6. APODRECIMENTO E DEGRADAÇÃO DA MADEIRA DOS DEGRAUS. FOTOGRAFIAS DA AUTORA. 2019. ....	67
FIG.48. E FIG.49. SALA DO EDIFÍCIO 6 COM REVESTIMENTO EM SOALHO DE MADEIRA. FENDILHAÇÃO E DEGRADAÇÃO DA MADEIRA. FOTOGRAFIAS DA AUTORA. 2019.....	68
FIG.50. E FIG.51. SALA DO EDIFÍCIO 5 COM REVESTIMENTO EM MOSAICO CERÂMICO. DESGASTE E FENDILHAÇÃO. FOTOGRAFIAS DA AUTORA. 2019. ....	69
FIG.52. VISTA A PARTIR DO EDIFÍCIO 5. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	70
FIG.53. VITRAIS DO EDIFÍCIO DAS CELAS. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	72
FIG.54. RECONVERSÃO DO PORTO DA HORTA. VISTA PANORÂMICA. FOTOGRAFIA DE JOÃO MORGADO.....	74
FIG.55. RECONVERSÃO DO PORTO DA HORTA. RISCO. 2012. ALÇADO SUL.....	75
FIG.57. RECONVERSÃO DO PORTO DA HORTA. RISCO. 2012. PLANTA DE LOCALIZAÇÃO.....	76
FIG.56. RECONVERSÃO DO PORTO DA HORTA. PERSPETIVA DO NOVO EDIFÍCIO. FOTOGRAFIA DE JOÃO MORGADO. ....	76
FIG.58 E FIG.59. PASSEIO RIBEIRINHO DO SEIXAL. VISTA AÉREA. FOTOGRAFIAS DE FERNANDO GUERRA. ....	78

FIG.60. PASSEIO RIBEIRINHO DO SEIXAL. NOVAS ZONAS VERDES E VISTA SOBRE A BAÍA. FOTOGRAFIA DE FERNANDO GUERRA.....	78
FIG.61. MATADERO MADRID. PROJETO DE INTERVENÇÃO NA NAVE 16. FOTOGRAFIA DE ROLAND HALBE.....	80
FIG.62. MATADERO MADRID. PROGRAMA DE RESIDÊNCIAS. FOTOGRAFIA DE ARCHDAILY VIA MATADERO. ....	80
FIG.63. MATADERO MADRID. PLAZA Y CALLE MATADERO. FOTOGRAFIA DE AUTOR DESCONHECIDO. ....	81
FIG.64. MATADERO MADRID. MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA FUNCIONAL. FONTE: <.....	81
FIG.65. ANTIGA FÁBRICA DE MOAGEM DE CEREAIS. FACHADA PRINCIPAL. AUTOR DESCONHECIDO. ....	82
FIG.66. CENTRO DE ARTES E CULTURA DE PONTE DE SOR. INTERVENÇÃO NO EXTERIOR. FOTOGRAFIA DE ANTÓNIO BRACONS.....	82
FIG.67. CENTRO DE ARTES E CULTURA DE PONTE DE SOR. PLANTA DO ESQUEMA DE DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL. ....	84
FIG.68 E FIG.69. CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEO LA CONSERVERA. INTERVENÇÃO NO EXTERIOR. FOTOGRAFIAS DE DAVID FRUTO. ....	87
FIG.70 E FIG.71. FORTE DE FORTEZZA. INTERVENÇÃO EXTERIOR POR MEIO DE LIGAÇÕES PEDONAIS. FOTOGRAFIAS DE ALESSANDRA CHEMOLLO. ....	88
FIG.72. FORTE DE FORTEZZA. INTERVENÇÃO NO EXTERIOR. FOTOGRAFIAS DE ALESSANDRA CHEMOLLO. ....	90
FIG.73. DINAMARCA 399. INTERVENÇÃO NA FACHADA POENTE. FOTOGRAFIA DE ARYEH KORNFELD. ....	91
FIG.75. DINAMARCA 399. ALÇADO POENTE. JOAQUÍN VELASCO RUBIO. ....	92
FIG.74. DINAMARCA 399. CORTE TRANSVERSAL. JOAQUÍN VELASCO RUBIO.....	92
FIG.76. DINAMARCA 399. INTERVENÇÃO NA FACHADA PRINCIPAL. FOTOGRAFIA DE ARYEH KORNFELD. ....	92
FIG.77. DINAMARCA 399. INTERVENÇÃO NA FACHADA NASCENTE. JOAQUÍN VELASCO RUBIO. ....	94
FIG.78. PLANTA DOS ESPAÇOS DESOCUPADOS DA TRAFARIA. REALIZADA PELA AUTORA. 2019.....	97

FIG.79. PLANTA COM DELIMITAÇÃO DA ARU DA TRAFARIA. CMA. 2009.....	99
FIG.80. PLANTA DOS PLANOS EM ELABORAÇÃO QUE ABRANGEM A TRAFARIA. REALIZADA PELA AUTORA. 2019. FONTE: CMA. ....	99
FIG.81. MAPA DOS USOS DO EDIFICADO DO NÚCLEO URBANO DA TRAFARIA. REALIZADO PELA AUTORA. 2019.....	100
FIG.82. MAPA DE USOS DO NÚCLEO URBANO DA TRAFARIA COM ESPAÇOS RELEVANTES IDENTIFICADOS. REALIZADO PELA AUTORA. 2019.....	101
FIG.83. MAPA DE ALMADA À COVA DO VAPOR COM ESPAÇOS RELEVANTES ASSINALADOS. REALIZADO PELA AUTORA. 2019. ....	104
FIG.84. MAPA DE TRANSPORTES E REDE VIÁRIA DE ALMADA À COVA DO VAPOR. REALIZADO PELA AUTORA. 2019. FONTES: <HTTP://WWW.MTS.PT/REDE/>/ CMA. .....	105
FIG.85. PLANTA DA ESTRATÉGIA URBANA PARA A TRAFARIA. REALIZADA PELA AUTORA. 2019.....	106
FIG.86. ESQUEMA DO CONCEITO/ ESTRATÉGIA/ PROGRAMA DO CENTRO SOCIOCULTURAL. REALIZADO PELA AUTORA. 2019. ....	113
FIG.87. PLANTA DA SITUAÇÃO ATUAL DO ANTIGO PRESÍDIO. REALIZADA PELA AUTORA. 2019.....	118
FIG.88. PLANTA DE DEMOLIÇÕES E CONSTRUÇÕES NO ANTIGO PRESÍDIO E ESPAÇO ENVOLVENTE. REALIZADA PELA AUTORA. 2019. ....	120
FIG.89. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. REALIZADA PELA AUTORA.2019.....	122
FIG.90. PLANTA DE DEMOLIÇÕES E REABILITAÇÕES DA TRAFARIA. REALIZADA PELA AUTORA. 2019.....	125
FIG.91. PLANTA DE DEMOLIÇÕES E REABILITAÇÕES DO ANTIGO PRESÍDIO E ESPAÇO ENVOLVENTE. REALIZADA PELA AUTORA. 2019. ....	126
FIG.92. PROPOSTA DE DESENHO URBANO DA NOVA ESTAÇÃO FLUVIAL. REALIZADA PELA AUTORA. 2019. ....	127
FIG.93. 3D DA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DO PASSEIO RIBEIRINHO. REALIZADO PELA AUTORA. 2019.....	128
FIG.94. ATUAL PASSEIO RIBEIRINHO DA TRAFARIA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019. .....	129

FIG.95. PLANTA DA PROPOSTA DO NOVO DESENHO DO PASSEIO RIBEIRINHO DA TRAFARIA. REALIZADA PELA AUTORA. 2019.....	130
FIG.96 E FIG.97. PAVIMENTO DE PEDRA CALCÁRIA DO PASSEIO RIBEIRINHO E PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO EM LAJETAS DE BETÃO. FOTOGRAFIAS DA AUTORA. 2019. ....	130
FIG.98. RIBEIRA DA ENXURRADA A DESAGUAR JUNTO AO ANTIGO PRESIDÍO. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	131
FIG.99. PLANTA DA PROPOSTA PARA A NOVA PRAÇA. REALIZADA PELA AUTORA. 2019. ....	132
FIG.100. E FIG.101. OS DOIS TEMPOS DA MURALHA DO ANTIGO PRESIDÍO. FOTOGRAFIAS DA AUTORA. 2019.....	140
FIG.102. DETALHE CONSTRUTIVO DO PERCURSO DE RONDA. PROPOSTA DA AUTORA. 2019.....	141
FIG.103 E FIG.104. PAREDES DAS PRÉ-EXISTÊNCIAS REBOCADAS E PINTADAS NA COR BRANCA E PROPOSTA DE REVESTIMENTO EM ALUCOBOND EM COR ESCURA PARA AS NOVAS CONSTRUÇÕES. FOTOGRAFIAS DA AUTORA. 2019.....	143
FIG.105 E FIG.106. PAVIMENTO REVESTIDO EM MADEIRA E PAVIMENTO REVESTIDO EM MICROBETÃO, RESPETIVAMENTE. FOTOGRAFIAS DE AUTOR DESCONHECIDO. ....	143
FIG.107. O IMPACTO DOS SILOS NA PAISAGEM DA TRAFARIA. FOTOGRAFIA DA AUTORA. 2019.....	144





## 1. INTRODUÇÃO

No decorrer das últimas décadas, alguns exemplares de património militar foram sendo demolidos, total ou parcialmente, de modo a dar espaço a novas construções, outros foram ocupados com programas funcionais com interesse para a população e outros são pedaços de história em processo de degradação à espera de serem resgatados no tempo.

O projeto de intervenção urbana e arquitetónica tem como área de estudo o território da Trafaria, mais precisamente a sua frente ribeirinha e o complexo do antigo Presídio Militar. O grande objetivo do trabalho é mostrar um olhar diferente sobre os espaços abandonados da área de intervenção e equacionar hipóteses de intervenção alternativas aos modelos convencionais de regeneração urbana para voltar a dar vida a estes espaços. Pretende-se mostrar como os espaços abandonados e vagos possuem a capacidade de regenerar o tecido urbano fragmentado.

Coloca-se a questão “Qual o futuro da Trafaria?”, o que leva para questões centrais que orientam a investigação, tais como a identidade do território e do lugar, unidades de paisagem, frente ribeirinha, entre outras. O caso da frente ribeirinha da Trafaria, englobado na ideologia do valor das partes na construção do todo, ganha um carácter muito significativo, pela sua localização dentro do contorno do estuário do Tejo. Assim a estratégia para resolver os problemas desta área passa pela valorização do tecido urbano existente, assim como do património arquitetónico, através da sua integração no território urbano em constante transformação, dando resposta a questões fundamentais como ‘a Reabilitação Urbana’ e a ‘Salvaguarda do Património’. É neste contexto que “A Reabilitação do antigo Presídio Militar da Trafaria como Catalisador Urbano” surge.

Com o objetivo de suportar o debate sobre a temática da regeneração urbana e da preservação do património militar, busca-se dar resposta às reflexões sobre os problemas do território e dos habitantes. Deste modo, o presente Projeto Final de Mestrado vai basear-se nas metodologias próprias da regeneração e reabilitação, aplicando-as no projeto de intervenção da Frente Ribeirinha da Trafaria, área onde

se encontra o antigo Presídio Militar, objeto de intervenção do projeto e da presente dissertação, no qual se pretende elaborar um novo programa funcional.

Após a análise do trecho ribeirinho que abrange a área de estudo, reconheceram-se as potencialidades que estiveram na génese do desenvolvimento dos conceitos de regeneração urbana e paisagística expostos. Conceitos estes referentes às vivências, expectativas e necessidades da população da Trafaria. O estudo da frente ribeirinha representa a adição de mais uma fração de conhecimento nesse conjunto unificado pelo plano de água do estuário do Tejo. Todos os elementos urbanos que constituem e dão caráter à Trafaria têm de ser previamente estudados. Visto que a intervenção é feita num tecido urbano consolidado, é fundamental que haja uma profunda compreensão e estudo do papel de elementos como o espaço público, de modo a obter uma ideia sólida da forma como estes influenciam o desenho do espaço.

Tendo em conta a atual situação do conjunto edificado do Presídio Militar e do tecido urbano da Trafaria, devolutos e em progressivo estado de arruinamento, é evidente uma problemática urbana que surge como uma oportunidade - a possibilidade de uma nova vida, de modo a salvaguardar o património militar, a partir de um estudo de novas formas de apropriação destes espaços e de uma paisagem com valor cultural. Assim sendo, procura-se conceber novas formas de conectar os diversos espaços da Frente Ribeirinha da Trafaria, para que os espaços abandonados não sejam mais vistos como espaços negativos, mas sim como nova oportunidade de projeto urbano. A articulação destes espaços permite criar um novo elemento urbano que ajuda a alcançar uma nova forma de viver o território. É na revitalização do complexo do antigo Presídio Militar que irão ser retratados os objetivos e conceitos em estudo. Pretende-se reestabelecer na área de intervenção as vivências sociais e o sentido comunitário característico da vila e ainda, a projeção de espaços públicos capazes de criar relações de caráter coletivo e de proximidade.

O presente estudo manifesta uma nova leitura e interpretação de um território em constante transformação. Parte de uma análise do geral para o particular, ou seja, da escala da Trafaria à escala do Presídio Militar, de forma a apreender todas as

necessidades de intervenção e que tipo de intervenção arquitetónica melhor se adequa, de forma a respeitar os valores de memória e de identidade de um passado militar, projetando hipóteses de requalificação para os espaços e equipamentos de uso público, possíveis de eventuais utilizações privadas, mas sempre com espaços coletivos que além de acrescentarem valor recriam a sua memória.



Fig.1. Vista da cota superior do percurso de ronda. Fotografia da autora. 2019.

Em síntese, o presente trabalho procurou dar resposta aos problemas existentes, nomeadamente:

- Perceber as potencialidades dos espaços devolutos considerando o seu contexto ecológico, social, histórico, cultural e identitário.
- Conceber novas soluções urbanísticas e arquitetónicas para reapropriar a zona do Presídio da Trafaria, sem esquecer o sentido e a memória do lugar, ou seja, que preservem os seus valores históricos e identitários.
- Tal como o Presídio impulsionou a formação do tecido urbano da Trafaria, é fundamental perceber o seu potencial enquanto regenerador urbano.
- Perceber o potencial da Trafaria em termos de localização geográfica e como se pode tornar numa nova centralidade no concelho de Almada.
- Perceber a importância dos edifícios públicos (Centro Sociocultural) que têm a capacidade de servir a população local e simultaneamente gerar o turismo.
- Integrar dinâmicas de relação entre várias faixas etárias, sociais e profissionais.
- Entender o valor e a importância do Património Militar para a preservação das memórias sociais, como meio de dar continuidade à construção identitária da sociedade.
- Compreender o objeto de estudo, e as características que lhe conferem a possibilidade de adaptação a novas funções que satisfaçam as necessidades atuais da população.
- Preservar o Presídio Militar como elemento marcante e único da paisagem, destacando-o dos novos elementos propostos, construindo ainda assim novas narrativas para o lugar que estabeleçam uma relação coerente com a sua essência e história, de modo a não intervir de forma destrutiva e irreversível sobre a pré-existência.



Fig.2. Passeio Ribeirinho e praia da Trafaria. Fotografia da autora. 2019.



Fig.3. Aldeia e Praia da Trafaria, finais do século XIX/ princípios do século XX. Fonte: Câmara Municipal de Almada. Museu da Cidade.



Fig.4. Praia de banhos da Trafaria. 1908. Fonte: Câmara Municipal de Almada. Museu da Cidade.



Fig.5. Praia da Trafaria. Fotografia da autora. 2019.

## 2. LEITURA E ANÁLISE DO TERRITÓRIO DA TRAFARIA

### 2.1. DE TERRITÓRIO DESPOVOADO A TECIDO URBANO CONSOLIDADO – ANÁLISE HISTÓRICA

*“O nome Trafaria não designava uma localidade, utilizava-se para a região que abarcava todo o vale do Ribeiro, a elevação de Alpena, até ao Convento dos Frades Arrábidos Capuchos e a costa atlântica. O sítio a que hoje chamamos de Trafaria era um lugar longínquo, apenas areal, rio, e eventualmente alguma vegetação.*

*Na base da encosta poente de Murfacém junto à beira-rio encontrava-se a propriedade de Gaspar da Rua, na qual o Cardeal D. Henrique decidiu em 1565 instalar um local para quarentenas. (...)*

*Pela primeira vez servia a Trafaria de depósito para o que fosse indesejável na Capital.”<sup>1</sup>*

### PAISAGEM DA TRAFARIA

**Trafaria** significa, segundo David Lopes, PONTA DA AREIA e resulta da junção da palavra árabe Trafa (ponta) com a latina Arena (areia). O topónimo designa toda a zona ao longo do sopé da arriba para sul da Ribeira da Enxurrada, principal curso de água da região que desagua na Trafaria.

A paisagem do território da Trafaria era até ao fim do século XVI maioritariamente constituída por pântanos, juncais e dunas que alastravam epidemias de febres palúdicas (sezões). Durante este século o facto da Trafaria estar distante, dispor de maus acessos por terra à sede da paróquia da Caparica e a Almada e não dispor de condições para implementar o cultivo agrícola nos seus terrenos fez com

---

<sup>1</sup> LEAL, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.8.

que o seu desenvolvimento permanecesse em inércia. Assim, a Trafaria passa a ser povoada apenas no fim do século XVII.

Ao longo da segunda metade do século XIX foram estabelecidas medidas com vista à drenagem dos pântanos e secagem dos juncais. Foram abertas valas de drenagem e plantados pinheiros, que transformaram a paisagem da Trafaria naquela que hoje conhecemos. Na segunda metade do século XX, a Ribeira da Enxurrada foi canalizada sob a atual Avenida da Liberdade.

A evolução natural da Trafaria incide na evolução da linha de costa e na evolução da bacia do Rio Tejo. *“A bacia do Tejo teve uma evolução complexa ao longo do tempo, resultante da interação de movimentos tectónicos e de oscilações do nível do mar.”*<sup>2</sup>



Fig.6. Vista panorâmica da Trafaria. Postal ilustrado no início do século XX. Cedência: Viriato Carvalho (CMA - Museu da Cidade de Almada).

---

<sup>2</sup> PAIS, João. *Evolução da parte terminal da Bacia do Baixo Tejo durante o Miocénico*, Em: *Resumo da conferência proferida a 7 de Dezembro de 1998*, p.1.



Fig.7. Vista panorâmica da Trafaria. Fotografia da autora. 2019.

## EVOLUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DA TRAFARIA

Relativamente à evolução histórica e social da área de estudo são abordados temas como a edificação de edifícios de património ou com alguma relevância histórica ou arquitetónica, a evolução populacional, marcos históricos, catástrofes naturais, tal como outras ocorrências e descrições com relevância para caracterizar a evolução da zona de trabalho.

No ano de 1683 é mandado construir o Forte da Trafaria pelo rei D. Pedro II (COSTA, 2007).<sup>3</sup> Esta construção foi o grande fator que levou à fixação de população na Trafaria. No início do século XVIII, encontram-se registados nos assentos paroquiais da Caparica cerca de quarenta pessoas residentes na Trafaria. Chegam no ano de 1770 de Ílhavo e posteriormente do Algarve os

---

<sup>3</sup> Costa, A. *Trafaria e Costa da Caparica: dados sobre os números urbanos e faixa atlântica*. Almada: ed. Câmara Municipal de Almada – Museu da Cidade, 2007.

primeiros pescadores para se estabelecerem na zona. (NEVES, 2008).<sup>4</sup> No decorrer do século XVIII houve um grande aumento populacional, devido a estas famílias de pescadores vindas de fora do concelho de Almada. A abundância de pescado e a proximidade a Lisboa incrementou a pesca bem como o transporte de peixe para a capital.

Relacionada com a Ermida de Nossa Senhora da Saúde, reedificada no ano de 1725, destinada aos ocupantes do Lazareto, assim como aos trafarienses, a comunidade piscatória da Trafaria institui, em 1735, a irmandade de Nossa Senhora da Saúde. No ano de 1745 os trafarienses perderam o acesso à Ermida do Lazareto, em ocorrência da construção de um muro. A Ermida de Nossa Senhora da Conceição teve a sua construção no ano de 1747, substituindo temporariamente a Igreja Paroquial do Monte de Caparica, após o Terramoto de 1755.

Em janeiro de 1777, a mando do Marquês de Pombal, a aldeia piscatória da Trafaria foi consumida por um grande incêndio. (BRANCO, 1882).<sup>5</sup>

No ano de 1831, o então Forte da Trafaria, passa a desempenhar a função de Presídio para asilar os liberais, passando apenas a assumir funções de génese militar. (COSTA, 2007).<sup>6</sup>

Relacionadas à atividade piscatória surgem durante o século XIX fábricas de 'azeite de sardinha', uma Seca de Bacalhau instalada no Lazareto, substituída no mesmo local por uma fábrica de adubo produzido a partir de peixe rejeitado para consumo. Em 1874 é construída a Fábrica de Dinamite (MATOS, 1997).<sup>7</sup> No início

---

<sup>4</sup> Neves, Márcio. *Costa de Caparica no areal do Tempo*. Costa da Caparica, 2008.

<sup>5</sup> Branco, Camilo Castelo. *Perfil do Marquez de Pombal*. Rio de Janeiro: L. Couto & Ca, 1982.

<sup>6</sup> Costa, A. *Trafaria e Costa da Caparica: dados sobre os números urbanos e faixa atlântica*. Almada: ed. Câmara Municipal de Almada – Museu da Cidade, 2007.

<sup>7</sup> Matos, J. *A Fábrica de Dinamite da Trafaria (1974-1996)*, Em: *Atas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, 20 a 23 de Fevereiro de 1997; coord. Luís Manuel B. V. de Bombeiros e Fernando J. Robles Henriques. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2002.

do século XX existiam três fábricas de conservas de peixe em funcionamento na Trafaria.

No ano de 1901 é inaugurada a 1ª Colónia Balnear em Portugal na praia da Trafaria, sendo posteriormente aconselhada por médicos, devido às propriedades terapêuticas da água. Neste mesmo ano a construção da Bateria da Raposeira é finalizada. (COSTA, 2007).

Em 1911 dá-se a reconstrução do cais da Trafaria, sendo reestabelecida a carreira entre Lisboa e Trafaria (“Correio do Sul: Órgão Oficial do Partido Republicano do Concelho de Almada”, 8 de janeiro 1911). Neste ano é terminada a construção da 2ª Bateria de Alpena (COSTA, 2007).

Em 1931 é criada a ligação entre a Trafaria e a Costa, nomeada de estrada florestal (COSTA, 2007). No mesmo ano foram fundados os Bombeiros Voluntários da Trafaria.

No ano de 1949 é fundada a freguesia da Costa de Caparica, desanexada da Trafaria. Neste mesmo ano ocorre um acidente na Fábrica de Dinamite (MATOS, 1997).<sup>8</sup>

No ano de 1962 começam os trabalhos para a construção da ponte sobre o Tejo, conectando Lisboa a Almada. A travessia é inaugurada em 1966, sendo a grande causa do *boom* demográfico da margem sul do Tejo que se verifica nos anos seguintes. No mesmo ano a Fábrica de Dinamite da Trafaria é transferida para o Montijo, sendo os seus terrenos aproveitados para a construção da Escola Preparatória da Trafaria em 1975.

Em 1986 acabam as obras de construção dos Silos da Trafaria (COSTA, 2007).<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Matos, J. *A Fábrica de Dinamite da Trafaria (1974-1996)*, Em: *Atas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, 20 a 23 de Fevereiro de 1997; coord. Luís Manuel B. V. de Bombeiros e Fernando J. Robles Henriques. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2002.

<sup>9</sup> Costa, A. *Trafaria e Costa da Caparica: dados sobre os números urbanos e faixa atlântica*, Almada: ed. Câmara Municipal de Almada – Museu da Cidade, 2007.

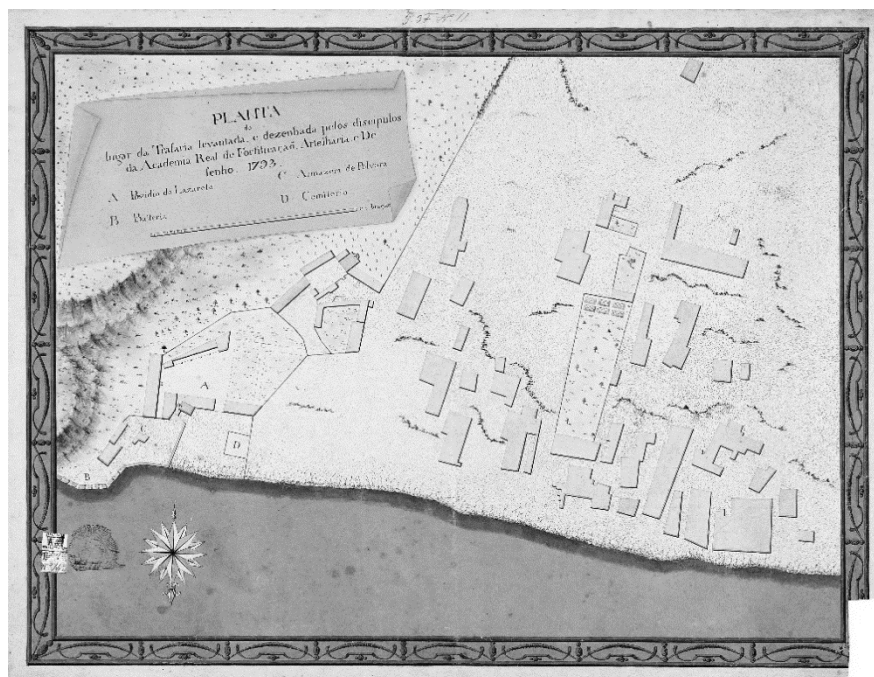


Fig.8. Planta do lugar da Trafaria levantada e desenhada pelos discípulos da Academia Real de Fortificações e Artilharia. 1793.

### A TRAFARIA E A DEFESA DE LISBOA

A Trafaria era um local primordial para a defesa da Barra do Tejo devido à sua privilegiada posição geográfica. Deste modo, no século XVII dá-se a primeira instalação militar da Trafaria, o Forte de Artilharia construído ao lado do Lazareto. As esplanadas de artilharia adjacentes ao Lazareto foram demolidas no início do século XX, em função das obras do novo Presídio.

Após as Invasões Francesas e no contexto das Guerras Peninsulares foram construídos vinte e um redutos destinados a defender Lisboa de um eventual ataque vindo do sul. Ocuparam pontos elevados no topo da arriba, desde a Margueira até à Trafaria.

No início do século XX, entre 1902 e 1909, operou-se o maior empreendimento de engenharia militar do concelho de Almada, com a construção das Baterias de

Artilharia de Costa de Alpenas e Raposeira e do Quartel do Grupo de Artilharia nº4 na Trafaria. Nesse âmbito, foram construídas infraestruturas destinadas ao transporte de materiais de construção, armamento e munições para as baterias no topo da arriba através de uma ponte cais e de uma linha férrea. O número de trabalhadores envolvidos nestas obras contribuiu para a fixação de novos habitantes na Trafaria.

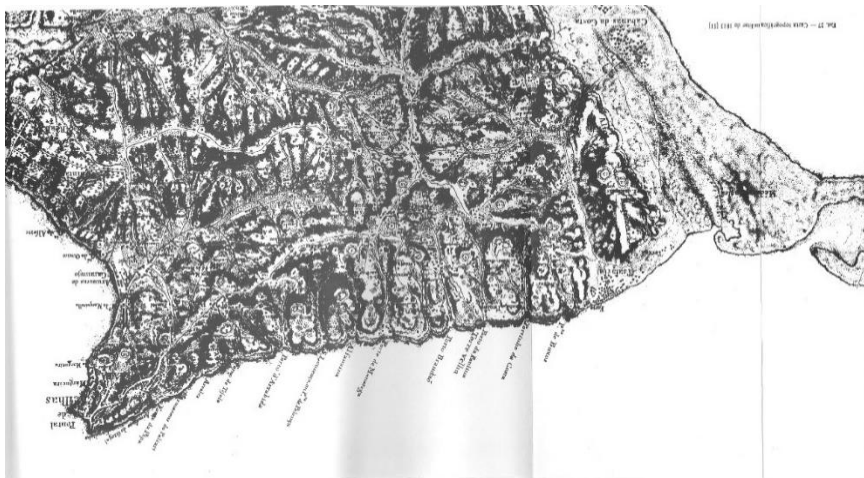


Fig.9. Carta Topográfica Militar. 1813. Fonte: *Livro Fortalezas de Almada e Seu Termo.*

## A INDÚSTRIA NA TRAFARIA

Tirando partido dos ventos e do rio como via de transporte para receber e escoar o cereal e a farinha, em meados do século XVII, existiam na Trafaria quatro moinhos de vento.

Associadas à pesca, surgiram durante o século XIX fábricas de “azeite de sardinha”. Em 1935, a Sociedade de Pescarias Lisbonense instalou no Presídio uma Seca de Bacalhau. Esta foi, mais tarde, substituída no mesmo local por uma fábrica de adubo (guano), produzido a partir de peixe rejeitado para consumo. No início do século XX existiam, também, três fábricas de conservas de peixe a laborar na Trafaria.

Em 1874 a Fábrica de Dinamite da Trafaria instalou-se a poente da povoação, no lugar do Torrão. Esta era uma indústria que empregava população local, mas cujos

quadros técnicos eram maioritariamente franceses. A primeira fábrica de dinamite foi construída no local onde se encontra atualmente a Escola Básica da Trafaria.

Beneficiando da localização geográfica na foz do Tejo e da profundidade do porto, iniciou-se na década de oitenta do século XX a construção de um complexo industrial de armazenamento de cereais e outros sólidos alimentares. Para a instalação dos silos, foi realizado um aterro que provocou profundas alterações na paisagem da Trafaria.



Fig.10. Ruína da Fábrica de Conservas "A Progresso". Fotografia da autora. 2019.

## 2.2. DE TERRITÓRIO DESVALORIZADO AOS PROBLEMAS SOCIAIS – ANÁLISE SOCIAL

*“(...) construiu-se tudo em grande desordem. [...] Reina em muitos sítios um cheiro desagradável por causa da falta de instalações sanitárias nas casas. Há horríveis barracas feitas com pranchas e com ferro-velho, e um grande número de casebres de todas as espécies que servem como habitação (...)”*<sup>10</sup>

A Trafaria é uma antiga vila piscatória que se localiza na margem sul do rio Tejo, integrando a área Metropolitana de Lisboa. A vila até 2013 era uma freguesia do concelho de Almada com 5696 habitantes e uma área de cerca de 5,73 km<sup>2</sup> (dados INE 2011). Em 2013 juntou-se à freguesia de Caparica dando origem à União das Freguesias de Caparica e Trafaria, cuja sede se localiza em Caparica.

A área de estudo é caracterizada por um grande desordenamento do seu território, que tem vindo a ser negligenciado durante décadas. O concelho de Almada é fortemente marcado por habitação de génese ilegal, parques de campismo, edificado construído em zonas protegidas, massificação dos aglomerados urbanos, degradação das linhas de água, entre outros problemas.

Relativamente à Trafaria, verifica-se que o problema predominante é a construção de génese ilegal, maioritariamente habitações, que ao longo do tempo vêm a tornar-se num desordenamento de difícil resolução. A zona mais problemática localiza-se no areal perto da Silopor (Segundo Torrão) e estende-se até à Cova do Vapor. A zona apresenta um conjunto de pequenas habitações amontoadas e sem as condições mínimas de habitabilidade. Deste modo, o ambiente social da Trafaria é traçado pelas ocorrências indicadas e pelo desordenamento do território que levou a problemas como: a precaridade dos grupos sociais residentes; o envelhecimento populacional; e os grupos mais vulneráveis que habitam o bairro do Segundo Torrão.

---

<sup>10</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.20.

A Trafaria, tal como outras zonas da margem sul do Tejo, obteve um baixo crescimento demográfico e desenvolvimento territorial nas últimas décadas, devido à sua 'negação' em ser meramente um local de passagem e de dormitório, fruto da sua localização, perto da capital, e a grande influência que esta contém.

Para tornar o processo de caracterização do território mais rigoroso faz-se aqui um enquadramento sociodemográfico à escala da freguesia com algumas comparações ao nível do concelho.

### DIAGNÓSTICO SOCIAL DA TRAFARIA

A freguesia do concelho de Almada com mais situações por resolver a nível de realojamento é a Trafaria (32,7%). *“Segundo os dados constantes do Caderno 4 – Sistema Social e Económico, estão já assegurados os terrenos e formas de concretização dos realojamentos em falta, nomeadamente nas freguesias de Trafaria e Costa de Caparica. Pretende-se que, com esta nova ação de realojamento, se equilibre a distribuição espacial dos fogos de habitação social, tornando-a mais de acordo com a proveniência dos agregados realojados. Serão beneficiados por este novo processo 1 156 agregados.”* (Diagnóstico Social Almada)<sup>11</sup>

### POPULAÇÃO JOVEM

A Trafaria, juntamente com o Pragal, apresenta o menor número de população na faixa etária dos 0 aos 15 anos, com um número inferior a 1000 indivíduos. Trata-se de uma das freguesias com o maior índice de dependência de jovens (25,4), o que demonstra que mesmo sendo o número de habitantes com menos de 15 anos baixo, estes constituem um peso significativo no número total de população com idade ativa (Diagnóstico Social Almada, 2013).

---

<sup>11</sup> Relatório Final. Diagnóstico Social de Almada, 2013, p.29. Disponível em: [www.m-almada.pt](http://www.m-almada.pt)

Território	Total de crianças e jovens	Pessoas com idades entre os 0 e os 4 anos	Pessoas com idades entre os 5 e os 9 anos	Pessoas com idades entre os 10 e os 14 anos
Almada (concelho)	25.583	8.261	8.479	8.843
Almada	1.590	462	557	571
Caparica	3.370	1.113	1.111	1.146
Costa da Caparica	1.846	647	589	610
Cova da Piedade	2.329	759	756	814
Trafaria	895	268	290	337
Cacilhas	576	196	185	195
Pragal	995	312	319	364
Sobreda	2.429	798	809	822
Charneca de Caparica	5.414	1.798	1.833	1.783
Laranjeiro	3.094	966	981	1.147
Feijó	3.045	942	1.049	1.054

Fig.11. Quadro – População residente com menos de 15 anos, por freguesia (2011) – Fonte: INE, Censos 2011.

## POPULAÇÃO COM 65 OU MAIS ANOS

Com base nos resultados dos censos de 2011, verifica-se que o número de população residente com 65 ou mais anos é de 1258. Constata-se, ainda, que existem 794 indivíduos desse grupo etário que vivem sós ou com outros da mesma idade. No que toca a alojamentos familiares, só com pessoas de 65 ou mais anos, é apresentado o total de 545 pessoas. Por fim, o alojamento com apenas uma pessoa dessa faixa etária é 306. Comparando os resultados dos censos de 2001 e 2011, no que toca à população residente com 65 ou mais anos, verifica-se uma variação de 17,79%, sendo que o número de residentes em 2001 era 1068 e em 2011 aumentou para 1258.

Território	População residente com 65 ou mais anos	Indivíduos com 65 ou mais anos vivendo sós ou com outros do mesmo grupo etário	Alojamentos familiares só com pessoas com 65 ou mais anos	Alojamentos com 1 pessoa com 65 ou mais anos
Almada (concelho)	35725	22755	15105	7625
Almada	5396	3920	2701	1506
Caparica	3220	1753	1194	651
Costa da Caparica	2619	1685	1200	724
Cova da Piedade	5427	3690	2446	1228
Trafaria	1258	794	545	306
Cacilhas	1969	1394	928	474
Pragal	1223	711	474	239
Sobreda	2574	1309	817	340
Charneca de Caparica	4733	2701	1668	667
Laranjeiro	4003	2610	1727	849
Feijó	3303	2188	1405	641

Fig. 12. Quadro – População residente com 65 e mais anos (2011) – Fonte: INE, Censos 2011.

## PESSOAS COM COMPORTAMENTO DE RISCO

### Apoio social

*“O número de pessoas toxicodependentes residentes no concelho de Almada e acompanhadas pelo Serviço de Ação Social da Segurança Social ascendia, em 2010, aos 172 indivíduos (o que se considera ser bastante inferior ao número efetivo de pessoas com problemas de toxicod dependência no concelho), o que representa um acréscimo de 72% face ao ano anterior, sendo que 16,3% se referem a novos processos.”*<sup>12</sup> A faixa etária que apresenta maior consumo é a dos 35-44. A população em questão tem uma habilitação literária baixa (1º ciclo, seguido do 2º ciclo) e a grande parte encontra-se em situação de desemprego e a residir sozinha. É de salientar que a idade de início de consumo de drogas está entre a faixa dos 15-24 anos, seguido da faixa dos 10-14. A Trafaria apresenta um dos menores números de população toxicod dependente em tratamento no concelho de Almada, contando com 35 indivíduos.

### Empregabilidade

Na Trafaria, o número de população desempregada (segundo os censos de 2011) é de 478 pessoas, sendo que 73 destas encontravam-se a procurar o seu primeiro emprego e 405 procuravam um novo emprego.

### Equipamentos de apoio à população da Trafaria:

Centro de Convívio da Trafaria; Santa Casa da Misericórdia de Almada (Apoio domiciliário à Caparica, Trafaria, Pragal e Almada); Centro Infantil da Trafaria; e Centro de Dia da Trafaria.

---

<sup>12</sup> Relatório Final. Diagnóstico Social de Almada, 2013, p.43. Disponível em: <www.m-almada.pt>

### 2.3. REGENERAÇÃO URBANA DO TERRITÓRIO DA TRAFARIA

*“O modo mais coerente para a construção do Lugar parte do correto entendimento do sítio como elemento morfológico com a sua própria história, cujas características fundamentais deverão ser exaltadas positivamente pela Arquitetura e não camufladas ou ignoradas. (...) Considera-se, assim, que para produzir um edifício que reflecta a identidade de um grupo (...) a sua concepção tem que partir de uma abordagem interpretativa do Lugar, tem que reconhecer os seus símbolos de identidade e proporcionar a interacção entre os seus utilizadores e os diferentes espaços de pertença individual ou social.”<sup>13</sup>*

A salvaguarda das memórias de valor social no contexto do seu território, ou em termos globais, é um princípio recente. A preservação e manutenção da história do lugar, independentemente do seu tempo, manifesta-se através do vínculo que existe com os valores de memória do lugar e, o pleno entendimento dos valores identitários, culturais, arquitetónicos e sociais.

*“O planeamento urbano operava como uma força destruidora, realizando operações massivas de demolições de bens patrimoniais fundamentais e irrecuperáveis.”<sup>14</sup>*

A reabilitação urbana surge enquanto estratégia de intervenção no tecido urbano consolidado, através de medidas de salvaguarda do património cultural, urbanístico, arquitetónico e, ainda, natural e social, mantendo-o totalmente ou substancialmente, intervindo da forma menos nociva possível. A reabilitação urbana visa colmatar as intervenções destrutivas que os tecidos urbanos históricos enfrentam, através de medidas de proteção, adaptando-os às necessidades contemporâneas, através da reabilitação.

---

<sup>13</sup> PIRES, Amílcar. *Caráter da Arquitectura e do Lugar*. Lisboa: ARTITEXTOS, nº6, 2008, p.4.

<sup>14</sup> PAIVA, José Vasconcelos; AGUIAR, José; PINHO, Ana. *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil e Instituto Nacional de Habitação, 2006, p89.

## REGENERAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO TECIDO URBANO

A regeneração e a revitalização visam criar continuidades entre diferentes tecidos urbanos, ou recriar continuidades que foram perdidas ao longo dos tempos, através da eliminação das barreiras e zonas de conflito que levaram ao surgimento de zonas degradadas que descaracterizaram o local, não só ao nível do território, mas também a nível das relações sociais. Esta ocorrência é clara na Trafaria.

A Trafaria é uma vila que tem potencial para criar espaços de apoio à comunidade, ou seja, espaços de recreio e lazer e também espaços de comércio e serviço que tornem o local num polo atrativo ao criar emprego e satisfazer as necessidades da população.

A Regeneração Urbana deverá atender a todas as necessidades, tanto de teor social como económico e cultural, maioritariamente através do auxílio das organizações representativas das comunidades locais e também de investidores privados e públicos. Segundo Vítor Mestre *“A regeneração urbana é muito mais do que apenas a reabilitação de edifícios e/ou dos espaços exteriores e privados bem como a correção e/ou reforço das infraestruturas básicas instaladas e outras fundamentais para se interagir em rede dentro e fora de casa, do bairro, da cidade, do país.”*<sup>15</sup>

Por sua vez, a revitalização urbana pretende fomentar estratégias e processos de inclusão e integração que criem novos projetos. O objetivo deste trabalho é alcançar um aumento e melhoria a nível das relações territoriais de modo a favorecer e valorizar as relações sociais. A revitalização urbana trata-se de *“um instrumento de gestão coletiva do território com capacidade para utilizar como recursos próprios, programas urbanos muito diferentes, de caráter mais social, económico ou cultural”*.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> MESTRE, Vítor. *Regeneração Urbana – parte1*. 2012. Disponível em: <URL: <http://www.patrimonio.pt/index.php/por-dentro/324-regeneracao-urbana-parte-i>>

<sup>16</sup> MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; Seixas, João; FREITAS, Maria João. *Parte do Relatório Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional*. Lisboa: QREN,2005, p.21.

## ESPAÇOS VACANTES NO TECIDO URBANO

Vacante pelo próprio sentido da palavra. Vacante porque o destino o impôs. Vacante por ser indeterminado no espaço. Espaços vacantes, ou espaços expectantes, mostram uma incerteza na imagem do espaço urbano. Muitos destes lugares são completamente rejeitados pela cidade, permanecendo num estado de incompletude e sobrevivência, permanecendo sem um propósito. Trata-se de espaços esquecidos e abandonados repletos de sistemas biológicos e orgânicos e onde o controle do homem é quase ou mesmo inexistente. Estes espaços predominam nas áreas urbanas contemporâneas. Mesmo assim, não deixam de possuir memória e sentido do lugar, continuam a ser lugares com história, e identidade. Estes espaços que criam a descontinuidade do tecido urbano, sendo muitos deles incomunicáveis, são denominados de vazios urbanos. Mas vazio em que perspectiva? Existem mesmo vazios urbanos?

Os espaços vacantes são espaços esquecidos e renegados no tecido urbano, mas que têm um grande potencial para a revitalização urbana. Uma das primeiras reflexões sobre estes espaços do tecido urbano foi da autoria de Solá-Morales, o arquiteto que apresentou, em 1995, de forma muito clara, uma visão sobre o que constituíam estes espaços, alcançando uma definição que consegue englobar todos os diferentes tipos de espaços que se inserem nos vazios urbanos. Usou a expressão *Terrain Vague* para definir o conceito de terreno abandonado e esquecido. Mais tarde o conceito foi traduzido em Vazio Urbano. Estes “vazios” não têm necessariamente de serem espaços inativos, eles podem ter um grande papel na definição da imagem urbana, como são exemplo grandes praças.

Segundo Sofia Morgado *“Este tipo de espaços, frequentemente considerados nada ou vazios, contêm testemunhos e caracteres próprios originados pelas suas condições geográficas ou por influência de determinadas formas de ocupação humana. Assim, os espaços aparentemente carentes de*

*sentido tornam-se progressivamente mais evidentes e protagonistas, ainda que silenciosos, na formação da metrópole.”*<sup>17</sup>

Os espaços abandonados e vacantes são vistos, na maioria das vezes, de forma crítica. As propostas mais frequentes de intervenção nestes espaços são operações de regeneração urbana que visam reverter os edifícios devolutos e preencher os espaços vagos com nova construção, tratando-se, muitas vezes, de grandes investimentos financeiros. É fundamental mostrar um olhar diferente sobre as paisagens urbanas que caíram em abandono. O valor paisagístico e ecológico destes espaços é muito importante na escala metropolitana, uma vez que se trata de interstícios que têm um grande potencial na construção de um futuro urbano mais sustentável.

Com a análise do território da Trafaria, verifica-se que a sua estrutura urbana é preenchida por diversos espaços com estas características. Geralmente estes espaços são caracterizados por grandes áreas territoriais, localizadas em lugares privilegiados do território, como as frentes ribeirinhas. Para uns estes interstícios são um “erro a ser corrigido”, para outros são um lugar de oportunidade. Perceber a importância da utilização destes espaços numa perspectiva de estratégia urbana sustentável é primordial, pois trata-se de espaços com potencial para regenerar o ambiente urbano, tal como dizia G-J. Hospers, “*a qualidade de vida numa cidade não depende necessariamente da densidade populacional.*”<sup>18</sup> Partindo deste princípio, ao longo deste trabalho, serão defendidos o valor ecológico e paisagístico destes espaços e a sua vocação para a construção de um espaço urbano mais salubre.

---

<sup>17</sup> MORGADO, Carla Sofia A. P. *Protagonismo de la ausencia. Interpretación urbanística de la formación metropolitana de Lisboa desde lo desocupado*, Tese de doutoramento em Urbanismo, Escuela técnica superior de arquitectura de Barcelona, Universidad politécnica de cataluna, 2005.

<sup>18</sup> Hospers, Gert-Jan. *Policy responses to urban shrinkage: from growth thinking to civic engagement*. *European Planning Studies* 22 (7): 1507-1523. doi: 10.1080/09654313.2013.793655.

## O CASO DA TRAFARIA

Promover um debate ativo a par de uma reflexão sobre o futuro destas áreas notáveis e morfologicamente muito sensíveis é um dos objetivos deste trabalho. A questão “Trafaria que futuro?”, rondou em torno das questões centrais, adotadas como linhas orientadoras da investigação: identidade do lugar e do território; unidades de paisagem; e área ribeirinha (limites e definições).

O caso da área ribeirinha da Trafaria, dentro desse entendimento do valor da parte na construção do todo, adquire um caráter particularmente significativo e sensível, pela sua localização dentro do contorno desta bacia estuarina, no seu imenso plano de água, cuja configuração, também ela particular, permite uma diversidade na caracterização das suas partes. A sua localização geográfica em termos da Área Metropolitana de Lisboa, apreende este lugar como uma “porta de entrada e saída” desse espaço conector composto pelo imensurável estuário do Tejo, atributo este que requer uma especial atenção da ótica das medidas de atuação e estratégias de requalificação, não somente em relação ao seu futuro construído, mas também relativamente à salvaguarda dos seus valores paisagísticos.

O património construído que se destaca na Trafaria, apesar do abandono a que ainda está sujeito, é relevante e estabelece um potencial foco de regeneração deste tecido urbano. Edifícios como o antigo Presídio da Trafaria, a capela de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup>. da Conceição e, ainda, a ruína da antiga fábrica de conservas, “A Progresso”, permanecem expectantes pelo reconhecimento do seu potencial de transformação e por uma nova estratégia funcional através de uma perspetiva de adaptação à contemporaneidade.

A Trafaria apresenta duas paisagens distintas: o tecido urbano consolidado de cariz habitacional, com a sua índole de vila piscatória e, de construção posterior, a sua frente nobre que é marcada pela Indústria Cerealífera de natureza industrial e portuária.

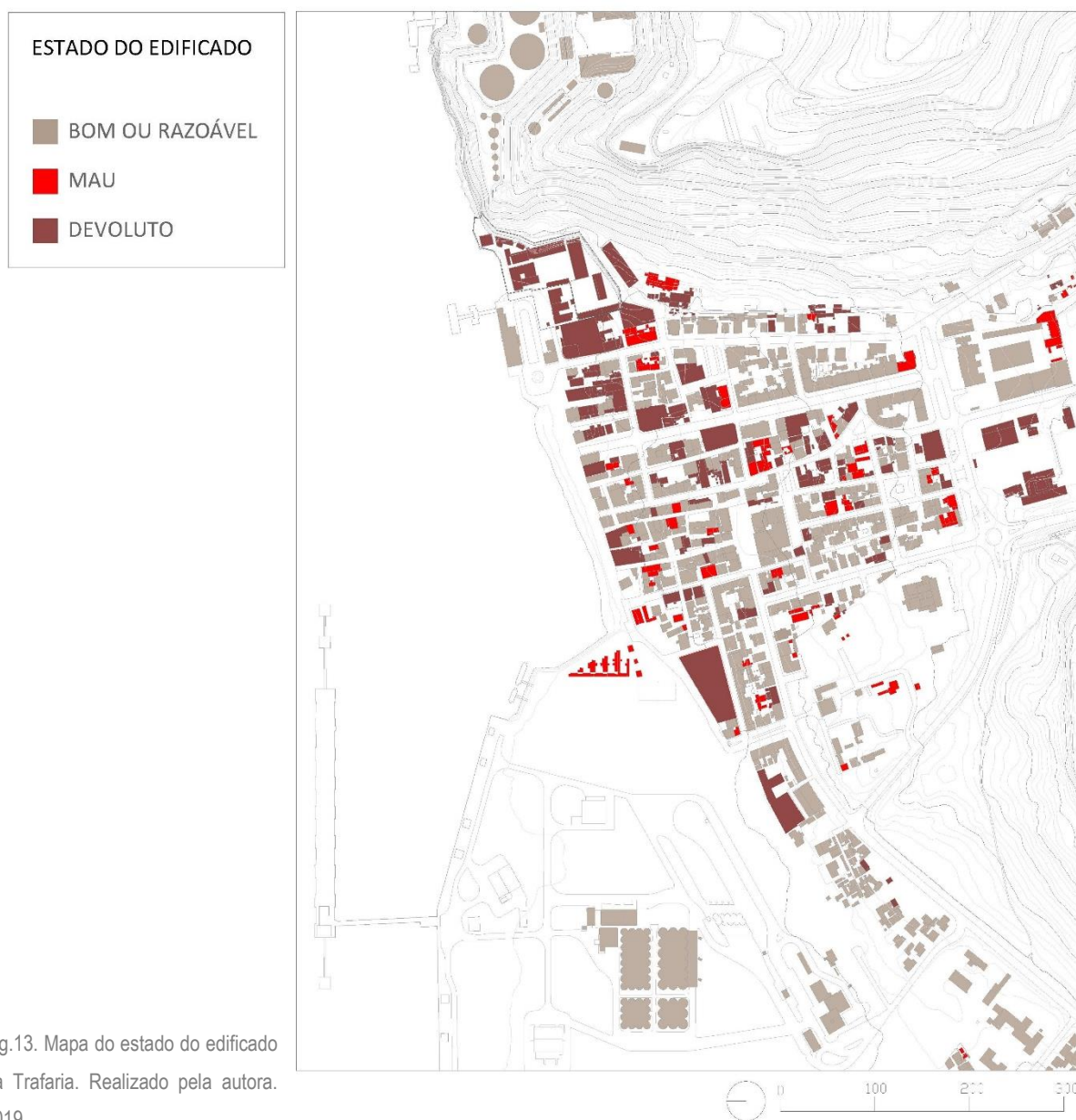


Fig.13. Mapa do estado do edificado da Trafaria. Realizado pela autora. 2019.

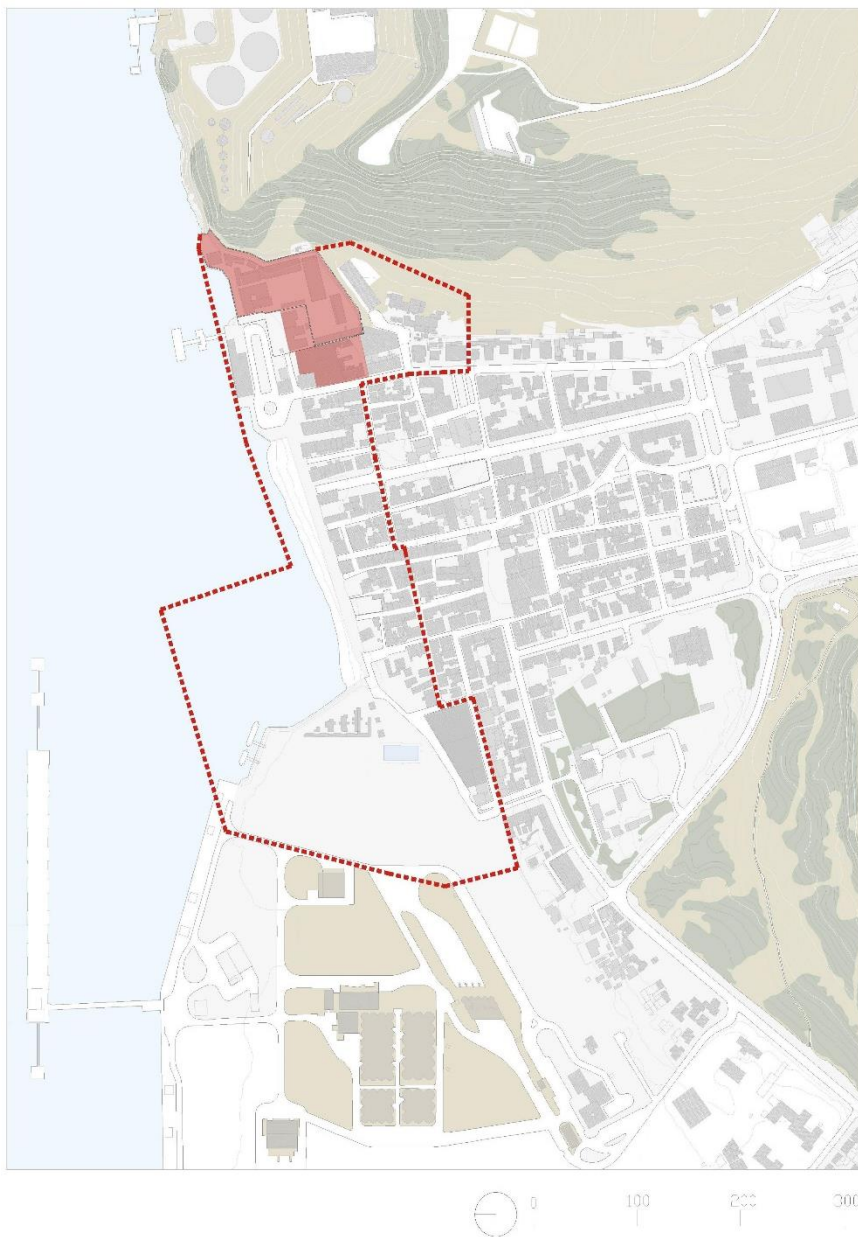


Fig.14. Planta da situação atual da Trafaria com marcação da área de intervenção urbana e arquitetónica. Realizada pela autora. 2019.



Fig.15. Ala das celas do antigo Presídio. Fotografia da autora. 2019.

### 3. LEITURA E ANÁLISE DO LUGAR DO ANTIGO PRESÍDIO MILITAR

#### 3.1. O PATRIMÓNIO DO ANTIGO PRESÍDIO MILITAR – LEITURA HISTÓRICA

Em 1903 Alois Riegl distingue “monumento” e “monumento histórico”. Do latim, a palavra *monumentum* provém do verbo *monere*, o que significa “lembrar a memória”. Françoise Choay define:

*“(…) o monumento como todo o artefacto (túmulo, estela, poste, totem, construção, inscrição ou conjunto de artefactos deliberadamente concebidos e realizados por uma comunidade humana, sejam quais forem a natureza e as dimensões (da família, à nação, do clã à tribo, da comunidade de crentes à cidade…) no sentido de fazer lembrar à memória viva, orgânica e afetiva dos seus membros, pessoas, acontecimentos, crenças, ritos ou regras sociais constitutivas da sua identidade.”*<sup>19</sup>

O que significa Património? Podemos definir Património como um conjunto de bens que tanto podem ser de valor material como de valor imaterial, que fazem parte da história de uma determinada nação e da sua relação com um lugar. Simplificadamente, o Património pode ser definido como o legado que é herdado do passado e transmitido às futuras gerações. O conceito de Património está ligado a tudo o que gera cultura, reconhecendo principalmente a diversidade cultural dos diversos elementos, a identidade de cada sociedade e a necessidade de preservar a mesma. De modo que o seu significado ganhe valor e seja entendido, todo o Património requer um estabelecimento de relações com a comunidade. Estando-lhe associados diversos valores, tornou-se num conceito difícil de definir, uma vez que o Património não é um conjunto de acontecimentos concluídos, encontra-se exposto a inúmeras reinterpretações ao longo dos tempos.

---

<sup>19</sup> CHOAY, Françoise. *As Questões do Património, Antologia para um Combate*. Lisboa: Ed. EDITORES 70, 2011, *op cit*, p11.

### **3.1.2. DO LAZARETO A LUGAR DEVOLUTO**

Na Trafaria, encontramos conjuntos edificados de interesse patrimonial que ganham destaque no seu contexto militar, tanto pela importância histórica das funções que desempenharam no passado, como pela sua monumentalidade ou características estéticas enquanto elementos de arquitetura notáveis, dada a época a que pertencem, compreendendo a identidade, a memória e a essência do lugar no seu contexto urbano.

A Trafaria está inegavelmente associada à imagem e à presença do Presídio, no entanto, o edifício que grande parte das pessoas nomeia de 'Presídio Militar da Trafaria' não compreendeu sempre essa função.

Após várias décadas em abandono e constante degradação, verificamos o complexo do Presídio da Trafaria, conhecido também como o Forte de Nossa Senhora da Saúde da Trafaria, ou simplesmente Forte da Trafaria, junto à encosta de Murfacém, um exemplar de arquitetura militar que passou por diversas alterações a nível dos seus usos e que representa várias épocas e acontecimentos históricos.

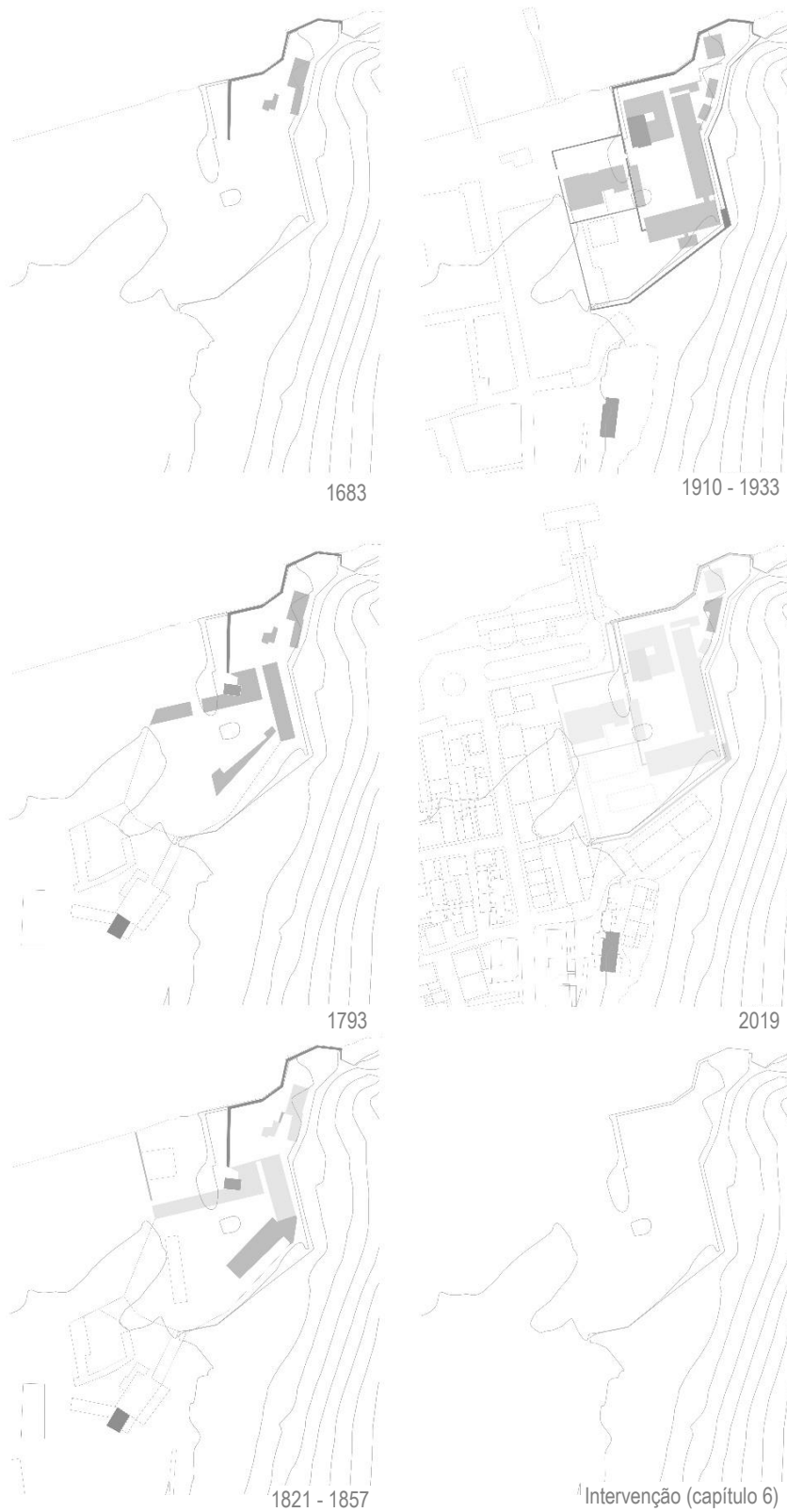


Fig. 16. Plantas da evolução do Presídio ao longo dos séculos. Elaborado em grupo (turma MIArq 5b). 2019.

## O LAZARETO

A 7 de agosto de 1565 o Cardeal D. Henrique mandou construir uma casa para *“algumas pessoas dos Reinos de Inglaterra e de outras partes que estão impedidas de maldades [...] serem postas em degredo, em parte onde se possam assoalhar o tempo que for necessário”*.<sup>20</sup> Assim, após a construção do Lazareto, todos os barcos que fossem provenientes de terras suspeitas eram forçados a atracar na Trafaria, onde as pessoas e as mercadorias ficavam retidas durante o tempo aconselhável e, apenas seguiam rumo a Lisboa quando fosse considerado seguro.

A Trafaria foi eleita como o local para a implantação do Lazareto devido à sua localização, pois tratava-se de um local deserto e afastado, mas simultaneamente de acesso fluvial bastante rápido e facilitado, além de dispor de um clima bastante salubre, soalheiro e com um arejamento constante de brisas provenientes do mar. A Trafaria tornou-se, assim, no depósito de tudo o que não era desejável para Lisboa.

## A BATERIA DA DEFESA DA BARRA DO TEJO

A Trafaria, devido à sua posição geográfica em relação à foz do rio Tejo é um local de elevada importância estratégica no que toca à defesa militar da entrada na barra de Lisboa. A primeira instalação a ser implantada no local foi o Forte de Artilharia, cuja construção se deu no final do século XVII, junto ao Lazareto. *“(...) D. Pedro II mandou construir junto ao “impedimento” da Trafaria um forte militar, para que em conjunto com os fortes da margem norte, com a Torre de S. Lourenço*

---

<sup>20</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.86.

*e com a Torre de S. Sebastião, formassem um sistema eficaz da defesa marítima de Lisboa.”<sup>21</sup>*

Em 1762, com a preocupação de uma possível invasão terrestre vinda do Sul, o Conde de Lippe apresentou ao Marquês de Pombal um plano que consistia na construção de uma linha de fortificações desde Almada até ao monte da Raposeira. No entanto, este projeto nunca chegou a ser executado, dado que a principal preocupação continuava a ser o Tejo e defender a entrada marítima do inimigo na capital. Assim, em 1797 foi concebida a “(...) *Brigada Real da Marinha, no âmbito da qual o Corpo de Artilheiros Marinheiros passaria a guarnecer “o Presídio da Trafaria, junto do qual se estabelecerá huma Bateria, que servirá ao Exercício, e onde se dará as necessárias lições aos artilheiros”.*<sup>22</sup>

Em 1807, D. João VI ordena a construção de uma bateria alta na Trafaria. Foram dispostos seis morteiros “ (...) *no monte entre o Presídio do Lazareto e o porto de Buxos, a mesma já se encontrava montada em 1808 quando as tropas francesas na primeira invasão (a única que atingiu a Caparica) tinham destacado dois batalhões que acampados em Murfacém, controlavam a Trafaria e a Barra do Tejo. O estacionamento desta força foi de curta duração: desde fevereiro até à sua retirada para Évora em julho de 1808.*”<sup>23</sup>

No princípio do século XX, entre os anos de 1902 e 1909, deu-se a construção das Baterias de Artilharia de Costa da Raposeira e de Alpena e, também, a construção do Quartel do Grupo de Artilharia nº4 na Trafaria. Estas três construções constituem o maior empreendimento de engenharia militar que se deu em todo o concelho de Almada.

---

<sup>21</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.76.

<sup>22</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.76.

<sup>23</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.76.

## O PERÍODO DE MULTIFUNCIONALIDADE DO COMPLEXO MILITAR DA TRAFARIA

No século XVII, o complexo do 'Presídio da Trafaria' dispunha simultaneamente de cinco funções importantes: militar, religiosa, fiscal, alfandegária e sanitária. Estas funções foram variando ao longo daquela época, admitindo alguma delas maior relevância, conforme as necessidades momentâneas. Em 1690 a designação mais comum do complexo era 'Lazareto da Trafaria', no entanto as instalações já não eram suficientes.

*“Em 1721 a Câmara de Lisboa manifestava junto ao Rei a necessidade de requalificação profunda do Lazareto, que constaria da construção de um muro que circundasse o recinto, da construção de um armazém novo e da tomada administrativa das casas contíguas para alojamento do pessoal.”<sup>24</sup>*

Em 1743 ocorreram uma série de reparações nos armazéns, muros e portas da cerca do conjunto edificado, de modo a garantir uma maior segurança, sendo mandada *“(...) fabricar uma casa, com as acomodações necessárias, para que servisse de enfermaria aos doentes que poderia ser preciso mandar-se para o dito lazareto (...)*”<sup>25</sup>

## PRESÍDIO MILITAR

*“O recinto do Lazareto estava murado, o acesso à Ermida restringido e uma enfermaria estava construída, o que deu muito jeito para que a partir de 1751 o Lazareto começasse a albergar condenados convalescentes que aguardavam deportação.”<sup>26</sup> Assim, dá-se início à utilização do complexo como Presídio Militar,*

---

<sup>24</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.87.

<sup>25</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.88.

<sup>26</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.88.

comandado pelo Capitão Pedro Baptista da Costa. Nessa época já não era relevante o estado de saúde do condenado, todos tinham de esperar pela decisão de deportação para o Brasil, África ou Índia. O complexo passou a ser então denominado de ‘Presídio do Lazareto’, tornando-se um símbolo eternamente associado à imagem da Trafaria.

Em 1797, a função prisional perde destaque com a implementação da Brigada Real da Marinha, quando uma “(...) *força do Corpo de Artilheiros Marinheiros dessa Brigada, passou a ocupar o Forte da Trafaria no qual se estabeleceu uma Bateria para exercício de Artilheiros. Esta decisão revela uma alteração da função militar, passando da Infantaria para Artilharia enquadrada na Marinha.*”<sup>27</sup>

No início do século XIX, o complexo volta a ter destaque com a função de Presídio, uma vez que as instalações não tinham capacidade de albergar os presos que chegavam para deportação, simultaneamente com a função de quarentena e defesa militar da barra do Tejo, o que levou à transferência do Lazareto para Porto Brandão. Assim, num período de Invasões Francesas, a função prisional volta a ser a predominante. Devido ao elevado número de prisioneiros franceses e à sobrelotação do complexo, estes ficavam presos em navios ancorados na Trafaria, o que com a falta de salubridade gerou vários doentes e mortos. Foi nestas circunstâncias que ocorreu a “(...) *transferência do Lazareto para a Torre de S. Sebastião (Torre Velha), por Decreto de 22 de outubro de 1815 o qual teve efeito a partir de 5 de abril de 1816, através do Edital da Junta de Saúde Pública. (...) Esta decisão teve como efeito a desativação de todo o complexo que existira até então, com o esvaziamento literal das instalações: em 1819 foram a hasta pública no Senado da Câmara de Lisboa os edifícios que tinham servido de Lazareto; em 1822 em mapa do Ministério da Guerra referia-se explicitamente ‘... o extinto presídio da Trafaria...’. E assim ficou até ao período miguelista.*”<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.89.

<sup>28</sup> Leal, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.91.

### A INUNDAÇÃO NO PRESIDIO MILITAR

No ano de 1829 foi feita uma inspeção ao Presídio da Trafaria com o objetivo da sua recuperação. O complexo encontrava-se já num elevado estado de degradação devido aos anos de abandono. Durante o abandono, todos os edifícios do Presídio sofreram uma inundação proveniente das águas da encosta.

Em 1830 tiveram início as obras de recuperação do complexo e em julho do mesmo ano foi nomeado Alexandre Evaristo de Lemos Rocha como novo comandante, o primeiro tenente de Armada. No ano seguinte, “(...) *uma esquadra francesa colocada ao largo do Cabo Raso encetou ações de apresamento a embarcações portuguesas, bloqueando a barra (...)*”<sup>29</sup> O sistema de defesa de Lisboa mostrou-se muito vulnerável face ao ataque dos franceses.

### O FIM DA FUNÇÃO DE PRESIDIO

Durante o reinado de D. Manuel II, o Presídio foi submetido a obras de requalificação para mais uma vez cumprir a função militar, tendo sido recuperada a ermida de Nossa Senhora da Saúde. Deste modo, os edifícios do antigo Presídio que encontramos hoje datam de 1908/1909, não existindo vestígios de épocas anteriores, à exceção da Bateria de Defesa da Barra do Tejo. Evidencia-se que após este reinado, o Presídio, o Forte e a Ermida tenham perdido as suas funções, passando apenas a existir um Posto de Fiscalização da Alfândega de Lisboa e um Posto de Saúde até ao final do século XX.

---

<sup>29</sup> Leal, Carlos. *Oufaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014, p.93.

## O LUGAR DEVOLUTO

O Presídio esteve abandonado no início do século XX. Na época do Estado Novo foi transformado em presídio e arquivo militar e disciplinar do estado, até 1981 e no ano de 2000 foi adquirido pela Câmara Municipal de Almada. Na atualidade, o Presídio Militar está parcialmente abandonado e em estado de permanente degradação. (V. SOUSA, 1981) Apesar de devoluto, o “edifício 3” (construção de meados do século XX), que se encontra dentro dos limites da muralha, é utilizado pela EDA (Ensaio e Diálogos Associação), que trabalha continuamente em propostas que visam a reativação do antigo Presídio e a sua conversão num espaço que preza a criatividade e liberdade.



Fig. 17. Edifício das Celas do antigo Presídio. Fotografia da Autora. 2019.



Fig.18. Vista do Percurso de Ronda sobre a encosta. Fotografia da autora. 2019.

### **3.2. A PAISAGEM, O LUGAR E O EDIFICADO – LEITURA MORFOLÓGICA**

Depois da leitura e análise histórica, é fundamental apreender os aspetos morfológicos que configuram o lugar atualmente, por meio da investigação das suas componentes físicas e materiais. Tendo passado, ao longo dos séculos, por consecutivas transformações ao nível da paisagem, do lugar e do edificado, busca-se desvendar a realidade pela qual o objeto de estudo se faz hoje comunicar. O objetivo não é apenas proceder a análises tipológicas e arquitetónicas do património existente, mas sim, apreender a relação de diálogo que se estabelece e que configura a singularidade da paisagem, do lugar e do antigo Presídio.

#### **A PAISAGEM E O LUGAR**

A Trafaria, insere-se num Território e numa Paisagem Cultural que abrange um troço da antiga estrada nacional e preserva quase intacto o diálogo de perfil urbano/rural. O aglomerado urbano estabelece um diálogo com a paisagem e com o horizonte, com pontos focais e alinhamentos com a Barra do Tejo, a cidade de Lisboa e com o perfil das Serras da Arrábida e de Sintra.

O tecido urbano da Trafaria é de cariz ortogonal e com os seus principais eixos direcionados de forma transversal ao rio, dando origem a alinhamentos visuais singulares, criando enquadramentos panorâmicos do estuário do Tejo e da Capital.

A Trafaria tem o seu crescimento condicionado por uma série de barreiras sociais, económicas e naturais. O seu aglomerado apresenta vazios urbanos e edificado devoluto em estado muito precário e espaços públicos pouco qualificados com ausência de espaços verdes e zonas de estar. Na paisagem destacam-se os silos da indústria cerealífera a noroeste, o Forte a nordeste, os aglomerados urbanos da Cova do Vapor a oeste e o Quartel Militar a Sul.

No que diz respeito à imagem do espaço urbano da Trafaria verificam-se dois possíveis percursos de chegada: a chegada por via náutica, através de barco, que dá a perceção de uma vista panorâmica sobre a povoação, adjacente à arriba na qual se encontra o antigo Presídio Militar, como pano de fundo deste, a encosta das Raposeiras com toda a sua vasta arborização, destacando o grande impacto visual que os silos existentes provocam. O segundo percurso dá-se ao longo da via que desce sobre a Trafaria, proveniente do Monte da Caparica, onde a vista panorâmica abrange o núcleo urbano e o estuário do rio Tejo com o seu recorte no horizonte originado pela margem norte.

Salienta-se a necessidade de preservar o património construído da Trafaria, pois para além da sua carga histórica e memorial estes são fundamentais para a imagem de um tecido urbano homogéneo. Os edifícios da Trafaria não apresentam grande destaque, devido ao carácter piscatório da vila, mas mesmo assim não devem ser esquecidos. Dentro do património cultural é de destacar a Igreja de S. Pedro, cuja construção se deu durante as primeiras décadas de 1800, no sítio onde esteve implantada a ermida de S. Jerónimo, construída antes do terramoto de 1755. A Igreja de Nossa Senhora da Saúde, que hoje não se encontra em funcionamento, e que tem lugar dentro Presídio. Destaca-se que esta igreja foi restaurada no início dos anos 10 do século XX. Por fim, salienta-se a Capela de Nossa Senhora da Conceição, que se localiza na quinta da Ladeira, que sofreu quase uma destruição total num incêndio em 1836. A Igreja hoje apresenta apenas partes dos seus paramentos e a torre do Campanário.<sup>30</sup>

Em relação ao tecido urbano da Trafaria, verifica-se que este apresenta poucos espaços abertos, apenas é observável três ou quatro largos, sendo que alguns são jardins que funcionam como zona de paragem e descanso, onde se destaca o Largo da República. As zonas verdes, na área de estudo, são muito escassas e, são poucas as ruas que apresentam arborização.

---

<sup>30</sup> BARROSO, José. *Trafaria – A Comunidade e o Recreio*. Almada: Universidade Nova de Lisboa, 1982.

O pavimento mais comum nas ruas da Trafaria é a calçada de calcário num tom claro. As ruas são estreitas, na sua maioria, com exceção da Avenida da Liberdade, a rua principal.

A praia da Trafaria localiza-se a norte e o seu estado é de acentuada degradação. Hoje é apenas utilizada como estacionamento para os barcos de pesca. O muro que acompanha a Avenida Marginal, que delimita a praia, é usado, por vezes, como local de estadia pela população. A mata que se localiza a sul e a poente da Trafaria é o ‘pulmão verde’ e de enquadramento que estabelece como limite o centro urbano da vila, tal como a encosta a nascente.

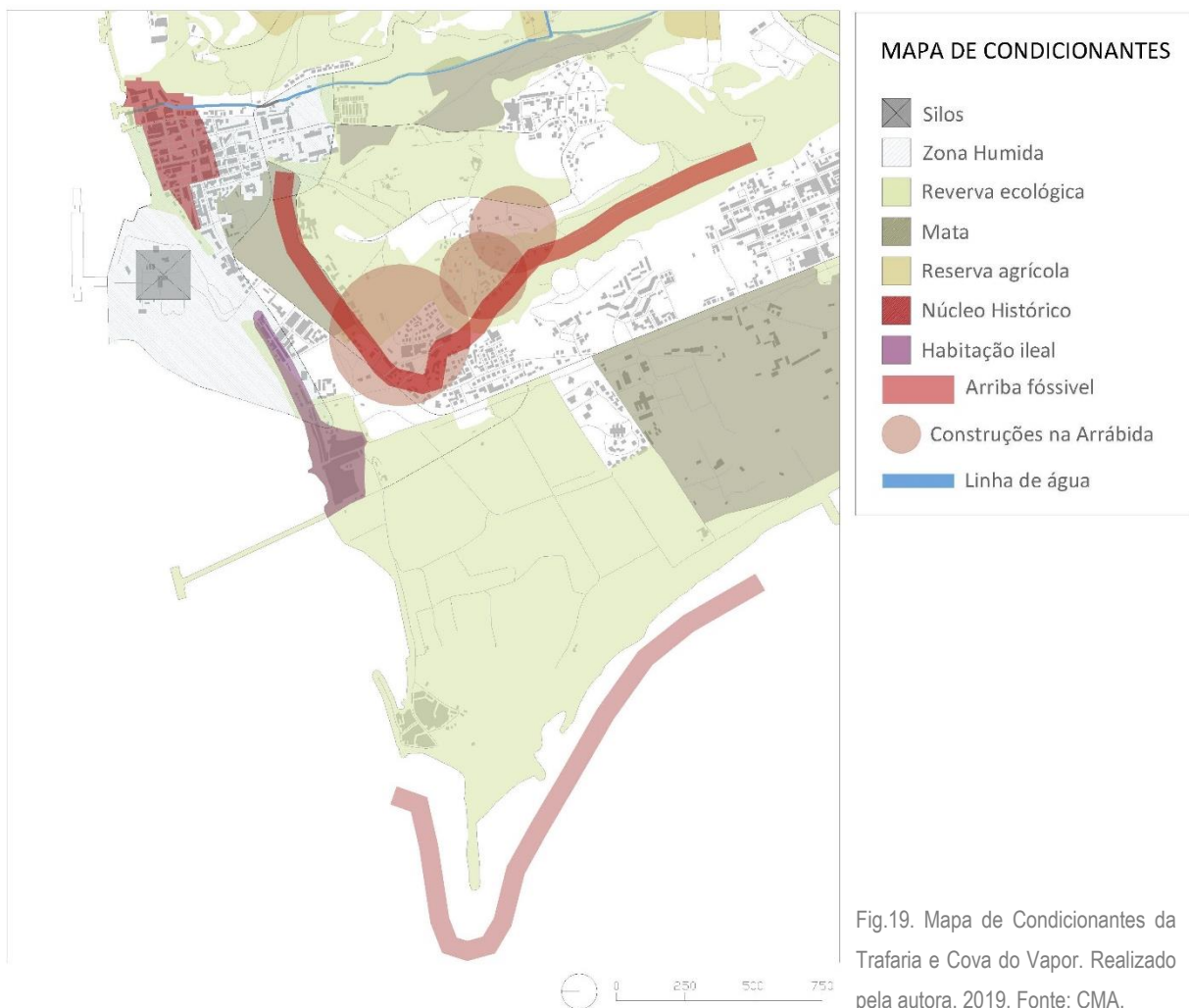




Fig.20. Mapa Topográfico de Almada à Cova do Vapor. Realizado pela autora. 2019.



Fig.21. Mapa da Rede Viária de Almada à Cova do Vapor. Realizado pela autora. 2019.

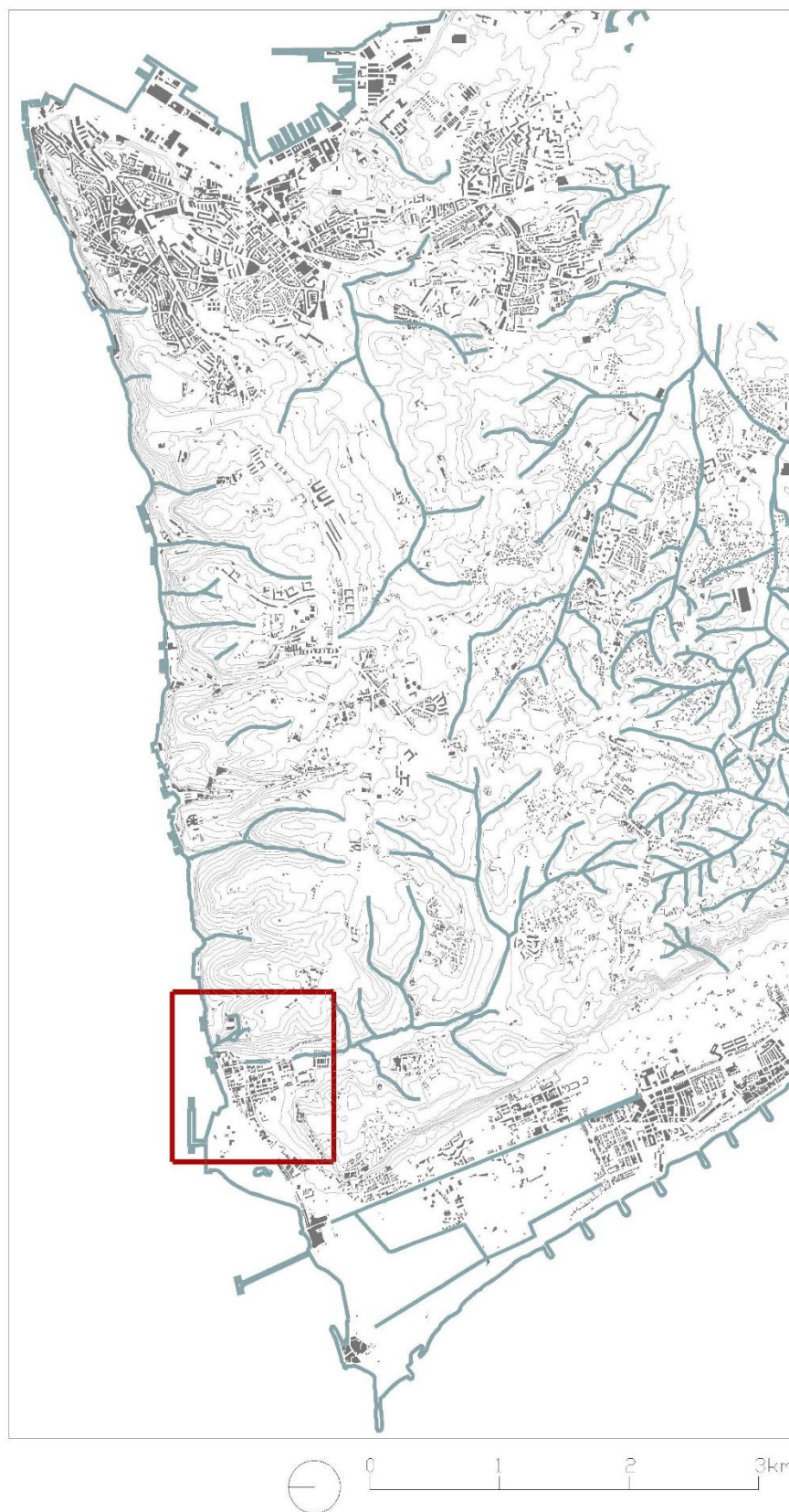


Fig.22. Mapa Hidrográfico de Almada à Cova do Vapor. Realizado pela autora. 2019.

## **O EDIFICADO DO PRESÍDIO DA TRAFARIA**

O edificado do Presídio da Trafaria é um conjunto do início do século XX, não tendo restado quaisquer elementos arquitetónicos anteriores à inundação, além da muralha de pedra da antiga Bateria de Defesa da Barra do Tejo.

### **Sistema e elementos construtivos do edificado:**

- Paredes exteriores em alvenaria de pedra e tijolo irregular argamassada;
- Paredes interiores em alvenaria de pedra e tijolo confinadas por uma malha ortogonal de montantes e de travessas;
- Paredes de tabique de tábua ao alto, fasquiado e argamassado;
- Funda o direta;
- Pavimentos em madeira, com apoio direto nas paredes exteriores;
- Coberturas inclinadas em telha de marseilha, com estrutura principal de suporte em asnas de madeira e estrutura secundária de suporte em ripas;
- Cantarias das portas e janelas em pedra calcária;
- Tetos interiores revestidos com gesso cartonado;
- Revestimento dos pavimentos em alcatifa, soalho de madeira, mosaico cerâmico ou ausência de qualquer tipo de revestimento;
- Claraboias, escadas, galerias, gradeamento das janelas e portas exteriores em ferro;
- Pavimentos exteriores em calçada de calcário, parte em tom claro e parte em tom escuro;

Em suma, o complexo edificado que constitui o Presídio da Trafaria destaca-se, essencialmente, pela sua escala e pelo seu aspeto exterior: uma construção sólida, associada à sua sobriedade construtiva. As suas fachadas são vigorosamente marcadas por uma fenestração regular, igual número de vãos de janela em cada piso. As coberturas são constituídas por telhados de 4 águas, estrutura de madeira e revestimento em telha cerâmica, que se distribuem transversalmente ao edifício. O Presídio é constituído por um conjunto de seis edifícios e alguns anexos.

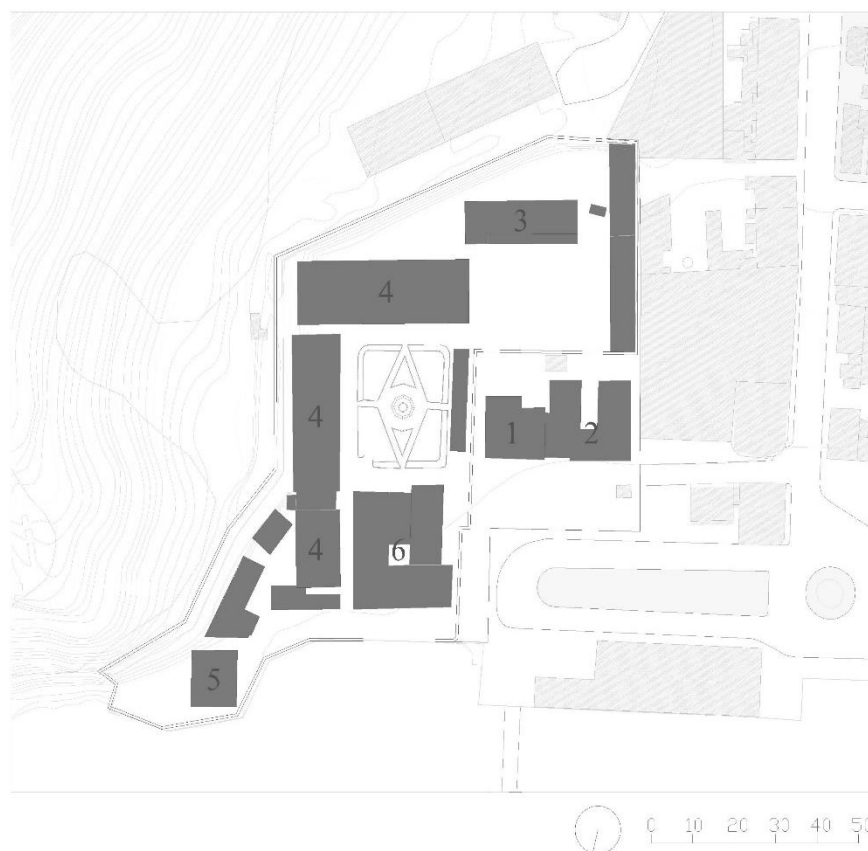


Fig.23. Planta da situação atual, com a numeração do edificado do complexo do Presídio. Realizada pela autora. 2019.

## EDIFÍCIOS 1 E 2

Os Edifícios 1 e 2, de caráter habitacional, possuem 7 metros de altura. O edifício 1 é constituído por apenas um piso, enquanto o edifício 2 é constituído por dois. Este edifício originalmente era semelhante ao edifício 1 em termos de fachada e apresentava, também, somente um piso. As paredes exteriores dos edifícios têm 0,50m e as paredes interiores 0,15m.



Fig.24. Fachadas principais dos edifícios 1 e 2. Fotografia da autora. 2019.

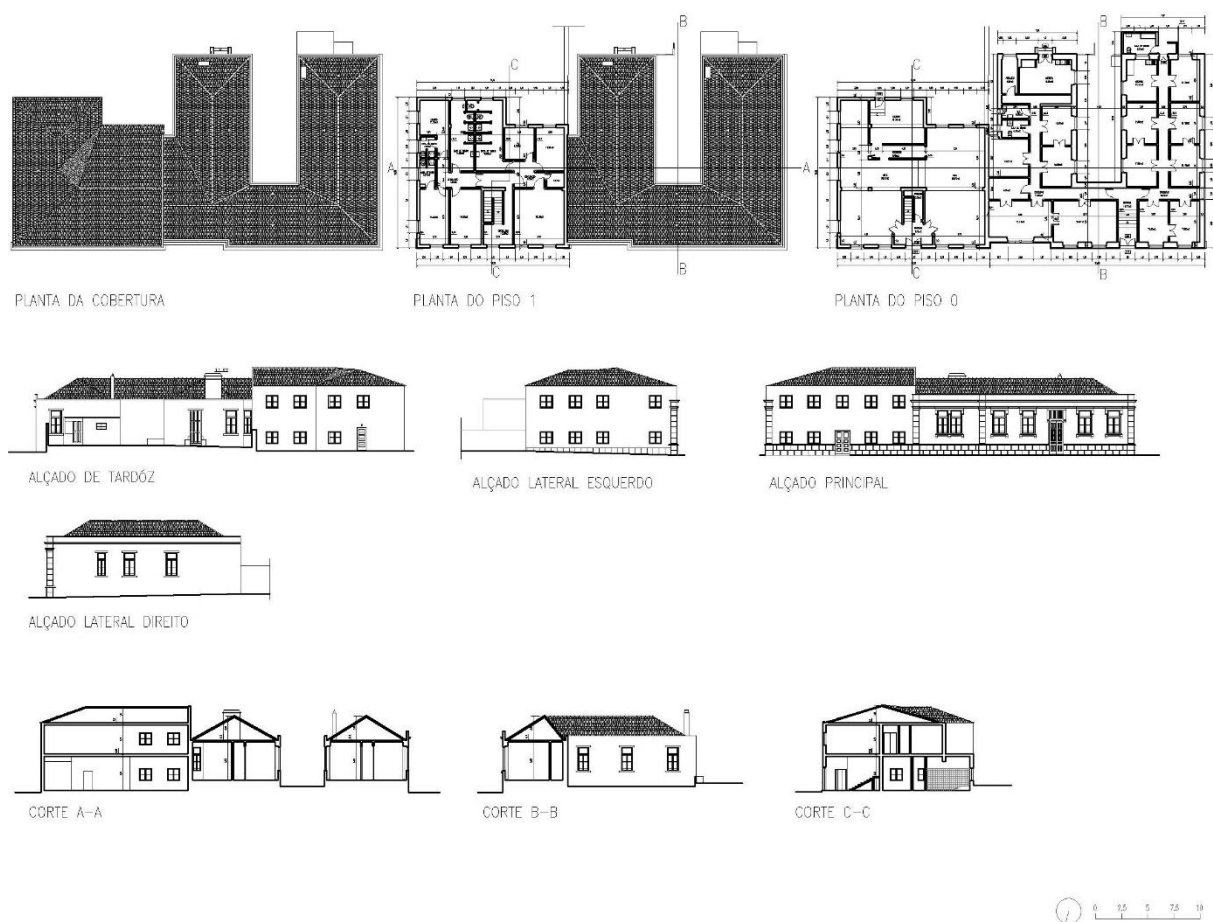


Fig.25. Peças desenhadas dos edifícios 1 e 2. Fornecido pela CMA. 2019.

### **EDIFÍCIO 3**

Trata-se do edifício de construção mais recente implantado dentro dos limites da muralha do Presídio. A sua construção data da segunda metade do século XX, o que torna o edifício discrepante em relação aos restantes. É composto por vãos pequenos e uma galeria exterior, distribuindo os seus espaços ao longo de três pisos. Com uma altura de 11,5 m, a construção em betão armado, apresenta paredes exteriores e interiores de 0,25 m.



Fig.26. Fachada Sul do edifício 3.  
Autor desconhecido.

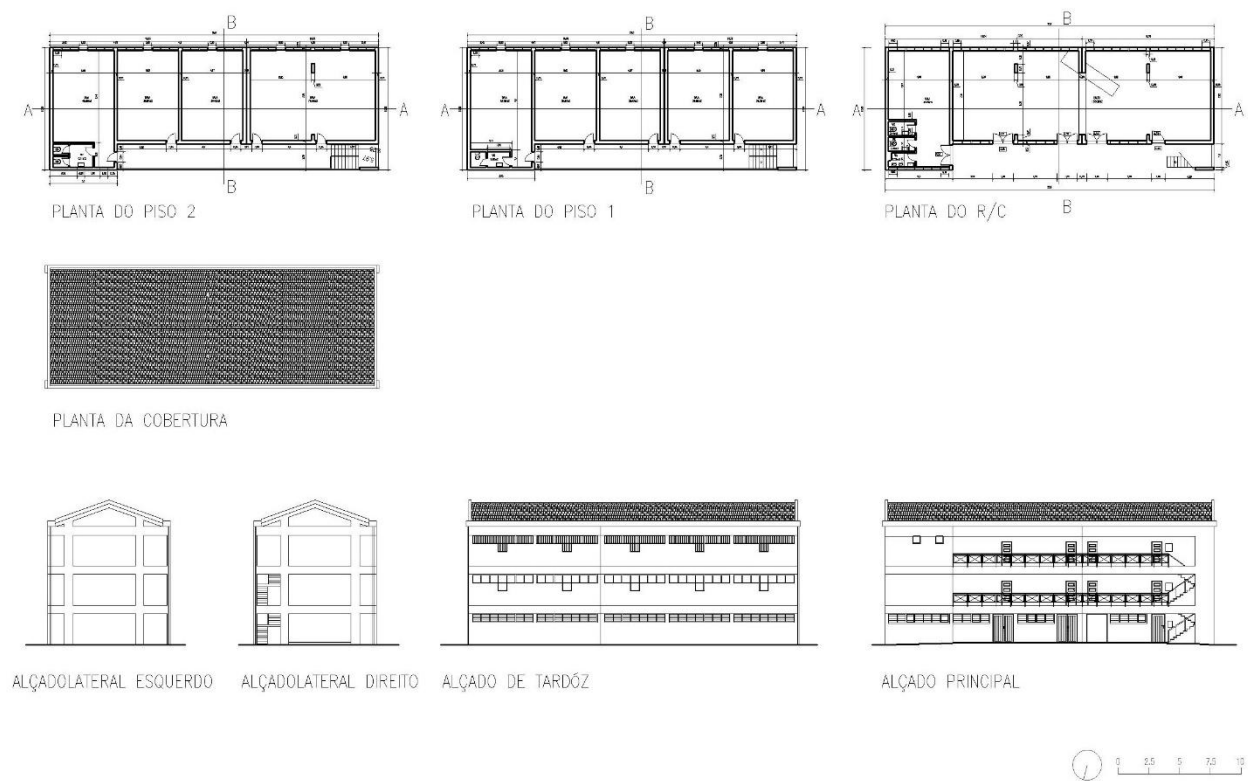


Fig.27. Peças desenhadas do edifício 3. Fornecido pela CMA. 2019.

## EDIFÍCIO 4

O edifício das celas é um dos mais emblemáticos do conjunto. Com 11 metros de altura, distribui-se em dois pisos. Trata-se de um edifício mais robusto, que conta com paredes exteriores de 0,80 m e paredes interiores de 0,45 m. Outras particularidades deste edifício são as duas grandes janelas de vitral nas suas extremidades, as três grandes claraboias e a sua galeria interior em ferro, uma peça única fabricada no Reino Unido.



Fig.28. Pormenor da galeria do Edifício das Celas. Autor desconhecido.

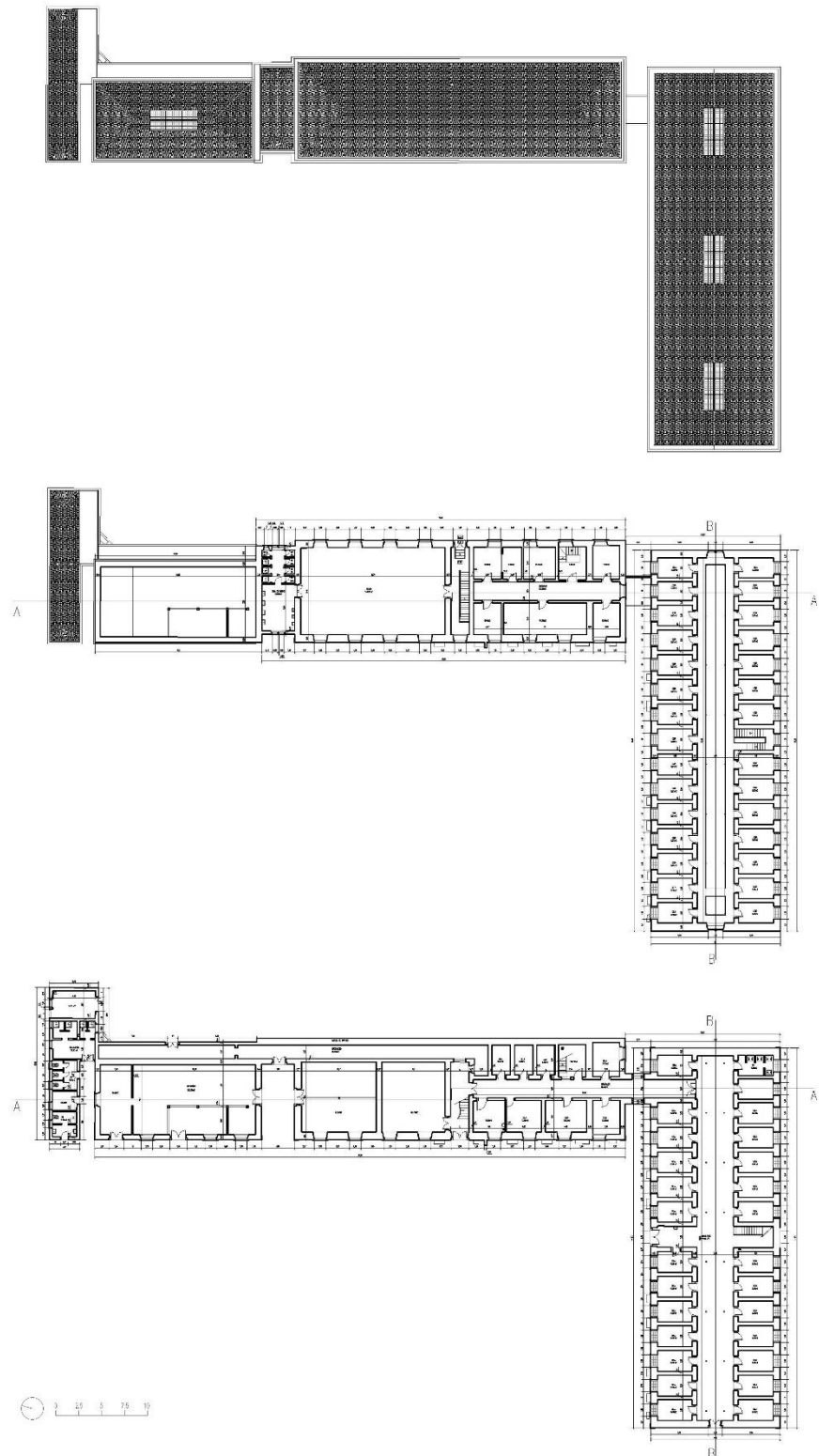


Fig.29. Plantas do edifício 4.  
Fornecido pela CMA. 2019.

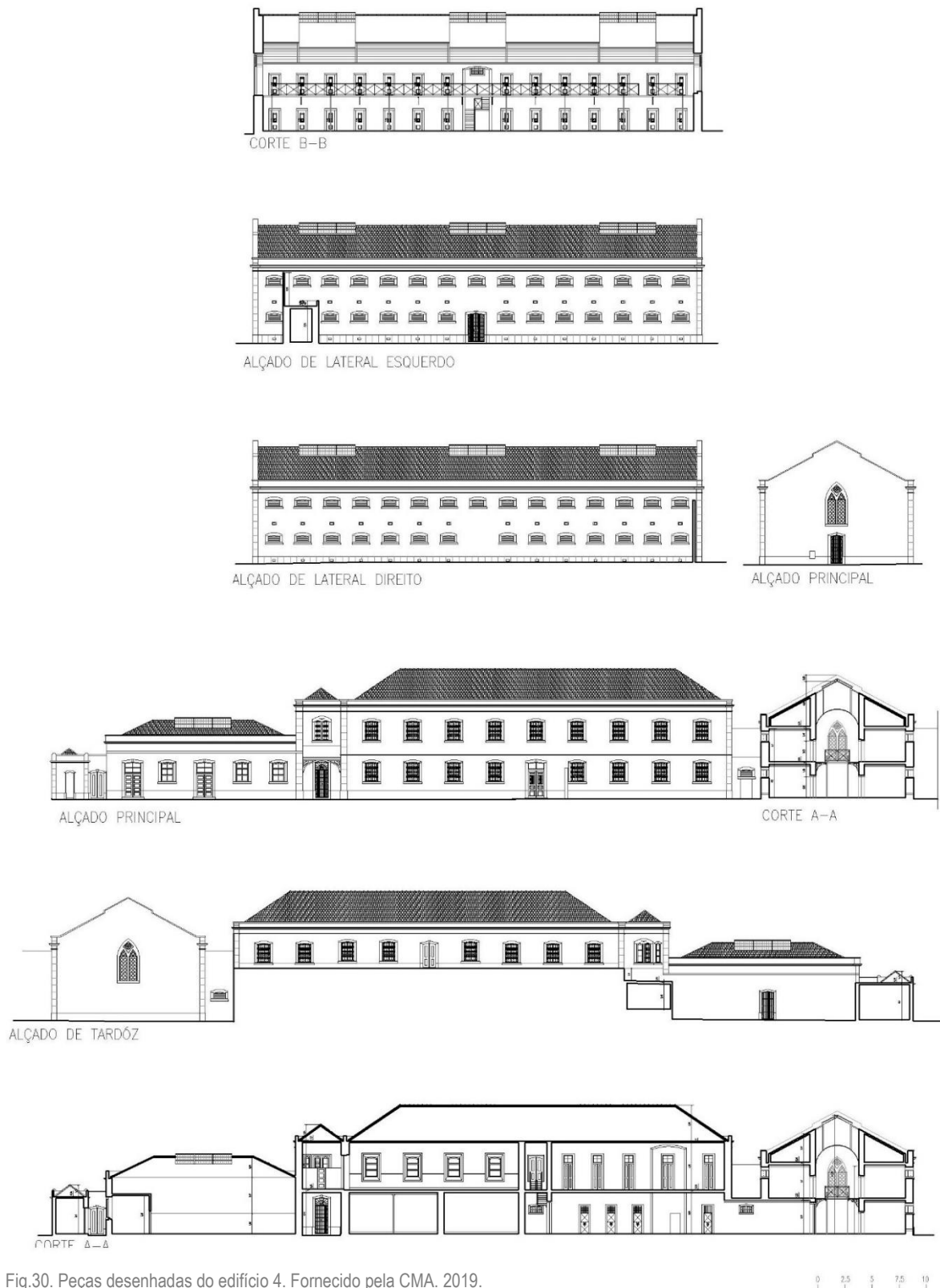


Fig.30. Peças desenhadas do edifício 4. Fornevido pela CMA. 2019.

## EDIFÍCIO 5

Este edifício de caráter habitacional, com 10 metros de altura, possui uma vista privilegiada para o Tejo. Tem uma área inferior aos restantes edifícios do presídio, possuindo apenas cinco compartimentos por cada um dos seus pisos. As suas paredes exteriores medem 0,50 m e as paredes interiores 0,15 m e 0,20m.



Fig.31. Fachada lateral esquerda do edifício 5. Fotografia da autora. 2019

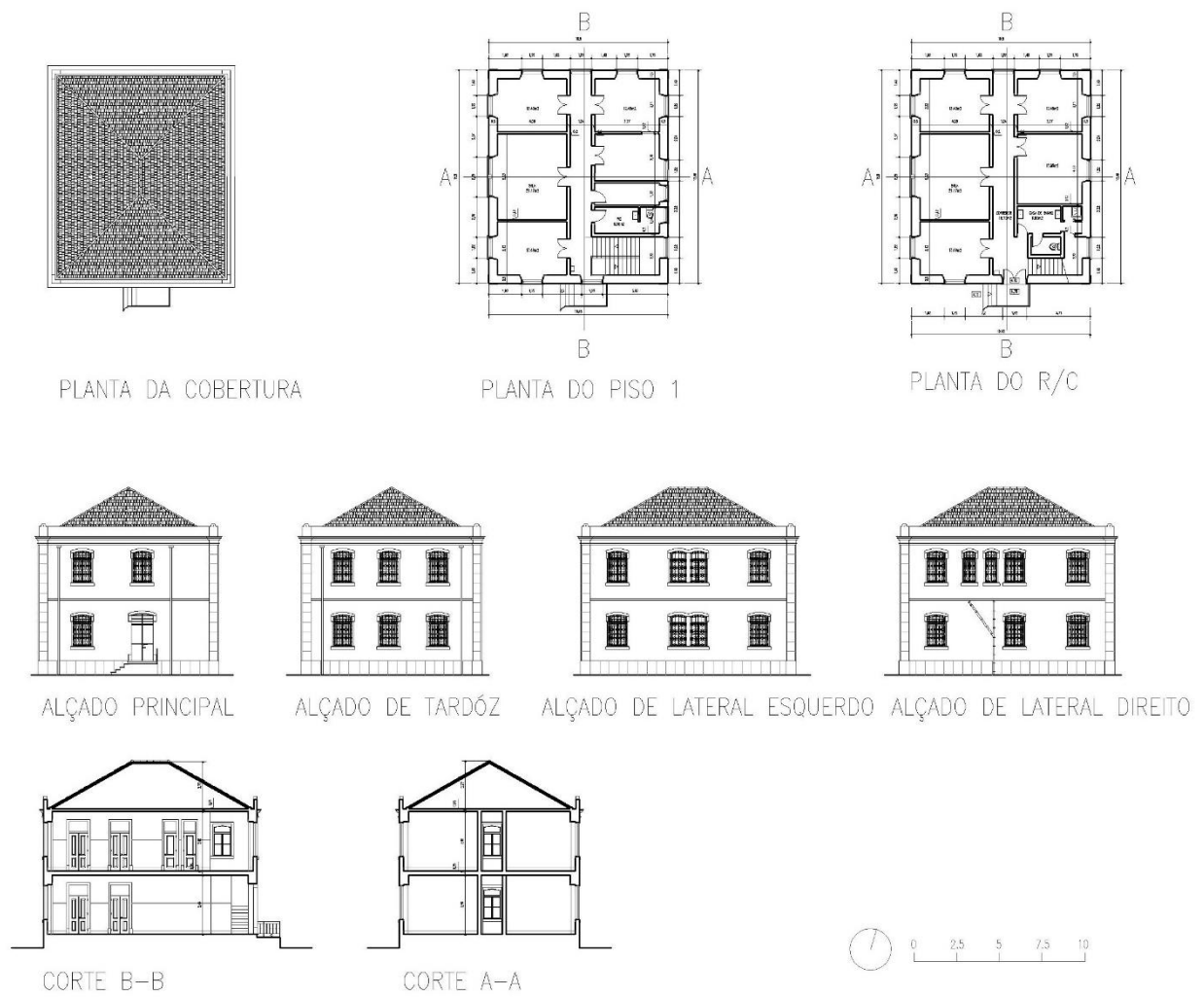


Fig.32. Peças desenhadas do edifício 5. Fornecido pela CMA. 2019.

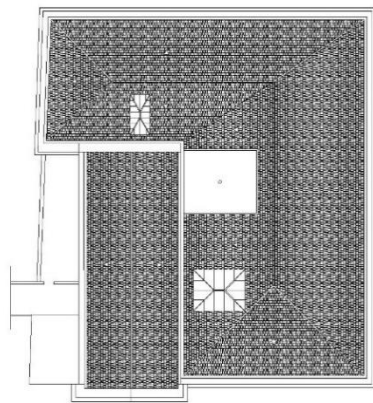
## **EDIFÍCIO 6**

O edifício 6, é constituído pela igreja e pelo edifício adjacente. A igreja e o edifício de caráter habitacional têm cerca de 12 metros de altura.

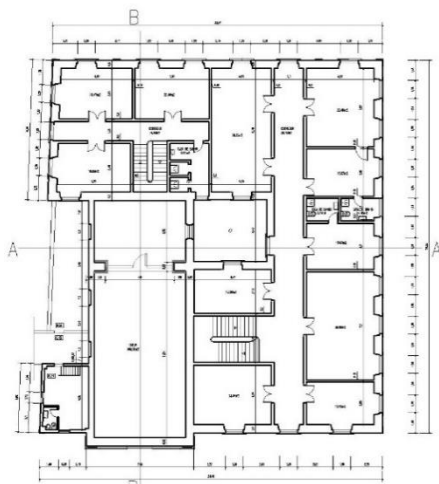
A igreja tem duplo pé direito, enquanto o outro edifício desenvolve-se em dois pisos. As paredes exteriores dos edifícios têm 0,60m e as paredes interiores 0,15m e 0,20m.



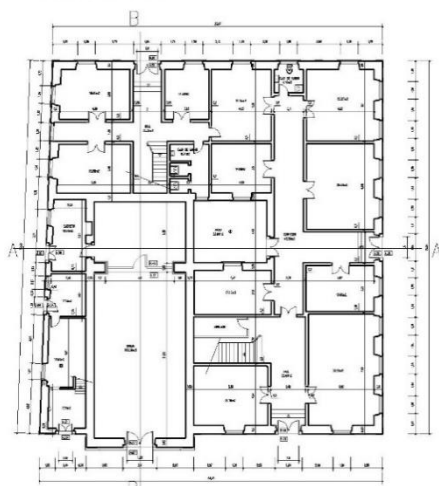
Fig.33. Fachada principal da Igreja.  
Fotografia da autora. 2019.



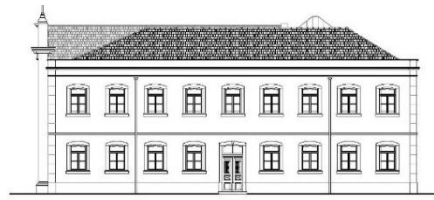
PLANTA DA COBERTURA



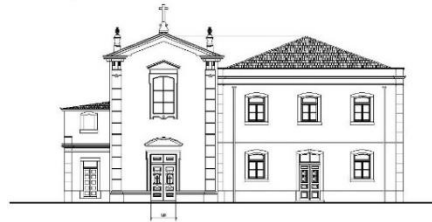
PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO R/C



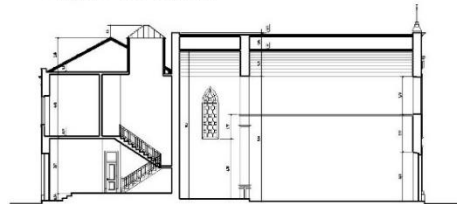
ALÇADO LATERAL DIREIRO



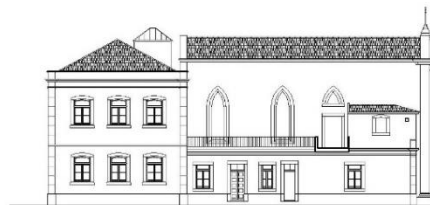
ALÇADO PRINCIPAL



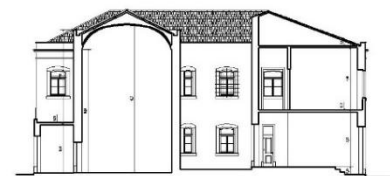
ALÇADO DE TARDÓZ



CORTE B-B



ALÇADO LATERAL ESQUERDO



CORTE A-A



Fig.34. Peças desenhadas do edifício 6. Fornecido pela CMA. 2019.

## **DIAGNÓSTICO DO ESTADO DOS EDIFÍCIOS DO ANTIGO PRESÍDIO**

A fase do diagnóstico deve ser valorizada, pois trata-se de uma etapa crucial que se não for executada de forma correta nos poderá levar a uma decisão desinformada, comprometendo todo o plano de trabalho e os respetivos resultados.

O processo do diagnóstico inclui: a identificação da anomalia; a determinação da natureza das causas; a extensão das alterações; e a avaliação das condições em que se encontra o objeto de estudo.

As várias visitas ao local de investigação foram o ponto de partida para uma correta análise e diagnóstico do edificado pré-existente, sendo a base para o pleno conhecimento e formulação de metodologias que sustentam toda a investigação e levantamento dos elementos arquitetónicos.

A análise minuciosa da pré-existência, representa a etapa fulcral para adquirir conhecimento de todas as suas características e peculiaridades. Perante a insuficiente documentação relativa aos componentes estruturais e arquitetónicos do edificado do antigo presídio, tornou-se imprescindível identificar e documentar as anomalias existentes, determinando se a origem das mesmas está ou não estabilizada, de modo a tomar as medidas apropriadas a fim de as colmatar.

## **ANOMALIAS**

### **ELEMENTOS ESTRUTURAIS – PAREDES DE ALVENARIA**

**Identificação da anomalia:** Desagregação dos rebocos e Calcinação (farinação)

**Descrição:** As Paredes exteriores em alvenaria de pedra e tijolo irregular argamassada com acabamento em argamassa de cal e pintadas de branco apresentam um elevado estado de degradação, onde já se verifica a ausência de reboco e tinta em grandes extensões. Há uma desagregação, o reboco solta-se e desfaz-se ao menor toque, tal como a tinta que se solta em grandes extensões.

**Diagnóstico:** Os rebocos das paredes são fracos, apresentam uma baixa resistência mecânica. Supõe-se que se deu a pintura direta sobre a superfície pintada com cal sem o prévio tratamento.

A degradação dos rebocos deu-se devido ao efeito da humidade, no seu percurso no interior da parede transportando sais, que depois de dissolvidos cristalizam com a evaporação da água, atingindo a superfície da parede. A cristalização provocou, sucessivamente, o intumescimento dos rebocos, o seu empolamento, fendilhação e desagregação. A tinta que resta das paredes está com farinação. Este fenómeno ocorreu devido à ação das intempéries que provocou a formação de um pó esbranquiçado na superfície pintada, devido à decomposição, isto porque o ligante da tinta degradou-se.

O conjunto de alterações que se deram nas paredes das pré-existências estão associadas à ausência de manutenção e obras de recuperação dos edifícios, comprometendo a capacidade mecânica do sistema construtivo.

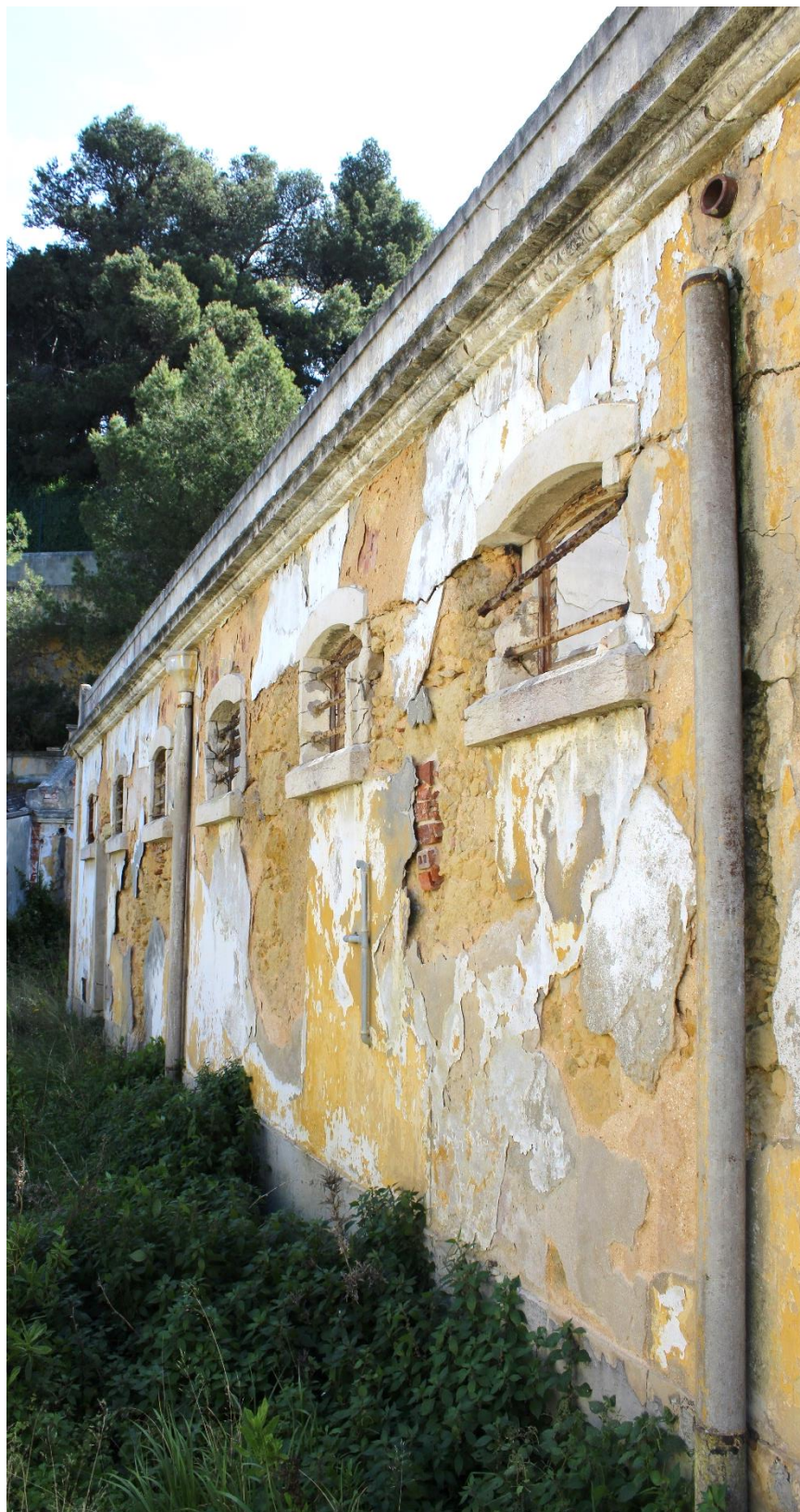


Fig.35. Fachada norte do edifício 4.  
Desagregação generalizada.  
Fotografia da autora. 2019.

## **ELEMENTOS ESTRUTURAIS – PAREDES DE ALVENARIA**

**Identificação da anomalia:** Colonização Biológica

**Descrição:** Os paramentos apresentam colonização biológica na sua superfície, em rebocos que incluem elementos estruturais como as paredes de alvenaria. Esta anomalia verifica-se de modo pontual ao longo dos vários edifícios, constatando-se a ocorrência de musgo e líquenes.

**Diagnóstico:** Esta situação ocorre devido ao facto de a sujidade presente nas superfícies da pré-existência estar sujeita a humidade permanente, o que potencia o fenómeno. Perante a ausência de limpeza, com decorrer do tempo, os líquenes desenvolvem-se e vão-se fixando em toda a superfície das paredes e de outros elementos. Esta ocorrência deve-se, assim, sobretudo à falta de limpeza e manutenção.



Fig.36. Parede estrutural do edifício 6.  
Colonização biológica dos rebocos.  
Fotografia da autora. 2019.

## **ELEMENTOS ESTRUTURAIS – COBERTURAS**

**Identificação da anomalia:** Lacunas e colapso de elementos das coberturas

**Descrição:** Algumas das coberturas inclinadas em telha de mardelha, com estrutura principal de suporte em asnas de madeira e estrutura secundária de suporte em ripas apresentam a total, ou quase total ausência destes elementos. Esta anomalia verifica-se nos anexos do antigo Presídio.

**Diagnóstico:** A anomalia em questão é quantificada com base na sua extensão, enquanto a sua qualificação é avaliada em generalizada ou pontual. As lacunas e colapsos das coberturas dos anexos tiveram origem em infiltrações de água e, exposição direta da mesma, originando o apodrecimento dos elementos da estrutura primária e secundária de madeira, tornando a estrutura frágil e levando a um conseqüente colapso.



Fig.37. Anexos do Presídio. Lacuna generalizada. Fotografia da autora. 2019.

## **ELEMENTOS ESTRUTURAIS – COBERTURAS**

**Identificação da anomalia:** Fratura das coberturas

**Descrição:** Em alguns anexos do antigo Presídio, constata-se um desalinhamento estrutural da cobertura. Em termos visuais pode-se descrever a deformação que ocorreu na estrutura como flecha excessiva.

**Diagnóstico:** A anomalia em causa é quantificada pelo deslocamento que se deu de forma descendente em relação aos apoios. Na base desta ocorrência está o humedecimento que ocorreu na estrutura principal de suporte em asnas de madeira que, simultaneamente, com as condições climáticas adversas originou deformações ao nível da madeira que causaram a sua posterior fratura.



Fig.38. Anexos do Presídio. Deformação da estrutura de suporte. Fotografia da autora. 2019.

## **ELEMENTOS ESTRUTURAIS – COBERTURAS**

**Identificação da anomalia:** Ausência de impermeabilização

**Descrição:** As coberturas inclinadas em telha marselha, com estrutura principal de suporte em asnas de madeira e estrutura secundária de suporte em ripas não apresentam qualquer tipo de impermeabilização.

**Diagnóstico:** A inexistente impermeabilização nas coberturas dos edifícios do antigo presídio originou uma série de anomalias, tais como a cedência de parte da estrutura da cobertura, causada pelas infiltrações de água, que consequentemente foram deteriorando os elementos, causando a sua cedência e colocando em risco a segurança. Este fenómeno ocorre devido às transformações da madeira, expansão e contração (ciclo de molhagem/secagem), causado pela presença de água que provoca a movimentação das madeiras e o seu eventual apodrecimento.

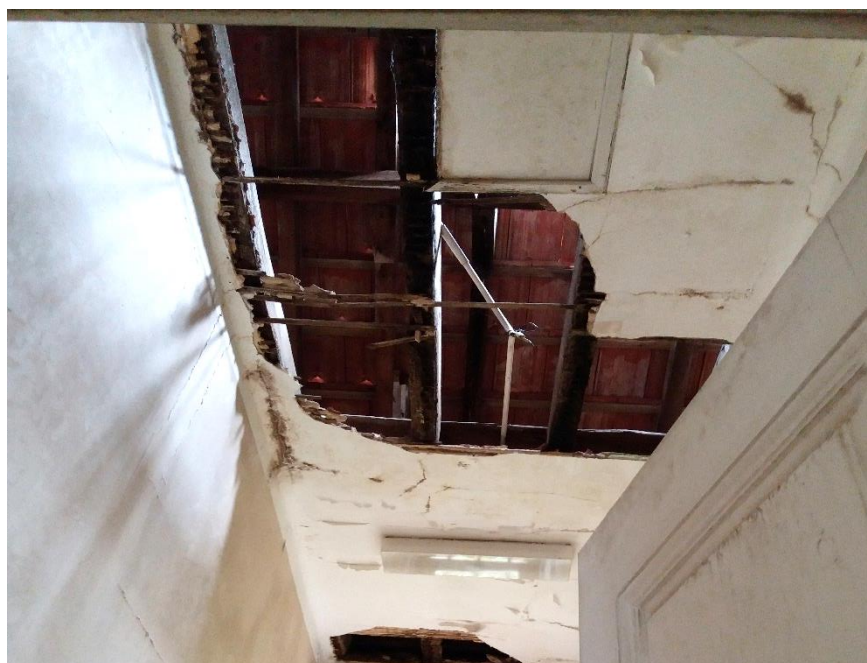


Fig.39. Cobertura do edifício 6 vista do interior. Colapso da estrutura secundária. Fotografia da autora. 2019.

## **ELEMENTOS CONSTRUTIVOS- PEDRA DE CALCÁRIO**

**Identificação da anomalia:** Colonização biológica

**Descrição:** Podemos constatar esta anomalia nas cantarias de todos os edifícios do complexo do antigo presídio, sendo visíveis extensões de líquenes e musgo.

**Diagnóstico:** A colonização biológica ocorre quando microrganismos existentes no material pétreo entram em contacto com a humidade atmosférica. Esta ocorrência advém da inexistente limpeza e manutenção das fachadas.



Fig.40. Pátio interior do edifício 6. Líquenes e musgos. Fotografia da autora. 2019.

## **ELEMENTOS CONSTRUTIVOS- ELEMENTOS EM GESSO CARTONADO – TETOS INTERIORES**

**Identificação da anomalia:** Apodrecimento da madeira e descolagem do gesso cartonado (edifícios 5 e 6)

**Descrição:** A estrutura de madeira encontra-se bastante degradada e verifica-se a descolagem do gesso cartonado que reveste os tetos.

**Diagnóstico:** Esta patologia ocorre pela intrusão indesejada de água pela cobertura, devido a falta de eventuais telhas e, sobretudo devido à ausência de impermeabilização da mesma. Os elementos em madeira, em contacto com a humidade, alteram a sua dimensão e propriedades, o que fragiliza gravemente as suas capacidades estruturais. Esta situação aumenta as zonas de intrusão de água e provoca o destacamento do revestimento interior em gesso cartonado.



Fig.41. Teto de sala do edifício 6.  
Descolagem do gesso cartonado.  
Fotografia da autora. 2019.

## **ELEMENTOS CONSTRUTIVOS- ELEMENTOS EM FERRO**

**Identificação da anomalia:** Degradação de elementos metálicos

**Descrição:** Todos os elementos em ferro que constituem o conjunto edificado do complexo estão em mau estado de conservação, sendo estes: claraboias; gradeamento das janelas; escadas; galerias; e portas.

Os elementos metálicos apresentam sujidade e corrosão em grandes extensões, no entanto, à exceção da galeria e da claraboia do edifício das celas, a corrosão não afeta a estabilidade dos elementos.

**Diagnóstico:** O mau estado dos elementos metálicos deve-se à falta de cuidados de manutenção, à exposição solar direta e à chuva. A excessiva entrada de água pela cobertura do edifício das celas foi a principal causa da corrosão dos pilares estruturais da galeria.



Fig.42. e Fig.43. Galeria em ferro do edifício das celas. Corrosão em grandes extensões. Fotografias da autora. 2019.

## **ELEMENTOS CONSTRUTIVOS- ELEMENTOS EM MADEIRA – PORTAS E JANELAS**

**Identificação da anomalia:** Degradação da madeira e descascamento da tinta

**Descrição:** Verifica-se a degradação das portas e da caixilharia de madeira das janelas e, o conseqüente destacamento da tinta, que deixa o material em contacto direto com os agentes atmosféricos.

**Diagnóstico:** O estado de degradação da madeira resulta da falta de manutenção e envelhecimento do próprio material. A exposição solar queimou o esmalte, acabando por detonar a tinta e levar à sua posterior desagregação. Esta situação promove a deficiente estanquicidade entre o vidro e a caixilharia, o que a torna vulnerável à infiltração de água, humedecendo a madeira e fazendo-a dilatar.



Fig.44. e Fig. 45. Portas e caixilhari-  
as em madeira dos edifícios do Presídio.  
Descascamento da tinta em grandes  
extensões. Fotografias da autora.  
2019.

## **ELEMENTOS CONSTRUTIVOS- ELEMENTOS EM MADEIRA – ESCADAS**

**Identificação da anomalia:** Apodrecimento e degradação da madeira

**Descrição:** Em alguns degraus das escadas interiores em madeira é possível observar manchas de humidade que causam o apodrecimento do material. Os elementos da madeira encontram-se deteriorados e com manchas esbranquiçadas. No corrimão, a madeira está pontualmente sem tinta, além de fragilizada, pois movimenta-se ao toque. A tinta de revestimento encontra-se maioritariamente descascada.

**Diagnóstico:** O apodrecimento da madeira resulta da infiltração de água pela cobertura, que se dirige por meio das paredes junto às escadas, percorrendo-as até atingir os elementos em madeira. As fendas que são visíveis em alguns degraus surgiram por falta de manutenção e envelhecimento do próprio material. O descascamento da tinta é consequência da humidade que predomina no material.

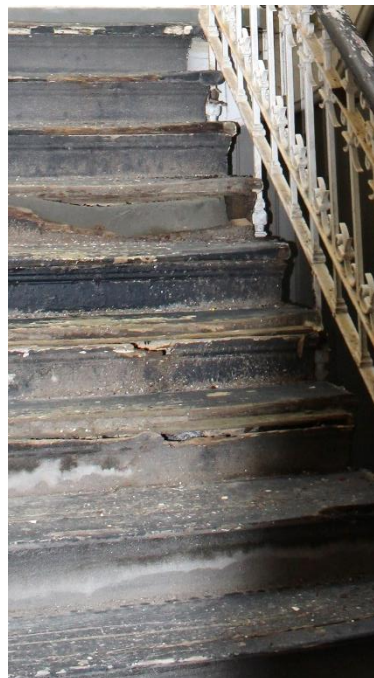


Fig.46. e Fig.47. Escadas do edifício 6. Apodrecimento e degradação da madeira dos degraus. Fotografias da autora. 2019.

## **ELEMENTOS CONSTRUTIVOS- ELEMENTOS EM MADEIRA – SOALHO**

**Identificação da anomalia:** Fendilhação e degradação da madeira

**Descrição:** Observa-se fendilhação entre os elementos de madeira que constituem o pavimento de alguns compartimentos do presídio. O pavimento apresenta manchas esbranquiçadas em toda a sua extensão, assim como a perda de brilho e riscos em várias direções. Existe espaçamento entre os rodapés e o soalho.

**Diagnóstico:** As juntas entre as réguas, as manchas claras e a falta de brilho do pavimento têm origem na falta de ventilação e manutenção. A situação que se verifica no rodapé pode ter ocorrido através do empenamento das paredes ou pela alteração da dimensão dos elementos de madeira do pavimento.



Fig.48. e Fig.49. Sala do edifício 6 com revestimento em soalho de madeira. Fendilhação e degradação da madeira. Fotografias da autora. 2019.

## **ELEMENTOS CONSTRUTIVOS - MOSAICO CERÂMICO - PAVIMENTOS**

**Identificação da anomalia:** Fissuras e manchas

**Descrição:** Os elementos cerâmicos que continuam o pavimento de alguns dos compartimentos do presídio encontram-se desgastados, fissurados e quebrados. O pavimento apresenta manchas esbranquiçadas, em quase toda a sua dimensão, e manchas escuras pontualmente.

**Diagnóstico:** O desgaste e a fendilhação, além da presença de elementos quebrados pode ser uma consequência da deficiente aplicação do material ou da excessiva utilização do espaço.



Fig.50.e Fig.51. Sala do edifício 5 com revestimento em mosaico cerâmico. Desgaste e fendilhação. Fotografias da autora. 2019.



Fig.52. Vista a partir do edifício 5.  
Fotografia da autora. 2019.

### 3.3. VALORES A PRESERVAR E OPORTUNIDADES – SENTIDO DO LUGAR

A proteção do Património Militar baseia-se nos valores do Património Cultural. Existem vários valores inerentes ao património que tornam possível fundamentar a sua proteção e preservação. Após uma análise na Direção-Geral do Património Cultural, chegou-se à conclusão de que o objeto de estudo apresenta valor natural/paisagístico, valor arquitetónico, valor histórico, valor social e valor imaterial. O Presídio da Trafaria, conjunto edificado do início do século XX, com vestígios da sua anterior função de Bateria de Defesa da Barra do Tejo (século XVII), compreende, assim, vastos valores.

Após a análise relativa aos valores do património do antigo Presídio da Trafaria, defendo que o conjunto edificado contém valor patrimonial que evidencia a imprescindibilidade de proceder à sua reabilitação e preservação. É relevante indicar que a salvaguarda do Património Militar é uma ocorrência bastante recente, dado que durante décadas não foi conferido qualquer tipo de valorização a estes exemplares de património.

Acredita-se que o antigo Presídio da Trafaria ainda conserva um vasto valor cultural a ser preservado, justificando-se a emergência em salvaguardar os seus valores de autenticidade, identidade e memória. O entendimento da necessidade de conservar e preservar é apurado quando é constatada informação a salvaguardar e disseminar às gerações futuras.

O Presídio da Trafaria, não se trata apenas de um testemunho da história militar da defesa da Barra do Tejo e dos conflitos políticos, uma vez que se afirma a sua qualidade e técnica construtiva, dimensão e localização, apresentando-se como uma peça que confere valor a este território, invocando o passado que, pela sua singularidade, retrata memórias sociais sobre a pré-existência ou sobre antigos elementos que sofreram alterações com o decorrer do tempo, como é o caso das alterações que o edifício sofreu em consequência da sua constante adaptação a novos usos e, ainda, das catástrofes naturais ocorridas. Deste modo, a identidade da pré-existência invoca-nos à memória do passado e à imprescindível

necessidade da sua valorização, pela geração atual e futura, pois trata-se de um legado que requer a sua inclusão na vida da sociedade contemporânea.

Nesta perspetiva, a identidade é traduzida pela visão da sociedade perante a pré-existência, compreendendo-a como um todo, ou seja, enquanto objeto que estabelece uma forte relação com o território envolvente, tendo potencial para regenerar este espaço através de novas funções. A autenticidade do objeto de estudo tem de ser salvaguardada, através de medidas como o respeito pela sua escala, a relação que este estabelece com a envolvente construída e as suas características arquitetónicas. Por fim, mas não menos importante, ressalta-se a importância dos princípios da conservação da autenticidade, não procedendo a quaisquer modificações a nível dos sistemas construtivos e de ação estrutural, tal como a escolha de materiais compatíveis para que não haja qualquer risco de comprometer a pré-existência. Estes princípios são imprescindíveis em qualquer intervenção realizada por meio de um projeto de reabilitação.

Em suma, apreende-se que quando é compreendida a importância do edifício na vinculação da memória, adquire-se noção de como é fundamental que o futuro tenha presente os vestígios do seu passado.



Fig.53. Vitrais do edifício das celas.  
Fotografia da autora. 2019.

#### **4. CASOS DE REFERÊNCIA**

Numa sociedade contemporânea em constante mutação e na falta de consistência relativamente aos valores identitários, históricos, culturais e sociais, podem suceder-se transformações que nos impõem a necessidade de desenvolver medidas alternativas que deem resposta às exigências dos novos tempos.

A escolha dos casos de referência consiste na passagem, e simultânea correlação, entre a componente teórica do projeto final de mestrado e a sua aplicação num contexto real, de modo a confinar a sua vinculação com a proposta de projeto urbano e arquitetónico. As propostas mencionadas neste capítulo são diversificadas, porém evidenciam semelhanças, tais como: tratar-se de edifícios devolutos com valor patrimonial, menosprezados no tecido urbano e, serem vistos como uma oportunidade para a criação de espaços que sirvam a sociedade contemporânea, através da sua adaptação às demandas dos tempos atuais.

Apresenta-se, em seguida, a análise de projetos de reabilitação urbana e arquitetónica. As propostas de ambas as escalas proporcionam uma vasta aprendizagem sobre a regeneração, apropriação e otimização dos espaços devolutos e/ou desvalorizados, por meio de novos elementos que estabelecem um diálogo com as pré-existências, respeitando-as e criando uma unidade.



Fig.54. Reconversão do Porto da Horta. Vista panorâmica. Fotografia de João Morgado.

## 4.1. RELAÇÃO COM A INTERVENÇÃO URBANA

### RECONVERSÃO DO PORTO DA HORTA

A Reconversão do Porto da Horta do atelier RISCO, desenvolvida entre 2005 e 2012, consistiu na criação de uma bacia portuária no lado norte da cidade, reservada ao tráfego de passageiros e disposta de uma gare marítima. Com este projeto foi possível desobstruir a bacia sul, de modo a garantir a pesca e náutica de recreio e, ainda, gerar novos espaços de carácter público

O trabalho bem articulado com a equipa de engenharia, permitiu criar o molhe de proteção a sul da ribeira da Conceição, no extremo a norte da marginal. Com esta cooperação foi possível, ainda, regular a geometria da obra, que é entendida como um gesto claro, um marco na paisagem, articulado com a linha de costa, com a escala da cidade, e a sua conexão com a marginal, que faz claramente perceber mais uma fase do desenho da margem.

A nova gare desenvolve-se como uma linha no horizonte, um volume alongado, a uma cota menor do que o passeio ribeirinho, sob a qual se distribuem os espaços de apoio aos passageiros e as circulações funcionais de interface entre a zona portuária e o núcleo urbano.<sup>31</sup>

À semelhança deste projeto, propõem-se na intervenção da Frente Ribeirinha da Trafaria uma nova estação fluvial, que se desenvolve como uma linha horizontal sobre a água, que acolhe espaços de apoio aos passageiros e ao parque urbano. Este novo corpo ‘desenha’ a nova marina de recreio.



Fig.55. Reconversão do Porto da Horta. RISCO. 2012. Alçado Sul.

<sup>31</sup> Disponível em: <[https://www.risco.org/projects/porto-da-horta\\_44](https://www.risco.org/projects/porto-da-horta_44)>



Fig.56. Reversão do Porto da Horta. RISCO. 2012. Planta de Localização.

0 40 60m  
Planta de localização  
Location plan



Fig.57. Reversão do Porto da Horta. Perspetiva do novo edifício. Fotografia de João Morgado.

## **PASSEIO RIBEIRINHO DO SEIXAL**

O prolongamento do Passeio Ribeirinho do Seixal, do atelier RISCO, elaborado entre 2009 e 2017, tem características simbólicas e morfológicas que lhe conferem um valor patrimonial e cultural único.<sup>32</sup> O crescimento da cidade velha permitiu construir um percurso com atributos físicos distintos. A regeneração do espaço público foi vista como uma oportunidade para refletir sobre o papel do centro histórico, reforçando a relação histórica com o rio na baía do Seixal.

O projeto engloba intervenções ao nível das infraestruturas e qualificação do espaço público. É um exemplo de referência que garante mais identidade ao concelho e confere aspetos positivos em termos paisagísticos. Esta intervenção atuou no território salvaguardando sempre o património no seu todo ou grande parte. O investimento no setor do turismo é relevante nesta requalificação. Para além da Estação Náutica Baía do Seixal, foram elaborados outros projetos, como um *hostel* integrado no Seixal Vila Hotel, uma forma de alojamento que trará aos visitantes a vivência de uma vila piscatória junto a Lisboa.

O prolongamento do passeio ribeirinho do Seixal gerou transformações na zona da marginal. A Av. D. Nun'Álvares Pereira passou a ser apenas pedonal, sendo garantida a circulação de veículos apenas para cargas e descargas e acesso a garagens. A Praça da República tornou-se numa área de lazer que liga o percurso pedonal e o interior do núcleo histórico. O projeto acentua a continuidade do percurso pedonal e ciclovias, afastando-o e aproximando-o do rio, consoante a criação de áreas verdes junto à margem.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <[https://www.risco.org/projects/passeio-ribeirinho-do-seixal\\_66](https://www.risco.org/projects/passeio-ribeirinho-do-seixal_66)>



Fig.58 e Fig.59. Passeio Ribeirinho do Seixal. Vista Aérea. Fotografias de Fernando Guerra.



Fig.60. Passeio Ribeirinho do Seixal. Novas zonas verdes e vista sobre a baía. Fotografia de Fernando Guerra.

## 4.2. RELAÇÃO COM A PROPOSTA DE USOS

### MATADERO – MADRID

Anteriormente: Matadouro

Atualmente: Centro de Artes/ Centro Cultural

Autor: Arturo Franco

Ano de reabilitação: 1996

Localização: Madrid (Espanha)

O Matadero de Madrid foi projetado por volta de 1907 por Luís Bellido e construído durante a segunda década do século XX. Durante cerca de 60 anos, funcionou como um grande armazém, sendo composto por 48 edifícios dedicadas ao mercado de gado. Na década de 80, devido à expansão da cidade proveniente do aumento populacional, os matadouros começaram a ser transferidos para a periferia, o que resultou no abandono de edifícios no centro da cidade. O conjunto industrial acabou por cair em abandono.

Em 1996 o complexo começou a ser utilizado como centro cultural, acomodando, inicialmente, num dos seus edifícios, a sede do ballet Nacional de Espanha e da Companhia Nacional da Dança.

O Matadero foi criado com o intuito de levar a refletir sobre os processos do meio ambiente e dos apoios socioculturais contemporâneos para construir a cultura do hoje e do amanhã. Assim, mundialmente conhecido por Matadero de Madrid, consiste num grande espaço cultural dedicado a diversas formas artísticas, com um variado leque de exposições temporárias. O seu campo de atuação compreende tanto a investigação e formação, como a produção e difusão de artes como: Teatro, Artes Visuais, Desenho, Música, Dança, Arquitetura, Urbanismo,

Paisagismo, Moda, Literatura e Cinema, procurando um panorama integral e multidisciplinar.<sup>33</sup>

Apesar da diferença de escala entre o Matadero e a proposta de intervenção para o antigo Presídio, pretende-se que, à sua semelhança, seja criado um espaço multifuncional, um lugar que serve a população local e, simultaneamente, incrementa o turismo. Objetiva-se mostrar que uma correta articulação dos espaços permite alcançar a multifuncionalidade, garantindo um vasto leque de atrações.

Fig.61. Matadero Madrid. Projeto de intervenção na nave 16. Fotografia de Roland Halbe.

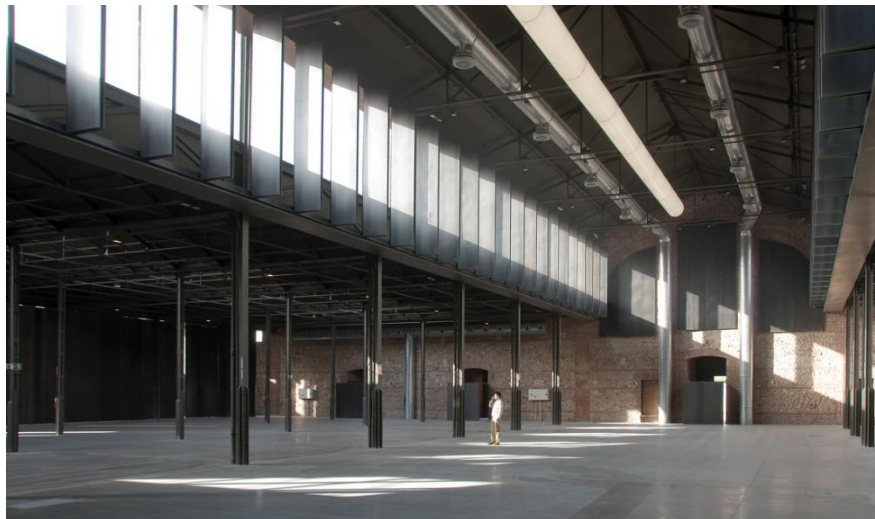


Fig.62. Matadero Madrid. Programa de Residências. Fotografia de Archdaily via Matadero.



<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.mataderomadrid.org/que-es-matadero.html>>



Fig.63. Matadero Madrid. Plaza y Calle Matadero. Fotografia de autor desconhecido.

## MATADERO MADRID

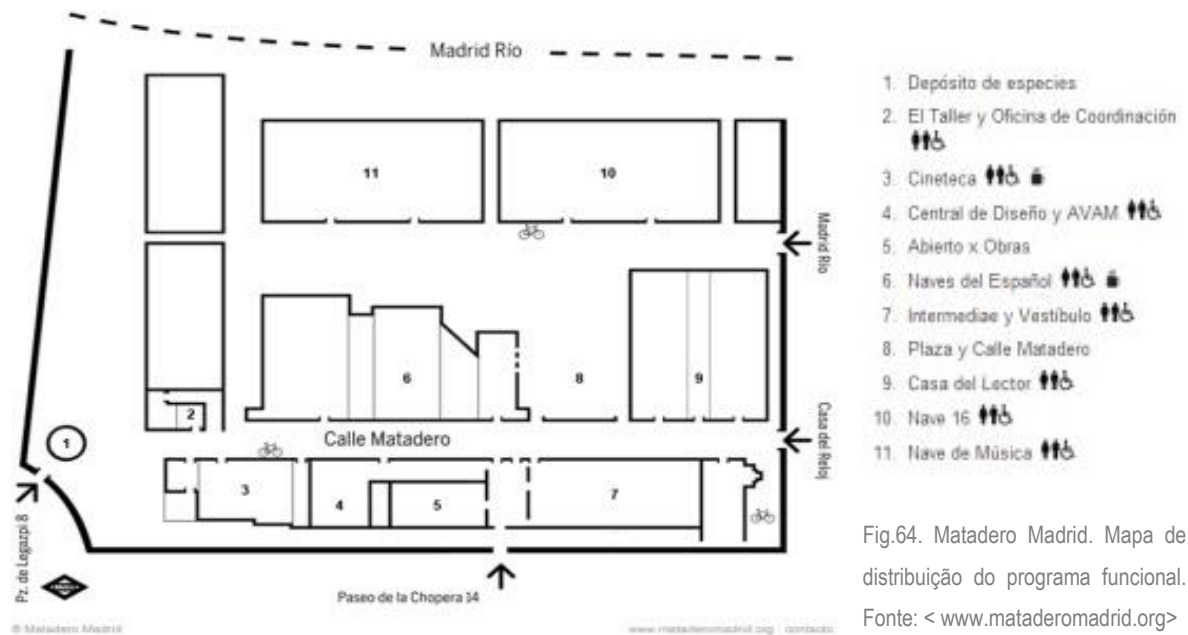


Fig.64. Matadero Madrid. Mapa de distribuição do programa funcional.  
Fonte: < [www.mataderomadrid.org](http://www.mataderomadrid.org)>



Fig.65. Antiga Fábrica de Moagem de Cereais. Fachada principal. Autor desconhecido.



Fig.66. Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor. Intervenção no exterior. Fotografia de António Bracons.

## **CENTRO DE ARTES E CULTURA – PONTE DE SOR**

Anteriormente: Fábrica de Moagem de Cereais e Descasque de Arroz

Atualmente: Centro de Artes e Cultura

Autor: Walfredo Sangareau de la Cavalleria

Ano de reabilitação: 2007

Localização: Ponte de Sor (Portugal)

O Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor localiza-se num lote urbano, com cerca de 10 000m<sup>2</sup>, no centro da cidade, sendo que a sua implantação nesse espaço foi pensada de forma a que o edifício ficasse a uma igual distância do centro urbano e da estação de caminhos de ferro. O novo edifício consiste na reapropriação da antiga Fábrica de Moagem de Cereais e Descasque de Arroz, que teve um papel fulcral no desenvolvimento e incrementação da indústria à escala do seu território e do país.<sup>34</sup>

Em 1968, ocorreram alterações na fábrica, sendo adquirida pela SOSOR (Sociedade Comercial e Industrial de Produtos Alimentares de Ponte de Sor, Lda) que sustentou o destaque do arroz somente por alguns anos.

No ano de 1997, após a sua função industrial ser integralmente desativada, o Município de Ponte de Sor adquiriu o antigo edifício com o propósito de o reconverter num espaço ligado à cultura que acolhesse a Fundação António Prates.

**Intervenção:** Em 2009 foi inaugurado o Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor, conhecido por muitos como ‘o edifício de cor azul’.

---

<sup>34</sup>Disponível em:

<[https://issuu.com/danielanobregarosa/docs/o\\_futuro\\_da\\_mem\\_\\_ria\\_da\\_manuten\\_\\_\\_\\_\\_](https://issuu.com/danielanobregarosa/docs/o_futuro_da_mem__ria_da_manuten_____)>

As instalações da antiga indústria passaram, desde então, a incorporar um espaço multifuncional dedicado à cultura, às artes e à instrução dos mais variados tipos, acolhendo nas suas instalações o *Centrum* Sete Sóis Sete Luas de Ponte de Sor, o Teatro da Terra, a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, a Biblioteca Municipal, o Centro Museológico e, ainda, o Serviço Educativo. O Centro conta com cinco galerias expositivas, espaços dedicados ao teatro, dança e artes visuais.

Com o exemplo da reconversão desta antiga fábrica, pretende-se demonstrar como os espaços multifuncionais de carácter artístico-cultural têm um papel notável na regeneração dos espaços urbanos.



Fig.67. Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor. Planta do esquema de distribuição funcional.

### 4.3. RELAÇÃO COM A REABILITAÇÃO ARQUITETÓNICA

#### **CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEO LA CONSERVERA**

Anteriormente: Fábrica de conservas

Atualmente: Centro de Arte Contemporâneo

Autor: Enrique Nieto Fernandez e Fernando de Retes Aparicio

Ano de reabilitação: 2009/2011

Localização: Ceutí, Murcia (Espanha)

#### **Programa e intenções do projeto:**

A principal intenção da intervenção foi reativar a antiga fábrica e alcançar uma valorização no contexto urbano.

La Conservera é um Centro de Exposições de caráter temporário que deve o seu nome ao antigo uso do edifício, uma fábrica de conservas. Embora, primeiramente, a antiga fábrica tenha sido pensada para acolher um Museu de Ciências, voltou a realizar-se uma reabilitação de modo a reconverter o espaço num Centro de Produção Artística Contemporâneo.<sup>35</sup>

#### **Na estratégia de intervenção levantaram-se três questões fundamentais:**

- Intervir de forma mínima de modo a respeitar a pré-existência;
- Preservar a forma geral do antigo edifício;
- Converter os pátios exteriores em espaços de criação artística.

---

<sup>35</sup> Disponível em:

<[https://issuu.com/danielanobregarosa/docs/o\\_futuro\\_da\\_mem\\_\\_ria\\_da\\_manuten\\_\\_\\_\\_\\_](https://issuu.com/danielanobregarosa/docs/o_futuro_da_mem__ria_da_manuten_____)>

A intervenção procurou preservar o máximo de edifícios possível, evitando a demolição e, também, respeitando os pátios e as volumetrias originais por respeito para com a memória coletiva e, também, por razões económicas. A intervenção arquitetónica baseou-se nos conceitos de “silêncio” e “sustentabilidade”. Referências fundamentais para um espaço que alberga a Arte e a Cultura, onde é pretendido um ambiente neutro de modo a que não seja o edifício a destacar-se, mas sim as obras expostas.

#### Premissas do projeto de arquitetura:

O principal objetivo foi criar uma forte relação entre a tecnologia, o programa e a materialidade.

O projeto de reabilitação da antiga fábrica permitiu criar quatro amplas salas expositivas, cada uma com o seu próprio carácter e distinção, que somam conjuntamente um total de 4800m<sup>2</sup> de superfície expositiva.

O acesso principal aos pátios dá-se através da fachada norte. Todas as zonas expositivas estão assinaladas com um número, de modo a que a relação que se gera entre os espaços seja a partir do exterior, apesar de existirem também conexões interiores entre as naves. Os limites das entradas, que dirigem o percurso dos visitantes, foram executados por meio de chapa galvanizada de cor preta.

Além de ter sido criada uma ‘nova pele’ sobre os volumes existentes da fábrica de tijolo, foi conservado todo o acabamento existente e as estruturas metálicas. Com estas questões, deu-se a escolha de chapas de revestimento galvanizadas, pela sua disponibilidade imediata e por razões económicas. Além de proporcionar um aspeto têxtil, como tecido que foi deixado cair sobre os volumes existentes. Esta dupla pele também proporciona uma boa proteção perante a exposição solar direta, tornando-se semelhante às fachadas ventiladas.



Fig.68 e Fig.69. Centro de Arte Contemporâneo La Conservera. Intervenção no exterior. Fotografias de David Fruto.



Fig.70 e Fig.71. Forte de Fortezza. Intervenção exterior por meio de ligações pedonais. Fotografias de Alessandra Chemollo.

## **FORTE DE FORTEZZA**

Anteriormente: Fortaleza Militar

Atualmente: Encontros e Intercâmbios Culturais; Exposições (bienal de arte contemporânea)

Autor: Meran Markus Scherer

Ano de reabilitação: 2009

Localização: Franzensfeste (Itália)

O Forte Militar de Fortezza tem a dimensão de uma pequena cidade, a sua implantação ocupa uma área de 20 hectares, sendo a maior da região dos Alpes. O conjunto edificado, projetado pelo engenheiro de fortificações Franz von Scholl, é constituído por três zonas independentes: o nível superior, nível intermédio e o térreo. O edificado apresenta linhas classicistas simples, além de ser funcional. Todavia, a fortificação, ao perder a sua importância defensiva passou a ser utilizada como depósito de pó de pedra, o que levou à sua descaraterização, tornando-se, posteriormente, num espaço devoluto.<sup>36</sup>

### **Intervenção:**

O arquiteto Meran Markus Scherer elaborou um projeto de reabilitação para o piso térreo da fortaleza, criando uma área expositiva com mais de 3600 m<sup>2</sup>. A salvaguarda dos edifícios existentes e a conservação da índole da fortaleza foram as grandes premissas da intervenção. As paredes constituídas por grandes blocos de granito foram restauradas, além de serem garantidas impermeabilizações nos

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://www.archdaily.com/168769/fortress-of-fortezza-markus-scherer-with-walter-dietl>>

telhados e, ainda, o restauro de todas as janelas. Procedeu-se à abertura dos espaços murados e à remoção de todas as adições posteriores, que estavam em discordância com a pré-existência.

As estruturas monolíticas compostas por pequenos vãos, espaçados de forma regular, estão em diferentes níveis ao longo do conjunto edificado, sendo conectadas por intermédio de rampas. Trata-se da adição de percursos de aço galvanizado e escadas, de modo a melhorar a acessibilidade e segurança do complexo. Novos elementos, tais como guardas, corrimãos, portas e as duas pontes suspensas sobre o lago que ligam dois edifícios, são produzidos através de aço galvanizado. Os novos elementos contrastam harmoniosamente com os antigos edifícios através do seu acabamento numa cor escura mate.

Este caso de estudo, influenciou a criação do novo percurso de ronda do Presídio da Trafaria que, à semelhança do Forte de Fortezza, funciona como uma 'peça solta' que toca apenas pontualmente na muralha e permite estabelecer ligação entre as várias partes do complexo. O percurso assume-se claramente como intervenção nova, através do seu desenho e materialidade.



Fig.72. Forte de Fortezza. Intervenção no exterior. Fotografias de Alessandra Chemollo.



Fig.73. Dinamarca 399. Intervenção na fachada poente. Fotografia de Aryeh Kornfeld.

Fig.74. Dinamarca 399. Alçado poente. Joaquín Velasco Rubio.



Fig.75. Dinamarca 399. Corte Transversal. Joaquín Velasco Rubio.

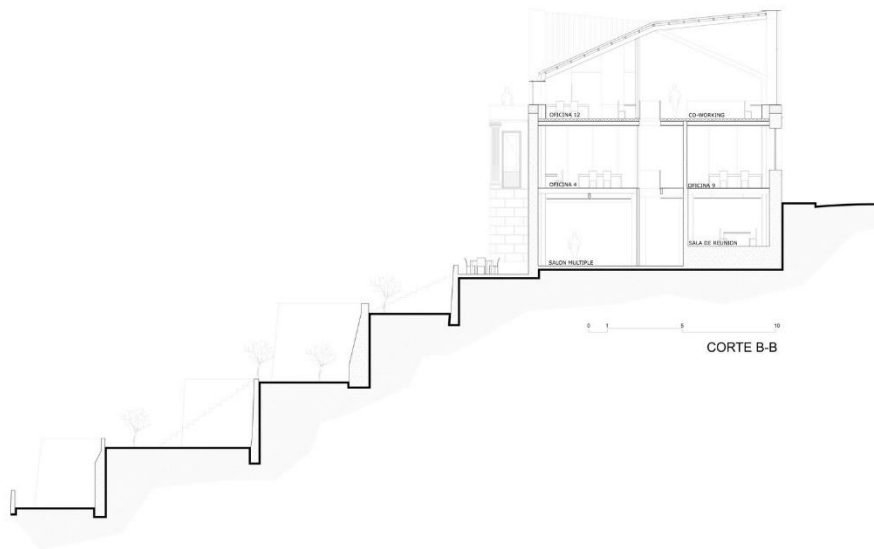


Fig.76. Dinamarca 399. Intervenção na fachada principal. Fotografia de Aryeh Kornfeld.

## **DINAMARCA 399**

Anteriormente: Casa do antigo cônsul dinamarquês

Atualmente: Centro de colaboração profissional

Autor: Joaquín Velasco Rubio

Ano de reabilitação: 2014

Localização: Valparaíso (Chile)

A construção da antiga casa do cônsul dinamarquês data do início do século XX. A reabilitação do edifício, em 2014, deu-se com o intuito do espaço complementar o programa criado pelo Parque Cultural de Valparaíso, cujo funcionamento teve início em 2011 na colina vizinha. O novo centro conta com diversos eventos de temática artístico-cultural com uma componente cívica, que são desenvolvidos juntamente com projetos de autogestão implementados pela colina *Panteón*.<sup>37</sup>

O projeto de reabilitação Dinamarca 399 consistiu na reconversão do antigo edifício num Centro de Colaboração Profissional que dispõe de espaços de ateliers, escritórios e salas de reunião, contado ainda com um restaurante. O conceito do projeto foi criar um espaço que atenda a gestão e concretização das diversas perspetivas das indústrias criativas. O edifício foi pensado como um 'claustro aberto', que permite a produção independente, que surge da reabilitação de um edifício de valor patrimonial que busca contribuir para a regeneração do território, como um polo de desenvolvimento de alternativas profissionais, que foram surgindo no espaço urbano próximo.

**Reabilitação:** A reabilitação do antigo edifício é sustentada através de um diálogo entre a tradição e a tecnologia, o que significa uma intervenção que respeita as fachadas existentes de valor histórico e arquitetónico, adicionando um novo

---

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/766033/dinamarca-399-joaquin-velasco-rubio>>

volume que se une à pré-existência através de uma ampliação na vertical. A nova estrutura metálica é constituída por lâminas de aço que dão origem no seu interior a novos espaços flexíveis e com grande aproveitamento da luz solar. O espaço alberga 14 escritórios destinados à arquitetura, engenharia, projeto, produção visual, informática, restauração, entre outras áreas. Dispõe ainda de oficinas dedicadas à carpintaria e topografia. O complexo conta com um auditório com capacidade para 80 pessoas que visa apoiar conferências e iniciativas de âmbito cultural.

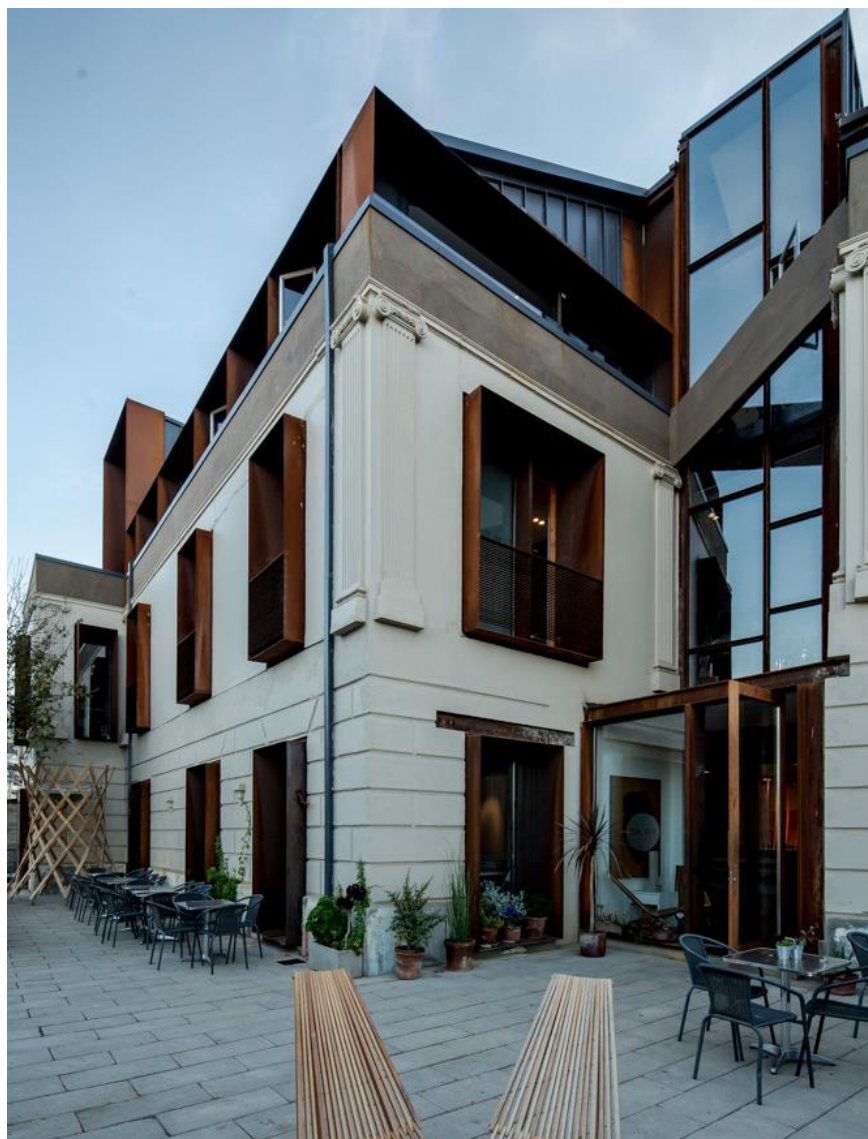


Fig.77. Dinamarca 399. Intervenção na fachada nascente. Joaquín Velasco Rubio.

## 5. FUTURO DA TRAFARIA – A PROPOSTA

### 5.1. PRINCÍPIOS DA ESTRATÉGIA URBANA

A estratégia de revitalização urbana tem como intuito a valorização da Trafaria, tornando-a num novo polo, fomentando o emprego qualificado em várias áreas, um espaço multifuncional, de referência, que gera dinâmicas entre as várias gerações. A sua localização privilegiada torna-se um ponto atrativo para habitar, garantindo segurança, qualidade de vida e acessibilidade – aspetos que resultam, a título de exemplo, no plano de reabilitação urbana do Parque das Nações.

A criação de novas centralidades é uma das características atuais urbanas ligadas às operações de renovação de água, onde se constata, entre várias soluções de o fazer, a integração de equipamentos de nível superior.

Em Lisboa, salienta-se a redescoberta da frente ribeirinha oriental, a propósito da sua reconversão urbana, do Parque das Nações, em 1998, que buscava diminuir e reequilibrar novas áreas de intervenção urbanística entre o centro histórico da cidade e a nova centralidade. Deste modo, a estratégia consistiu na melhoria das acessibilidades e na criação de equipamentos importantes a nível nacional e municipal, tal como equipamentos culturais acompanhados por serviços, comércio e habitação. A intervenção incluiu novos equipamentos como o Oceanário, a marina de recreio, os hotéis e o pavilhão multiusos.

A área Metropolitana de Lisboa, frágil e fragmentada, e o estuário do Tejo surgem aqui enquanto contexto geográfico à escala regional, significantes pela grande pretensão e necessidade que há em criar uma continuidade e ligação urbana, sendo que o rio Tejo e o seu estuário são, ainda, vistos com a incerteza de se tratar de uma barreira física que separa Lisboa dos restantes municípios ou uma grande ‘praça’ que tem a capacidade de unir as margens norte e sul.

O Projeto Final de Mestrado é uma grande oportunidade de recriar a relação entre o território da Trafaria e a grande ‘praça’, Rio Tejo, através de um projeto urbano e arquitetónico que integre o natural e o construído, promovendo a Trafaria no

contexto da sua metrópole, na sua contemplação da paisagem e no seu valor como território de entrada marítima, na cidade de Lisboa.

Os espaços vagos no tecido urbano são vistos, na maioria das vezes, de forma negativa. As propostas mais frequentes de intervenção nestes lugares são operações de regeneração urbana que visam reverter os edifícios devolutos e preencher os interstícios com novo edificado. É fundamental mostrar um olhar diferente sobre as paisagens urbanas que caíram em abandono. O valor paisagístico e ecológico destes espaços é primordial na escala metropolitana, uma vez que se trata de interstícios capazes de regenerar o ambiente natural.

*“A construção do espaço urbano tem de ter em atenção os modos de vida existentes e propostos. Uma área urbana assente num SEC incapaz de criar uma estrutura compreensível e de promover interacção entre pessoas, sem elementos que atraiam população e fomentem atividade, tende a tornar-se um espaço morto que entra facilmente num ciclo vicioso que resulta em degradação e abandono. (...) Torna-se necessário pensar como construir um espaço urbano activo. Não basta uma estrutura contínua e percorrível. O espaço urbano deve ser um espaço de encontro, interação e atividade.”<sup>38</sup>*

Um dos grandes objetivos deste trabalho é alcançar um aumento e melhoria a nível das relações territoriais de modo a incrementar a vida social, por meio de uma intervenção urbana que preze os interstícios e espaços devolutos em prol do desenvolvimento de uma estrutura urbana contínua, não apenas em termos físicos, mas também ao nível das interações sociais.

---

<sup>38</sup> PORTAS, Nuno. *Políticas Urbanas II: Transformações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p.225.



Fig.78. Planta dos espaços desocupados da Trafaria. Realizada pela autora. 2019.

### **ARU DA TRAFARIA**

Com a finalidade de revitalizar o Núcleo Urbano da Trafaria, a 23 de outubro de 2009, a Câmara Municipal de Almada desenvolveu a delimitação da Área de Reabilitação Urbana (ARU), cujas operações urbanísticas têm como principal objetivo a *“valorização patrimonial (tanto do edificado como do imaterial) e criando condições favoráveis para a instalação de actividades económicas diversificadas que tirem partido da vizinhança da Frente Urbana Ribeirinha a Norte.”*<sup>39</sup>

Perante um núcleo urbano pouco coeso, marcado por espaços vacantes, espaços públicos pouco qualificados e edificado em avançado estado de degradação torna-se imprescindível *“(...) conjugar medidas que actuem no sentido da Qualificação do Ambiente Urbano.”* O ARU objetiva *“(...) que a identidade da Trafaria passe pela valorização das potencialidades pré-existentes. Quer em termos geográficos, quer na relação com o rio, na requalificação do património e promoção de acontecimentos sócio-culturais e recreativos.”*<sup>40</sup>

Neste contexto, reconhecida a degradação e abandono deste território e com o propósito de regenerá-lo e integrá-lo na escala da metrópole, dado possuir potencialidades para se tornar numa nova centralidade, *“(...) parte-se de um conceito amplo de reabilitação urbana e conferindo-se especial relevo não apenas à vertente imobiliária ou patrimonial da reabilitação mas à integração e coordenação da intervenção, salientando a necessidade de atingir soluções coerentes entre os aspectos funcionais, económicos, sociais, culturais e ambientais das áreas a reabilitar.”*<sup>41</sup>

Assim sendo, a delimitação desta ARU tenciona criar um enquadramento para a regeneração do tecido urbano com a salvaguarda do património material e imaterial da Trafaria em várias vertentes, entre as quais: assegurar a reabilitação do edificado devoluto; melhorar as condições de habitabilidade da área consolidada; salvaguardar o património cultural; identificar os valores patrimoniais,

---

<sup>39</sup> Documento Estratégico Trafaria, 2013, p.12. Disponível em: <<http://www.m-almada.pt/>>

<sup>40</sup> Documento Estratégico Trafaria. p.12. Disponível em: <<http://www.m-almada.pt/>>

<sup>41</sup> Documento Estratégico Trafaria. p.12. Disponível em: <<http://www.m-almada.pt/>>

materiais e imateriais; melhorar as infraestruturas urbanas; incrementar a sustentabilidade ambiental, cultural, social e económica; estimular a revitalização urbana através de intervenções de índole social e económica; garantir uma integração funcional diversa na área urbana; atrair população jovem; promover apoio ao acesso de habitação adequada; melhorar a mobilidade viária; favorecer as acessibilidades a mobilidade reduzida; e promover a sustentabilidade.



Fig.79. Planta com delimitação da ARU da Trafaria. CMA. 2009.

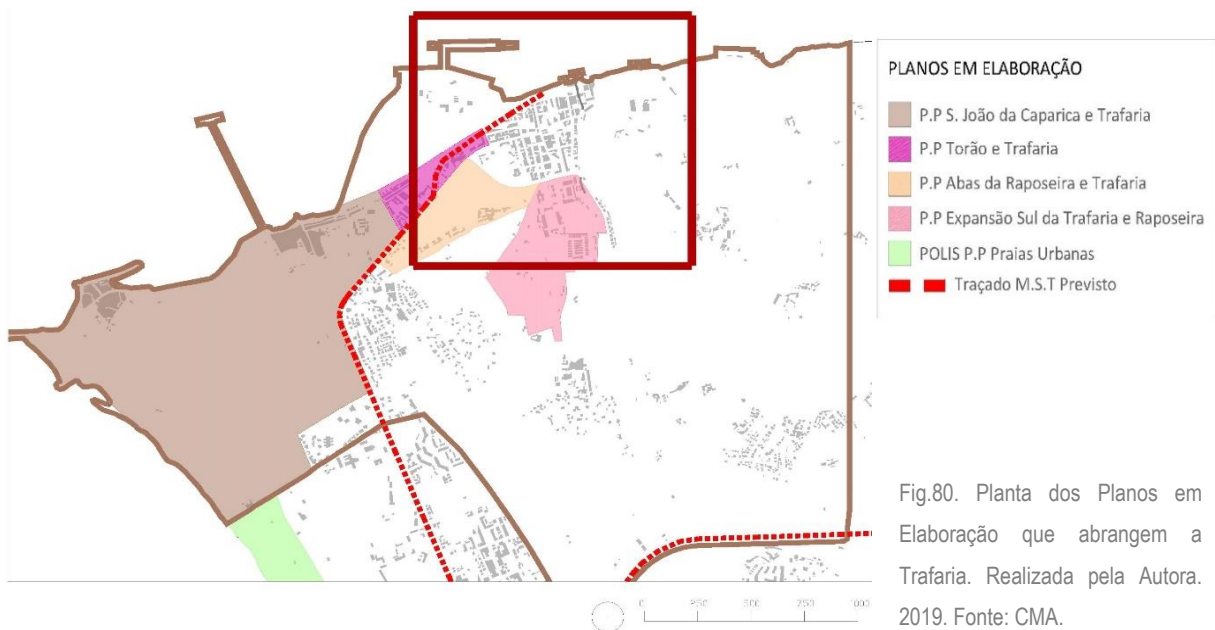


Fig.80. Planta dos Planos em Elaboração que abrangem a Trafaria. Realizada pela Autora. 2019. Fonte: CMA.

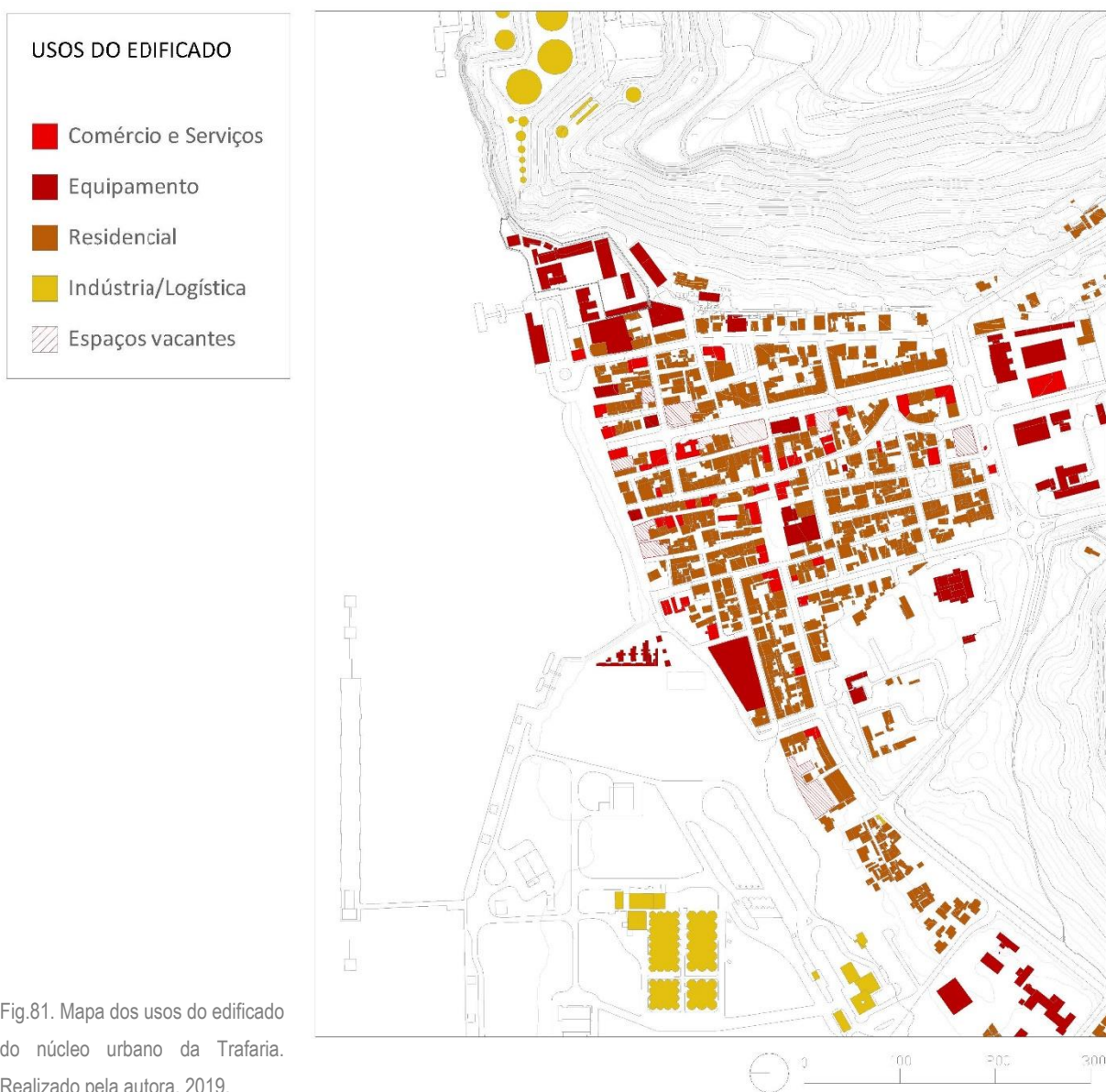


Fig.81. Mapa dos usos do edificado do núcleo urbano da Trafaria. Realizado pela autora. 2019.

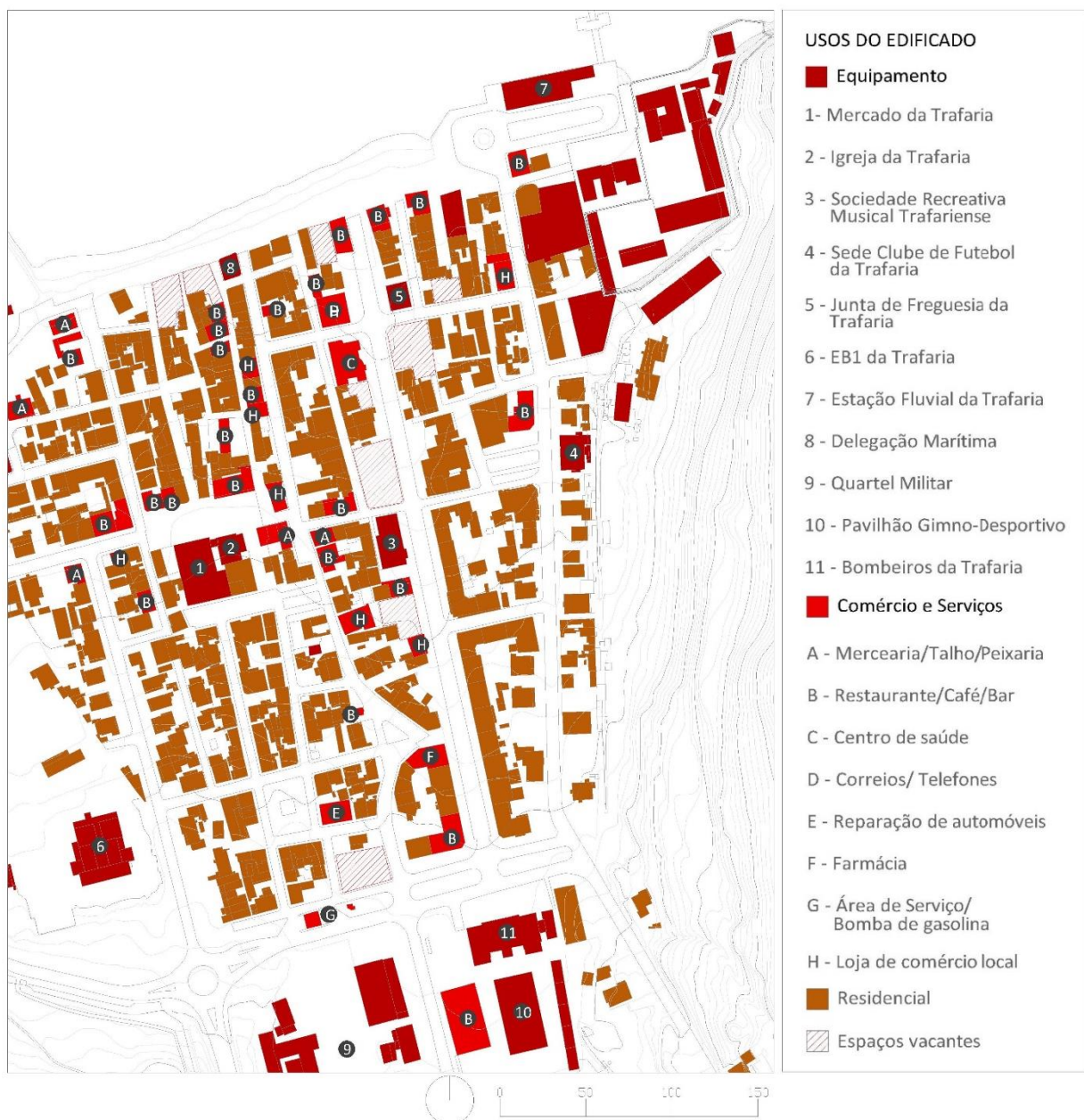


Fig.82. Mapa de usos do núcleo urbano da Trafaria com espaços relevantes identificados. Realizado pela autora. 2019.

### **PREMISSAS PROGRAMÁTICAS E EXPETATIVAS SOBRE O USO**

A Trafaria é desprovida de espaços públicos, espaços de estadia e equipamentos qualificados, de modo a alcançar os imprescindíveis dinamismos socioeconómicos, turísticos e culturais. É importante resgatar a identidade militar e histórica que foi perdida. É primordial fortalecer o ambiente de vila piscatória, a partir da reabilitação dos edifícios de valor arquitetónico existentes e de uma aposta na sua potencialidade para a economia, como a reabilitação da DocaPesca e a reconversão da antiga Fábrica de Conservas “A Progresso” num mercado. A proposta busca, ainda, conseguir reaproximar a população do rio, através da reabilitação da frente ribeirinha, e da criação de espaços de lazer e contemplação, tal como uma nova estação fluvial, uma pequena marina de recreio para a prática de atividades náuticas, a reabilitação dos espaços de apoio à atividade piscatória e a criação de alojamento local, nomeadamente residências temporárias.

O Terminal fluvial será movido para o terreno adjacente à Indústria Cerealífera, incorporado numa marina de recreio. Outras medidas como o alargamento da marginal serão primordiais na requalificação da frente ribeirinha. Assim, pretende-se criar nesta frente um *continuum* paisagístico, de lazer e recreio, que visa tirar partido da proximidade física e visual com o rio Tejo, orientando o empreendimento de atividades económicas e turísticas, que se relacionem com os aglomerados urbanos próximos, ajudando no seu desenvolvimento.

Por outro lado, busca-se preservar todos os valores naturais do território da Trafaria, como a reconversão de antigos edifícios obsoletos para novos espaços de caráter público. Objetiva-se, ainda, criar um parque urbano desde a marina até ao Monte da Raposeira, uma estrutura verde contínua na zona do vale que atua ao mesmo tempo como um corredor verde ecológico e como uma área dedicada ao desporto, lazer e recreio. Com a reabilitação da frente ribeirinha é possível impulsionar o turismo, dando origem à implantação de novas atividades.

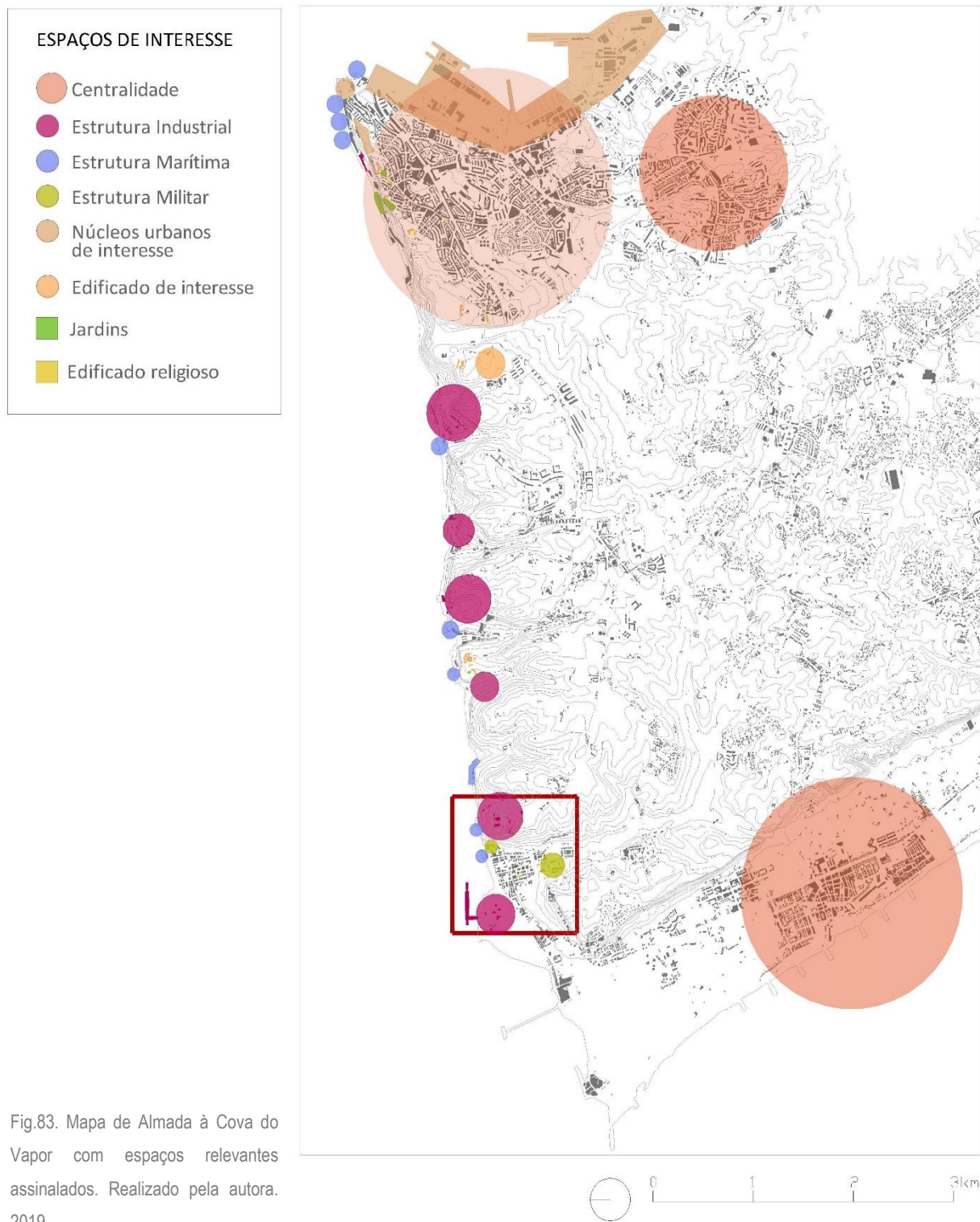
Com a regeneração urbana da Trafaria é possível dar resposta a todas as necessidades de reestruturação ambiental e económica, melhorar os níveis de qualidade da água, controlando as ameaças da poluição hídrica, alcançar a

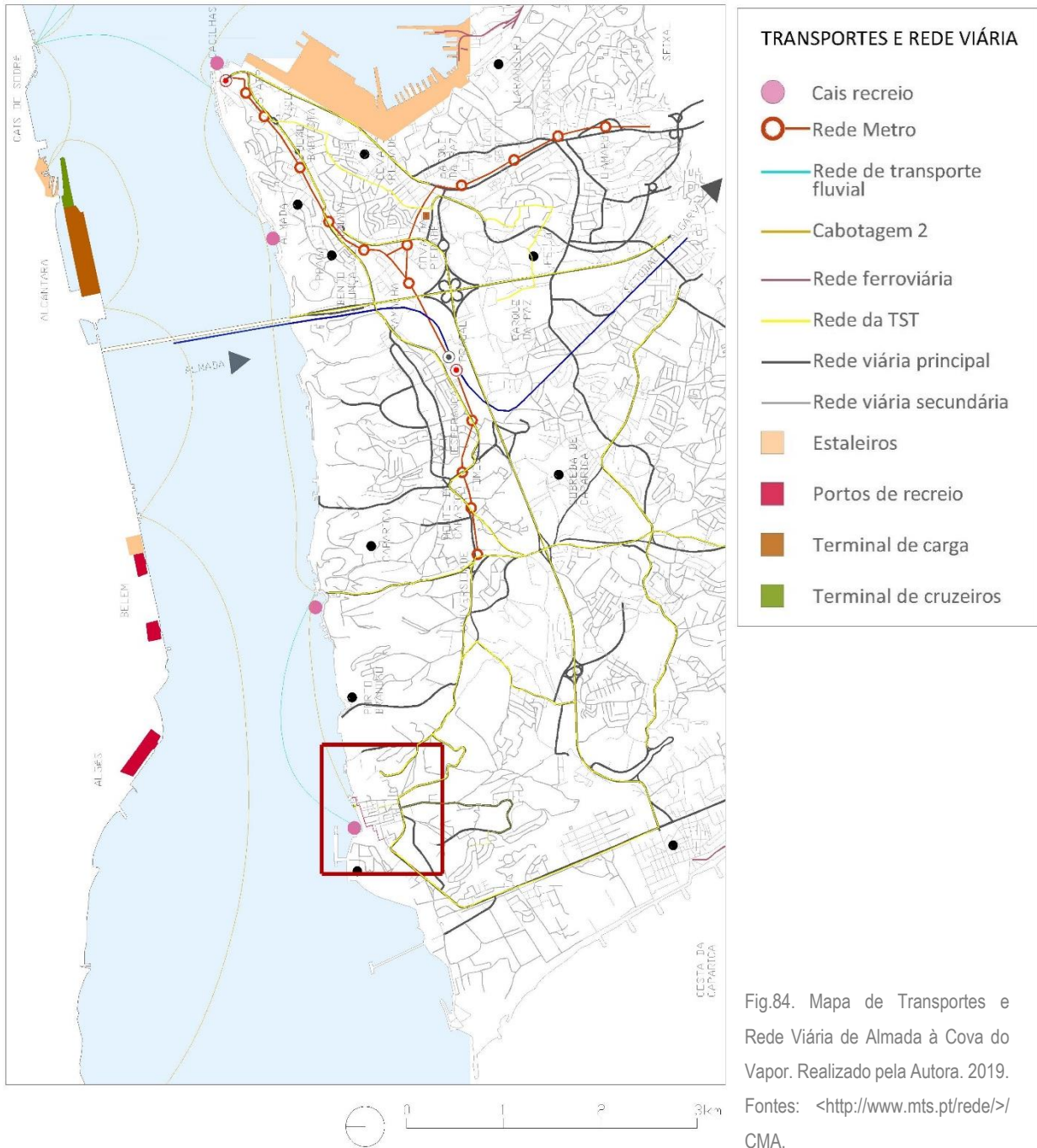
implementação de melhores estratégias de ordenamento urbano e melhorar a extensão dos acessos públicos à marginal.

Em suma, torna-se fundamental desenvolver um investimento adequado à criação de novas infraestruturas que incluam essencialmente estes terminais de chegada, enquanto espaços que visam sobretudo satisfazer o interesse turístico. É imprescindível criar estruturas de acolhimento, de comércio e restauração para satisfazer as necessidades dos visitantes e proporcionar passeios e serviços a embarcações, como espaços de paragem e de reabastecimento, tal como estaleiros para possibilitar a reparação e manutenção das embarcações.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> PORTAS, Nuno. *Cidades e Frentes de Água*. Em: *Catálogo da mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água*. Porto: Parque Expo'98, S.A, 1998.







## 5.2. A ESTRATÉGA ARQUITETÓNICA PARA O LUGAR DO ANTIGO PRESÍDIO

*“O Homem se admira de si mesmo por não poder aprender a esquecer e por sempre se ver novamente preso ao que se passou (...) Incessantemente uma folha se destaca da roldana do tempo, cai e é carregada pelo vento – e, de repente, é trazida de volta para o colo do homem. Então, o homem diz: “eu lembro-me”.<sup>43</sup>*

*Friedrich Nietzsche*

O projeto arquitetónico é indissociável da forma como o novo se relaciona com a envolvente construída, com a paisagem urbana, ou no caso da reabilitação, uma pré-existência. Verifica-se que o que pretendemos construir é sempre suportado por uma base concreta, dotada de características que lhe conferem um carácter e, também, uma identidade, o seu *Genius Loci*. A identidade não pode nunca ser vista como um conceito estático, uma vez que esta mesma identidade que reconhecemos num determinado momento na pré-existência, é já o resultado da passagem do tempo, de todas as intervenções, e do próprio significado que aquele objeto ganhou naquele lugar, por determinadas pessoas. Muitos dos edifícios que existem para reabilitar já se encontram num elevado estado de degradação, o que significa que uma parte da sua identidade já se perdeu, pois o local acompanhava a necessidade de evolução dos seus utilizadores e fazia com que estes se revissem nele.

A compreensão do edifício, ou seja, a compreensão do que nos diz, o que diz ao espaço em que se insere, e o que diz às pessoas que o conhecem, torna-se assim um passo fundamental para a compreensão da sua identidade, e consequentemente da abordagem mais indicada para a sua Reabilitação, de

---

<sup>43</sup> Citação de Friedrich Nietzsche. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/a-memoria-e-o-maior-tormento-do-homem-friedrich-wilhelm-nietzsche>>

forma a conferir-lhe uma identidade que responda às necessidades atuais, mas que respeite sempre o que foi anteriormente.

Na Reabilitação proposta para o antigo Presídio da Trafaria, baseada na apreciação da condição e da identidade em parte perdida do conjunto arquitetónico, embora tentando sempre recriar fragmentos da memória do lugar, verifica-se que não é possível recriar o *Genius Loci*, e também nunca foi pretendido, pois o grande objetivo é conseguir que à semelhança da identidade, que não é “estática”, o “espírito do lugar” alcance, também, uma dimensão que seja compatível com a sociedade atual.

*“Quando refletimos sobre o passado não nos recordamos das portas e janelas dos espaços que habitamos na infância mas, antes, do que se via através destas ou das sensações provocadas pela sua transportação.”<sup>44</sup>*

*Amílcar Pires*

### **PREMISSAS PROGRAMÁTICAS E EXPETATIVAS SOBRE O USO**

O Presídio da Trafaria desenvolveu-se enquanto aglomerado urbano. Os muros construídos ao redor da sua muralha encerram-no como se de uma ilha se tratasse, o que faz com que os seus espaços e os seus entornos estejam afastados da população. Atualmente apresenta-se como um grande recinto devoluto, mas com enorme potencialidade para a regeneração urbana da Trafaria, tendo em conta que funciona como peça chave de transição entre o Natural e o Urbano. Assim, é fundamental que a reconversão do complexo do Presídio seja um catalisador para a requalificação urbana e de edifícios próximos, através da atribuição de novas funções que satisfaçam as necessidades da população local e, também, fomentem o turismo, sem que nunca, as intervenções, esqueçam a memória do lugar.

---

<sup>44</sup> PIRES, Amílcar. *A Quinta de Recreio em Portugal – Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013, p.189.

É primordial criar uma articulação entre a intervenção do Presídio e a envolvente natural e urbana, com base num sistema de espaços públicos. As boas acessibilidades com Lisboa, com o Pólo Universitário de Almada, com o Metro de superfície, com a proximidade às praias e a ‘grande paisagem-vivência do lugar’, fazem do Presídio da Trafaria o ponto de partida para a regeneração do espaço urbano.

O Presídio é um complexo que, na sua génese, esteve sempre ligado à estadia de pessoas, pelo que a reconversão deste tipo de edificado para uma tipologia social que promova o convívio entre todas as faixas etárias, além de ir ao encontro da sua memória “de estadia” permite manter a estrutura do edifício e a sua imagem exterior, centrando-se a reconversão no “miolo” do edificado.

Compreendida a questão intrinsecamente arquitetónica das ambiências, das vivências humanas e das experiências fenomenológicas que se pretendem alcançar com a intervenção, em favor do sentido do lugar, apresentam-se agora as soluções programáticas delineadas.

A tomada de decisão em relação ao programa deve, portanto, constituir-se como a mais pertinente solução às convicções alcançadas sobre o Lugar e sobre o Tema. Isto é, o programa deve ser definido com base no tipo de funções que mais coincidem com o que o lugar *quer* ser.

### **A Plataforma Trafaria e a utilização do edifício 3 do antigo Presídio**

Atualmente, o edifício 3 do complexo do Presídio está a ser utilizado pela EDA (Ensaios e Diálogos Associação), criada em 2013 durante o projeto Casa do Vapor e que desde essa data está estabelecida na região da Trafaria e Cova do Vapor. A EDA consiste num coletivo transdisciplinar de profissionais que estudam e experimentam diversas formas alternativas de intervenção social através da arte, cultura e arquitetura. Trata-se de uma comunidade internacional de arquitetos, designers, construtores, arte-educadores, programadores culturais, entre outros. A associação cultural sem fins lucrativos, que tem sede desde 2016 no presídio,

trabalha continuamente em questões ligadas à ativação do espaço urbano e dos espaços abandonados em projetos socioculturais. Estes projetos coletivos utilizam a produção cultural como ativação para a revitalização urbana.

A associação estabelece um cruzamento entre uma rede internacional e multidisciplinar de colaboradores com contextos locais específicos e a comunidade local. Deste modo, com a transformação do papel da comunidade dentro dos próprios projetos, o seu olhar e entendimento perante a cultura e a arte é transformado. Desde a sua fixação na Trafaria, a EDA, realiza propostas para a Câmara Municipal de Almada com possibilidades de ocupação do espaço do antigo Presídio.

A EDA já desenvolveu projetos como: Casa do Vapor; Biblioteca do Vapor; Biblioteca Trafaria; Opereta A Mar; (Re)descobrir; Plataforma Trafaria; Oficina do Gatomorto; Prisão Paraíso; Cinemar.

A Plataforma Trafaria, projeto inserido na Trienal de Arquitetura, consiste na transformação do antigo Presídio num espaço de convívio e laboratório de experimentação temporário. Esta plataforma propõe a conversão destes espaços abandonados num Centro para Experimentação Cultural e Artística. Entre as várias experimentações, foi realizado um workshop para criar um protótipo destinado às comunidades criativas inspirado pela diversidade cultural da região, sendo este espaço, posteriormente, reativado como laboratório, dispondo de uma oficina de construção aberta à comunidade. Deste modo, ao reconhecer a cultura como um direito fundamental, a plataforma propôs a conversão do espaço do Presídio em centro de experimentação cultural de modo a promover a cidadania ativa e realçar a grande vivência em comunidade.

Miguel Magalhães, arquiteto envolvido no projeto Plataforma Trafaria desde a sua fundação, explicou como se revela a interação com a comunidade local. Uma das questões levantadas foi *“O que acontece quando um espaço de incubação multidisciplinar se instala numa periferia profundamente afetada pela crise?”*

Segundo o arquiteto, *“quando se promovem encontros entre pessoas que doutra forma jamais se encontrariam acontece sempre magia, e produz coisas que não produzias de outra maneira. Portanto, segundo o meu ponto de vista é onde está a inovação, quando estas duas áreas disciplinares conseguem tocar-se de uma forma muito livre e dão origem a algo diferente”*.<sup>45</sup>

É de realçar que a Plataforma Trafaria contou com o apoio *European Culture Foundation*, que apoiou financeiramente o projeto, possibilitando a residência temporária de voluntários no local. O alojamento foi crucial, dado ter permitido a criação de uma relação de vizinhança entre a comunidade e os artistas.

A plataforma conta ainda com parceiros como o *Hallo*, um coletivo de Hamburgo, a *ConstructLab* e a *Ware House Project*. Os Bombeiros Voluntários da Trafaria também colaboraram ao concederem chuveiros quentes e, inicialmente, espaço para dormitório das pessoas que engajaram no projeto.

Ao investigar mais sobre esta associação multidisciplinar, os seus projetos e a sua fixação neste território, considero fundamental dar continuidade a este projeto, pois os cidadãos da Trafaria precisam de espaços fora das instituições, que visem criar novos modelos de pensamento para desenvolver soluções alternativas.

## **PROPOSTA DE USOS PARA O LUGAR DO ANTIGO PRÉSIDIO**

É imprescindível perceber a relação entre o complexo do antigo Presídio, a história do lugar e as alterações que sucederam ao longo do tempo ao nível do território e das funções que o mesmo albergou. Posto isto, é apresentado um programa adaptado às necessidades do espaço e da população contemporânea, que faz uma nova reinterpretação deste edificado de valor patrimonial, repleto de história e memória.

---

<sup>45</sup> Citação do arquiteto Miguel Magalhães. Disponível em: <<http://gandaia.info/?p=11536>>

Após a investigação de espaços socioculturais no concelho de Almada, verificou-se a sua escassez. Posto isto, é nítida a importância de converter este espaço num Centro Sociocultural, que não só sirva a população da Trafaria, mas também incremente o turismo, trazendo visitantes dos mais diversos lugares a usufruírem das mais diversas atividades neste exemplar de Património Militar com tanta carga histórica.

A proposta visa desenvolver um complexo aberto a todos, com a finalidade de servir a população da Trafaria, de todas as faixas etárias e, simultaneamente, fomentar o turismo no local. A reabilitação do espaço do Presídio visa promover espaços adequados para as mais diversas atividades, de modo a completar o programa já existente.

O Complexo divide-se em três principais núcleos: **artístico-cultural;** **social;** **gastronómico;**

Deste modo, o programa é pensado como um elemento que alberga as atividades artístico-culturais promovidas pela EDA, como a Plataforma Trafaria, promovendo cada vez mais a cultura e o envolvimento da população, através do processo criativo e incrementar as relações entre a população local e artistas vindos de vários lugares, conferindo ao processo criativo um sentido de pertença com a sociedade.

Em relação à vertente social, busca-se dar apoio à população local da Trafaria, através de espaços de convívio, estudo e até uma cozinha comunitária.

Por sua vez, o núcleo gastronómico é constituído por um atelier de culinária para pequenos cursos, instalado no espaço do antigo refeitório, um restaurante panorâmico (resultado da ampliação em altura do edifício 4) e um bar.

Foram criadas residências temporárias, no espaço devoluto adjacente à muralha do presídio (a poente), pensadas para acolher artistas e/ou estudantes do Polo Universitário de Almada.

Em suma, o programa do centro visa resgatar a memória de estadia que ao longo dos tempos esteve sempre associada a este lugar, reinventando-a e adaptando-a

a um programa que satisfaz as necessidades atuais da Trafaria e da população. Deste modo, as antigas funções de alguns dos espaços do complexo acabaram por estabelecer uma diretriz para a distribuição funcional do novo programa pelos diversos espaços disponíveis.

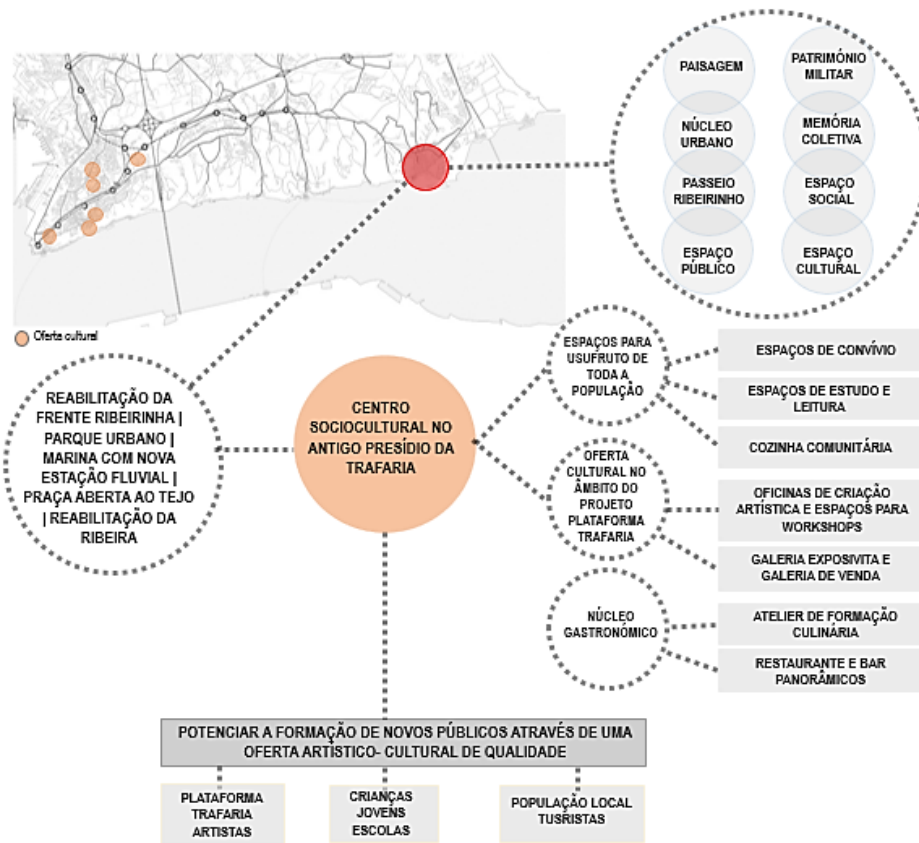


Fig.86. Esquema do Conceito/ Estratégia/ Programa do Centro Sociocultural. Realizado pela autora. 2019.

## DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA FUNCIONAL DO NOVO CENTRO SOCIOCULTURAL

A estratégia utilizada passou pela: reabilitação de todos os edifícios do antigo Presídio da Trafaria e dos seus anexos que possuem a mesma linguagem; ampliação em altura do antigo refeitório, de modo a criar um restaurante panorâmico com vista para o rio; construção de uma nova estrutura que alberga as funções da Plataforma Trafaria e permite, ainda, complementá-las; e residências temporárias fora dos limites da muralha, que visam atrair jovens.

**Edifício 2** - De tipologia habitacional e de apenas um piso, este edifício foi reformulado de modo a ser convertido numa cafetaria que serve a nova praça. A tipologia do interior do edifício foi mantida, tratando-se assim de uma cafetaria com várias salas de refeição, viradas para norte, para poente e para nascente. As instalações sanitárias concentram-se na ala a poente, no seu local primogénito e a cozinha na ala nascente, também no seu espaço original.

**Edifício 4 (refeitório)** – Este edifício desempenhava a função de refeitório e, por se tratar de um edifício amplo, foi convertido num atelier de formação culinária, indo assim ao encontro da sua função anterior. O objetivo deste espaço é divulgar a gastronomia típica da vila piscatória (o seu ponto mais atrativo), através de pequenos cursos. O espaço pode ainda ser utilizado, mediante aluguer, para possíveis eventos no complexo. Este edifício possui apenas um piso, sendo a sua altura inferior à dos restantes edifícios. Assim, surgiu a ideia de o ampliar em altura, garantindo um restaurante panorâmico com uma vista privilegiada, para lá da muralha. O acesso ao restaurante é garantido a partir dos acessos instalados no anexo adjacente ao edifício. O espaço de refeição divide-se em duas zonas (uma virada para o rio e uma para nascente), 'envolvidas' por um pátio interior. A partir da fachada poente do restaurante é possível aceder à plataforma ajardinada, já existente, que garante acesso ao piso 1 do edifício 4 e, também, ao percurso de ronda. A partir da fachada virada para o rio tem-se acesso ao espaço exterior coberto e ao percurso de ronda. A cozinha e instalações sanitárias situam-se na zona mais a sul de modo a facilitar os acessos dos funcionários e as cargas e descargas, tendo sido criados acessos verticais a partir dos anexos.

**Edifício 4 (piso 1)** – O piso superior do edifício 4 é composto por um amplo salão, que já serviu várias funções, entre as quais a de cinema. Ainda neste piso, na zona mais a sul, encontramos algumas salas de menor dimensão. Partindo da premissa de recriar algumas memórias do passado, optou-se por converter o espaço num auditório, que tem a capacidade de dar apoio a todos os núcleos do centro e, ainda, ser utilizado por entidades exteriores. A partir da antecâmara do novo auditório é possível aceder à plataforma ajardinada e ao percurso de ronda.

**Edifício 4 (ala das celas)** – A ala das celas trata-se da parte do conjunto edificado com maior valor histórico, arquitetónico e cultural.

O piso térreo do edifício possui uma circulação central ampla, com 4 metros de largura, e 26 celas de 8,6m<sup>2</sup> cada. Esta ala tem acesso ao restante edifício, acesso ao pátio interior e um acesso a poente que o conecta com a zona do novo edifício de criação artística. O acesso ao piso 1 é feito através de uma escada em ferro que funciona como peça única juntamente com a galeria de circulação do piso superior. De modo a adaptar o espaço a pessoas com mobilidade reduzida, foi criado um elevador em vidro. Este piso apresenta 30 celas com as mesmas dimensões do piso 0. Adequado à sua configuração, foi-lhe atribuído um uso que se adapta ao mesmo sem ser necessário proceder a qualquer alteração no seu interior, tendo sempre como base o valor histórico, arquitetónico e cultural. Assim sendo, optou-se por torná-lo numa galeria expositiva que apresenta no piso superior uma exposição de carácter permanente sobre a história do Presídio, desde a sua função de Lazareto e, simultaneamente, a história e evolução da Trafaria. O piso 0 acolhe exposições de carácter temporário.

**Edifício 5** – A função inicial deste edifício era habitacional. No entanto, tratando-se do edifício com a vista mais privilegiada sobre o Tejo e a encosta, foi evidente a necessidade de o converter num edifício público. A tipologia do interior do edifício permitiu criar um bar ao nível do primeiro piso, enquanto o piso 0 alberga as instalações sanitárias e salas que podem ser utilizadas para as mais diversas funções, entre as quais, espaços de leitura.

**Edifício 6 (antiga Igreja)** – Este espaço amplo funciona como uma sala polivalente que tem capacidade para acolher palestras, debates e reuniões, indo ao encontro da sua antiga função de ‘proclamar e escutar a palavra’.

**Edifício 6 (Edifício habitacional)** – A este edifício de dois pisos foi-lhe conferida a função social do complexo, dado adaptar-se à tipologia do seu interior, que permite criar vários espaços de convívio, estudo, e até uma cozinha comunitária. Estes espaços são fundamentais para a vila, dado serem escassos e, a Trafaria apresentar uma população envelhecida e carenciada, especialmente na zona do segundo torrão, onde as crianças e jovens não têm espaços dignos para estudar

e executar as suas tarefas escolares. Através destes espaços é, também, possível criar uma maior interação entre as várias faixas etárias. De modo a ser garantido o acesso ao piso superior, por pessoas de mobilidade reduzida, foi criado um elevador no pátio interior do edifício.

**Edifício de Criação Artística (nova construção)** – Esta nova construção alberga as funções da Plataforma Trafaria, além de garantir amplos espaços para exposições. O edifício é dividido em duas alas e um corpo central que as une.

Na ala mais a sul, tanto ao nível do piso 0 como ao nível do piso 1, encontram-se amplos espaços expositivos bastante flexíveis. O corpo central é o corpo de acesso ao edifício, apresentando duas possíveis entradas. Uma entrada a sul, através do percurso de ronda, que estabelece ligação com a rua Guedes Coelho e, a entrada principal que se dá através do espaço verde abraçado pelo edifício e percorrido pela ribeira. Este espaço foi pensado de forma a ser resguardado e acolhedor, entre o silêncio da natureza e o correr da ribeira, permitindo a criação artística, de vários tipos, ao ar livre, tal como acontece hoje entre as muralhas do presídio durante workshops da Plataforma Trafaria. No interior deste corpo central, ao nível do piso térreo, encontramos os acessos ao piso superior, nos seus extremos. O espaço é amplo, de modo a poder ser usado de diversas formas. O nível superior funciona de forma semelhante pois garante o acesso a ambas as alas, dispõe também de espaços de apoio e uma sala destinada a workshops.

Por sua vez, a ala mais a norte, alinhada com o edifício das celas, é o corpo das oficinas. O piso 0 desta ala é amplo e flexível. O edifício foi pensado de modo a adaptar-se a projetos de grupo e projetos individuais onde se preza, respetivamente a interação e a privacidade. A partir do piso 0 desta ala é possível aceder ao piso superior das oficinas de forma interna, através de uma escada central.

**Residências temporárias (nova construção exterior à muralha)** - As residências são compostas por dois corpos transversais ao rio, conectados por uma ala, ao nível do piso térreo, onde se encontram os espaços comuns. Ambas as alas distribuem os quartos em 3 pisos e o acesso aos mesmos dá-se através de uma galeria. Todos os pisos contam com uma cozinha de apoio comum.

### 5.3. SOBRE A FORMA – INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA

A identidade arquitetónica, à semelhança de quaisquer elementos que façam parte do projeto, pressupõe um diálogo entre o novo e a pré-existência, ou seja, entre linguagens arquitetónicas, entre materialidades e entre diferentes épocas. O diálogo coerente entre o novo e o existente é uma das principais finalidades do projeto arquitetónico.

Possibilidades de estratégias a adotar num projeto entre o novo e o existente:

- pode intervir numa perspetiva mais conservadora e "historicamente determinista de conservação";
- pode intervir de forma a que haja uma clara rutura com o pré-existente;
- ou pode intervir numa perspetiva de transição em continuidade com o pré-existente, com base numa interpretação qualificada que procure uma maior qualidade interventiva.

Independentemente da escolha, deve-se acima de tudo conseguir alcançar uma harmonia entre todas as partes do todo, de modo que a relação entre os espaços e tempos seja agradável.

No projeto que proponho para o Presídio da Trafaria, a estratégia passa por distinguir claramente o novo do pré-existente, no entanto numa perspetiva de continuidade, utilizando a materialização como transição de tempos. Com esta abordagem procuro criar um diálogo coerente entre as várias partes do projeto e evitar uma leitura fragmentada.

Após a síntese do tipo de intervenção, princípios e proposta de usos, apresenta-se a reflexão sobre a estratégia formal da solução arquitetónica de conjunto. Evidencia-se a justificação dos novos elementos face à pré-existência, as demolições e reabilitações.

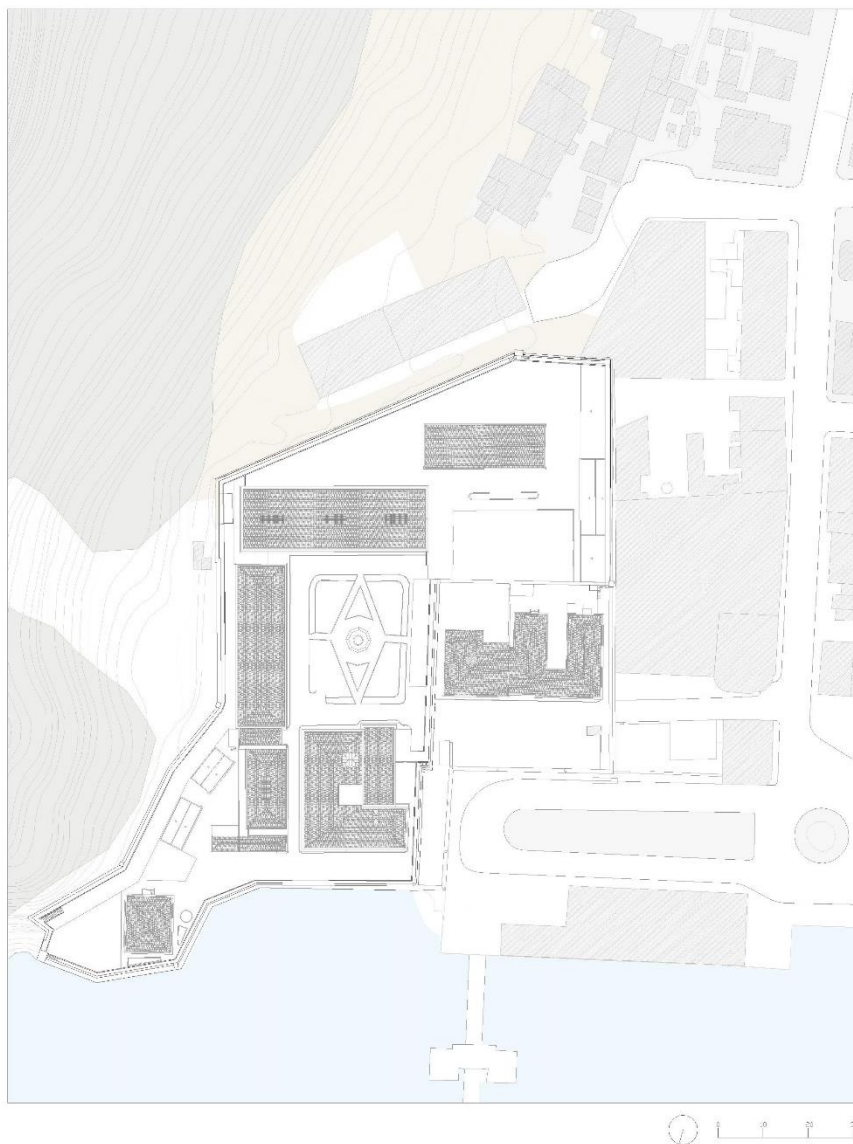


Fig.87. Planta da situação atual do antigo Presídio. Realizada pela autora. 2019.

## **O QUE SE MANTÉM E O QUE SE ANULA**

A ação de manutenção e de demolição de certos elementos da área de intervenção consiste no primeiro, e talvez mais decisivo, procedimento de projeto. Não é de todo uma escolha aleatória, carrega o peso de uma tomada de posição face às pré-existências, que deve ser informada e consciente, visto que se elegem determinados constituintes, em detrimento de outros.

Os critérios que determinam esta ação relacionam-se intimamente com a leitura do lugar, especialmente com o seu sentido. As pré-existências a preservar correspondem aos elementos da forma pelos quais a identidade e a memória do lugar é veiculada. Importa conservá-las para o entendimento do conjunto.

Partiu-se do princípio de executar o mínimo de demolições possível, apenas foi proposta a eliminação de alguns anexos que, além de se encontrarem num avançado estado de degradação, não possuíam valor arquitetónico nem a mesma linguagem dos edifícios do Presídio e, a eliminação do edifício 3 visto tratar-se de um edifício em betão armado cuja construção data da segunda metade do século XX, o que o torna discrepante em relação aos restantes edifícios de valor patrimonial da primeira década do século XX e, além do mais, a sua implantação interfere com a reabilitação da Ribeira da Enxurrada. Fora dos limites da muralha, o edifício 1 também foi eliminado, visto ter sido totalmente descaracterizado, não apresentando qualquer relação com os edifícios envolventes e, ainda, interferir com o percurso da ribeira. Todos os restantes edifícios que se encontram dentro dos limites da muralha foram reabilitados.

Em relação ao percurso de ronda, verificou-se que este constitui um perigo iminente. O estreito percurso em betão armado encontra-se fraturado e colapsado em algumas zonas, além de interferir visualmente com a muralha, sendo imprescindível a sua substituição por uma estrutura leve que respeite a pré-existência.

Em relação ao nível do solo, é retirado o pavimento em betão do campo de futebol, dado interferir com o percurso da ribeira e diminuir as zonas de absorção de água.

A tomada de decisão que envolve a manutenção de determinados elementos é, obviamente, simultânea com a consciência de anulação de outros. Como se viu anteriormente, a área de intervenção foi acumulando uma série de elementos discordantes que nem sempre tiveram em linha de conta as características do lugar, o património histórico e a própria especificidade da paisagem, assim torna-se fundamental enaltecer os edifícios do Presídio, que são portadores de valor histórico e arquitetónico.



Fig.88. Planta de demolições e construções no antigo Presídio e espaço envolvente. Realizada pela autora. 2019.

## **O REDESENHO DO LUGAR DO ANTIGO PRESIDIO**

A intervenção no antigo Presídio Militar da Trafaria combina a introdução de um novo tempo com o edificado que remete para o início do século XX e, os vestígios da antiga Bateria de Defesa da Barra do Tejo do século XVII.

Após a limpeza de todos os anexos degradados e desprovidos de valor arquitetónico, o espaço permanece expectante. Os elementos que são mantidos, ainda que constituam testemunhos históricos e arquitetónicos e sustentem a identidade do sítio, necessitam de um elo que os conecte.

A nova intervenção deve conectar todas as partes, tornando possível uma densidade do habitar sem comprometer a pré-existência e a paisagem. Deste modo, não se trata apenas de reabilitar as estruturas existentes, mas sim de adicionar novos elementos e integrá-los, através do redesenho do sítio.

Com a proposta de usos, a conexão entre os vários edifícios ficou mais coesa, no entanto, permanece uma quebra de ligação, não sendo perceptível o acesso a todas as partes. É neste cenário que entra o percurso de ronda, uma estrutura leve que substitui o estreito e fragmentado percurso em betão que constatamos atualmente. A nova estrutura permite uma ligação com a cota da rua Guedes Coelho, funcionando como uma peça única juntamente com a volumetria do novo restaurante e do centro de criação artística, um volume contemporâneo e unificador que contrasta com a robustez dos edifícios isolados do presídio. O percurso de ronda, além da ligação entre as novas peças construídas, garante acesso ao piso 1 do edifício 6 e à plataforma ajardinada, já existente, garantindo acesso ao piso superior do edifício 4.

Ao nível do solo, pretende-se criar uma continuidade verde que acompanha o percurso da Ribeira da Enxurrada, criando uma área permeável pondo em evidência a fusão que existe entre o antigo Presídio e a envolvente natural.

- DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL**
- 1 - Residências temporárias
  - 2 - Cafeteria
  - 3 - Espaço de criação artística
  - 4 - Galeria expositiva
  - 5 - Espaços polivalentes/  
multifuncionais
  - 6 - Restaurante (piso 1)/  
Atelier de culinária (0)
  - 7 - Bar/ espaços multifuncionais
  - 8 - Espaço social
  - 9 - Área polivalente



Fig.89. Planta de implantação da proposta de intervenção. Realizada pela autora.2019.

## 6. FUTURO DO ANTIGO PRESÍDIO DA TRAFARIA – O PROJETO

### 6.1. ESCALA URBANA – O PROJETO

À escala urbana, um dos maiores problemas do lugar onde está inserido o antigo Presídio da Trafaria é a acessibilidade quase inexistente que este apresenta em relação ao tecido urbano envolvente. Os muros que foram construídos ao redor da muralha do presídio apresentam-se como uma barreira física, que tornou o espaço numa espécie de ‘ilha isolada’ de toda a envolvente, sendo quase impercetível a entrada de acesso ao recinto. Imediatamente à frente destes muros encontra-se o estacionamento e o Terminal Fluvial da Trafaria. O estacionamento, além de causar algum conflito devido à circulação automóvel, apresenta-se, juntamente com o edifício do cais fluvial, como uma grande barreira visual para a contemplação do Tejo.

Verifica-se que, além destas barreiras físicas e visuais, o fim do passeio ribeirinho pelo corte da Av. Bulhão Pato e a inexistente ligação do objeto de intervenção com a encosta são outros dos fatores que levam ao seu isolamento perante a envolvente natural e construída.

Como ponto de partida, propõe-se a anulação de todos os muros secundários que impedem a entrada no presídio e, a remoção do estacionamento e da estação fluvial. A nova estação é implantada na zona do parque urbano, criado junto à indústria cerealífera, onde será incorporada com uma marina de recreio. O estacionamento passará para a zona do novo porto e também será garantido a tardoz da muralha do presídio. Apesar da alteração do porto fluvial, considerou-se interessante manter o pontão de embarque, onde poderão ser atracados barcos de recreio encarregados de trazer visitantes ao novo Centro Sociocultural e ainda servir como percurso de contemplação sobre o Tejo.

No que respeita às demolições, procedeu-se à demolição do edificado devoluto da antiga Empresa de Camionetes Piedense, adjacente à muralha do presídio, a poente, dado o seu estado de degradação ser muito acentuado, garantindo assim espaço para a construção de residências temporárias, que respeitam a geometria

dos antigos armazéns, transversais ao rio. Ao contrário do edificado devoluto, a nova construção respeita um distanciamento da muralha do Presídio, criando uma rua pedonal de acesso ao estacionamento que foi criado no edifício a tardoz.

Ao longo do percurso da Ribeira da Enxurrada, que se pretende reabilitar e trazer a céu aberto, são anuladas barracas que a bloqueiam. Na rua Guedes Coelho procedeu-se, também, à remoção de algumas barracas e anexos de génese ilegal que interferem com a ruína da Capela de Nossa Senhora da Conceição. Este espaço quer-se limpo, preservando o espaço verde com a passagem da ribeira, a céu aberto, e a memória desta antiga capela. Apenas serão mantidas as habitações que a ladeiam, que além de não interferirem com este cenário natural, são referidas, naquele mesmo local, nas cartografias históricas.

Em relação aos pavimentos, propõe-se a remoção da atual camada de asfalto, que se encontra na zona do estacionamento do porto de embarque, possibilitando a permeabilidade do solo através da criação de uma zona verde ao longo do percurso da ribeira e da opção por revestir a praça com lajetas de betão na cor branca, que dão continuidade à ampliação do passeio ribeirinho. São tomadas precauções em relação a possíveis cheias no local.

Com o propósito de melhorar e criar continuidade de acessos, é feita uma abertura na muralha, na zona tardoz do antigo presídio, que permite uma ligação entre a rua Guedes Coelho, a qual foi valorizada através da criação de percursos pela encosta e ao longo do percurso da Ribeira da Enxurrada, além de terem sido propostos novos lugares de estacionamento. Deste modo, torna-se possível aceder diretamente ao piso superior do novo edifício de Criação Artística ou entrar no recinto do Centro através do percurso de ronda.

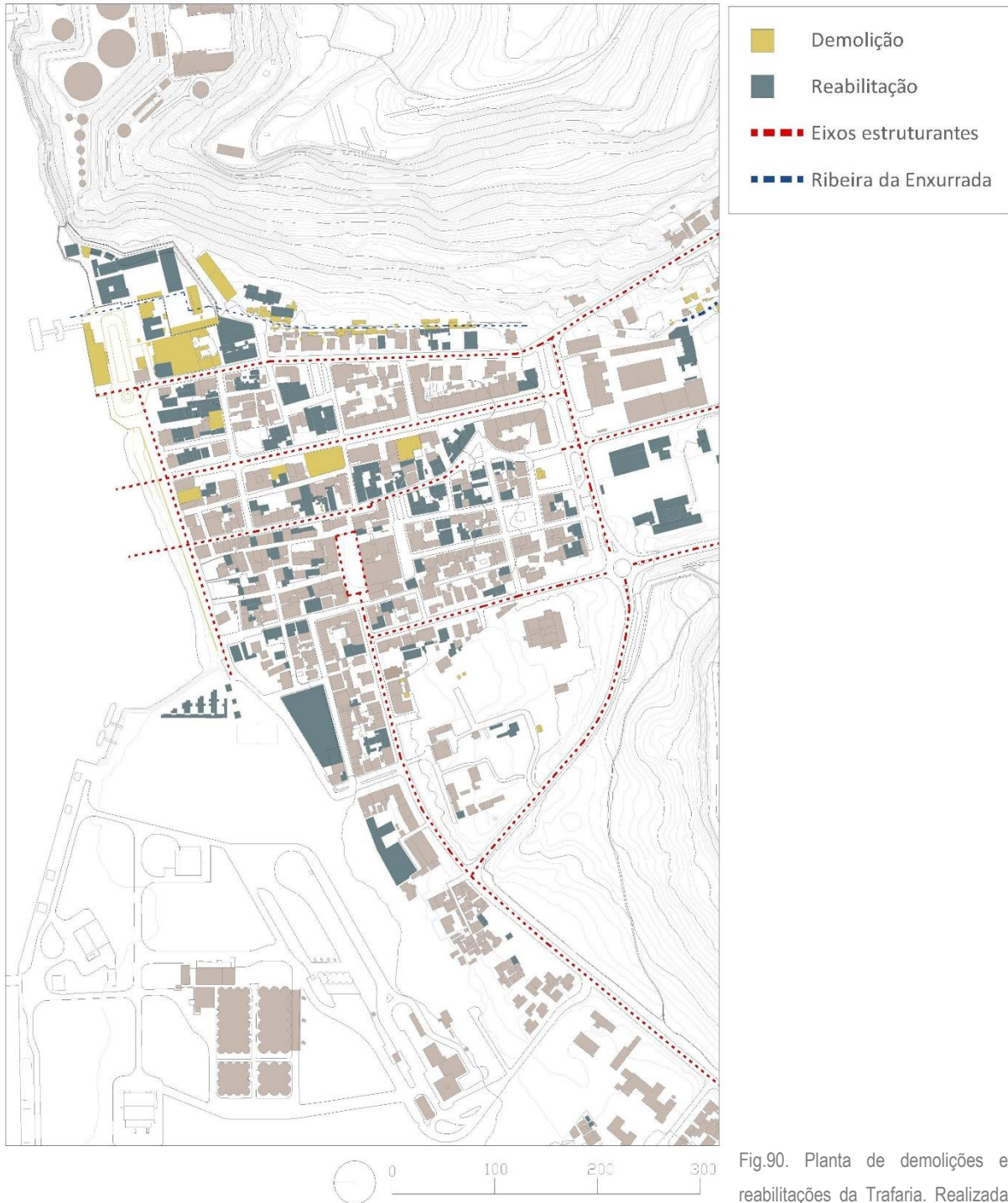


Fig.90. Planta de demolições e reabilitações da Trafaria. Realizada pela autora. 2019.



Fig.91. Planta de demolições e reabilitações do antigo Presídio e espaço envolvente. Realizada pela autora. 2019.

• **NOVA ESTAÇÃO FLUVIAL**

A nova estação fluvial, localizada no limite do novo parque urbano, desenvolve-se como uma linha no horizonte, um volume alongado sob a qual se distribuem os espaços de apoio aos passageiros e os circuitos funcionais de interface entre o parque urbano e a zona portuária. Optou-se por uma escala e uma linguagem à escala da paisagem e da infraestrutura, por oposição a um edifício tradicional, tal como aconteceu na Reconversão do Porto da Horta. Pretende-se que o novo porto apresente traços simples e seja o mais transparente possível.

A nova estação fluvial incorpora uma pequena marina de recreio para cerca de 40 embarcações. Foi criada uma continuidade, ao nível do pavimento, que liga a frente ribeirinha a esta nova peça arquitetónica.



Fig.92. Proposta de desenho urbano da nova Estação Fluvial. Realizada pela autora. 2019.

- **O PASSEIO RIBEIRINHO**

O passeio ribeirinho existente, em calçada de calcário em tom claro, possui 12 metros de largura; nele é evidente a inexistência de zonas de sombreamento, tal como falta de mobiliário de apoio. O pavimento, está em bom estado de conservação e é bastante interessante pelos seus padrões, sendo um elemento a preservar.

A intervenção passa por alargar a frente ribeirinha, através do acrescento de um novo material, que contraste com o existente e se apresente como uma continuidade entre a nova estação fluvial e a nova praça frontal ao novo Centro Sociocultural. Propõe-se um pavimento em lajetas de betão brancas de dimensão 0.40m x 0.60m, contrastando com o pavimento existente, de modo a tornar claro que se trata de uma ampliação. O Betão é sinónimo de contemporaneidade, criando uma atmosfera minimalista.

Nesta nova peça, criada pelo novo pavimento, serão criadas várias zonas de sombreamento ao longo do passeio ribeirinho, através de árvores com bancos incorporados nos seus canteiros. O acesso à praia vai ser possível através de seis rampas que provêm deste mesmo pavimento.



Fig.93. 3D da proposta de ampliação do Passeio Ribeirinho. Realizado pela autora. 2019.



Fig.94. Atual Passeio Ribeirinho da Trafaria. Fotografia da autora. 2019.



Fig.95. Planta da proposta do novo desenho do Passeio Ribeirinho da Trafaria. Realizada pela autora. 2019.



Fig.96 e Fig.97. Pavimento de pedra calcária do Passeio Ribeirinho e proposta de ampliação em lajetas de betão. Fotografias da autora. 2019.

- **A REABILITAÇÃO DA RIBEIRA DA ENXURRADA**

A Ribeira da Enxurrada é uma das principais e mais relevantes linhas de água pertencentes ao concelho de Almada. A ribeira rompe a arriba e desagua diretamente no rio Tejo, na Trafaria, na zona compreendida entre o Porto Fluvial e o Presídio, sendo que parte do seu percurso ocorre num nível subterrâneo dentro dos limites da Muralha.

Salienta-se que a Ribeira da Enxurrada tem a si associados diversos relatos de cheias na região, efeito provocado pelo desvio e encanamento da linha de água. Além destas ocorrências, a cobertura da ribeira retirou a possibilidade da sua fruição por parte da população da Trafaria.

O projeto urbano visa descobrir (parcialmente) e reabilitar a ribeira, trazendo-a a 'céu aberto', de modo a valorizar o espaço natural do seu percurso e, ainda, a intervenção no antigo presídio e a criação da nova praça. Deste modo, consegue-se simultaneamente uma valorização natural e de proteção dos recursos hídricos e de controlo das cheias e tornar a área de intervenção num espaço de recreação e lazer mais dinâmico, representando um fator importante para o aumento da qualidade de vida da população local.



Fig.98. Ribeira da Enxurrada a desaguar junto ao antigo Presídio. Fotografia da autora. 2019.

- **A NOVA PRAÇA ABERTA AO RIO**

Com a remoção do estacionamento e da estação fluvial da frente do Presídio será possível criar uma praça, servida de novos espaços de comércio e, ainda, reabilitar a Ribeira da Enxurrada e com ela dar vida a este novo espaço.

A praça surge através da continuidade da ampliação do passeio ribeirinho, sendo pavimentada, igualmente, com lajetas de betão branco de 0.40m x 0.60m e da continuidade verde que acompanha a Ribeira da Enxurrada e atravessa a muralha do presídio. Duas das entradas no presídio dão-se através desta praça, sendo que somos 'encaminhados' ao seu interior pelo percurso da água.

A nova praça, com uma vista privilegiada para o Tejo, tem zonas de esplanada que servem as duas cafetarias, tendo como ambição fortalecer a relação do novo Centro Sociocultural com o tecido urbano, com o rio e a ribeira, numa perspectiva de equilíbrio cultural e ecológico dos binómios água e terra e natural e urbano.

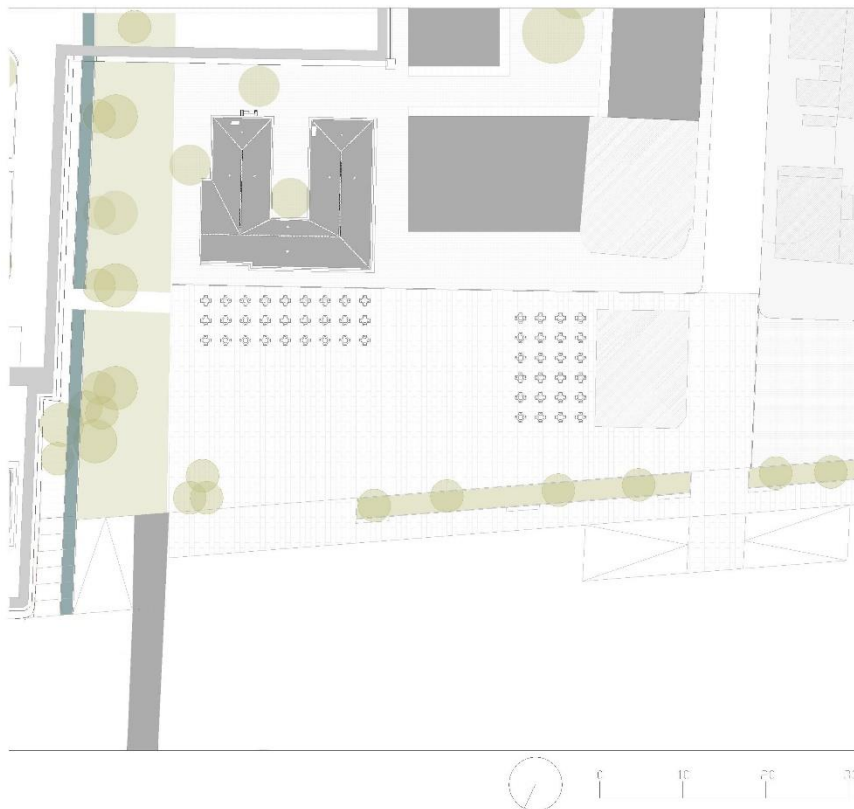


Fig.99. Planta da proposta para a nova Praça. Realizada pela autora. 2019.

## 6.2 – ESCALA ARQUITETÓNICA – O PROJETO

Depois de realizada uma análise aprofundada do conjunto edificado do antigo presídio da Trafaria, constata-se que este se encontra em mau estado de conservação, sendo o estado de degradação acentuado em algumas partes, resultado da exposição de alguns elementos da construção à intempérie; no entanto, a estrutura dos edifícios principais não está afetada. Tratando-se de edifícios com grande valor histórico e identitário a sua reabilitação é inquestionável.

A premissa é respeitar sempre a memória, o valor patrimonial e a arquitetura dos edifícios existentes, sendo a ampliação e a adição de novos corpos realizada por meio de estruturas metálicas, criando um contraste entre a estrutura densa das paredes dos edifícios existentes e a leveza deste tipo de estruturas. Com a intervenção proposta, o contraste entre o novo e a pré-existência fica evidente.

O antigo presídio é trabalhado como limite da nova arquitetura, realçando o contraste das superfícies densas com a delicadeza da nova intervenção, que em conjunto funcionam como um elemento unitário.

Em suma, a proposta tem como objetivo principal atuar no antigo presídio com base numa leitura do seu passado, que salvaguarda todos os seus valores e propõe novas estruturas contemporâneas adaptadas às constantes mudanças do nosso tempo. Foram aplicados conceitos na intervenção arquitetónica como: **intervenção mínima; intervenção reversível; e flexibilidade do espaço.**

### **-Intervenção mínima**

A intervenção mínima consiste em recuperar o existente através das medidas certas, efetuando somente o indispensável, de modo a não comprometer 'fisicamente' o edifício e a assegurar os valores históricos de todos os seus constituintes.

Todas as intervenções de restauro vão basear-se neste conceito, sendo efetuadas reintegrações volumétricas e cromáticas quando houver uma referência evidente e quando estiver em causa a leitura da obra.

#### **- Intervenção reversível**

No que toca aos materiais e às técnicas construtivas a escolha será sempre pelos que não põem em causa os valores do património existente. Deste modo, será aplicado o princípio da intervenção reversível através da aplicação de técnicas e materiais, não só compatíveis com a construção existente, mas também reversíveis, ou seja, que sejam fáceis de remover ou mover sem danificar a pré-existência.

#### **- Flexibilidade do espaço**

Pretende-se desenvolver construções com carácter cada vez mais flexível, capazes de se alterarem internamente por meio de divisórias móveis, portas deslizantes, portas pivotantes e estruturas removíveis. Deste modo, a construção nova deve ser 'móvel' no sentido de que, qualquer que seja o uso que o usuário ou um grupo social queira, ele seja possível e realizável sem que o edifício apresente obstáculos às transformações que daí resultem.

## **O RESTAURO DAS PRÉ-EXISTÊNCIAS**

A ideia de projeto consiste em preservar os edifícios existentes, incluindo os anexos com a mesma linguagem arquitetónica, sem alterar as suas fachadas e mantendo quase na totalidade os seus interiores, sendo apenas suprimidas algumas paredes divisórias sem função estrutural quando imprescindível e adicionadas paredes divisórias para a criação de instalações sanitárias adaptadas a mobilidade reduzida.

### **Medidas gerais que foram aplicadas a todos os edifícios do antigo presídio:**

- A estratégia utilizada perante os edifícios existentes é proceder à sua limpeza e recuperação de alvenarias portantes e não portantes, através do seu reforço por meio de materiais compatíveis e o restauro e reposição (quando necessário) das cantarias existentes. Para tal é necessário remover o reboco que se encontra solto por picagem e proceder a uma análise da argamassa existente de modo a que seja feita uma semelhante para ser aplicada. O mais aconselhável, neste caso, é a utilização de uma argamassa de cal aérea, uma vez que a sua composição é próxima à argamassa antiga, contudo mais resistente e garante um aspeto estético compatível. Após o reboco deve aplicar-se um primário adequado e finalizar com tinta de acabamento para exterior.

- Em relação aos interiores, após a limpeza e recuperação das paredes, são apenas adicionadas paredes de gesso cartonado para a construção de instalações sanitárias mais amplas e adaptadas a mobilidade reduzida, não sendo necessárias mais adições, dado o carácter tipológico dos espaços destes edifícios.

-As coberturas inclinadas em telha de marselha, com estrutura principal de suporte em asnas de madeira e estrutura secundária de suporte em ripas são recuperadas, à exceção dos anexos, cujas coberturas colapsaram. As telhas são limpas por meio de um jato de água a alta pressão. A parte da estrutura secundária das

coberturas apresenta cedência em algumas zonas, tal como os revestimentos dos tetos. O madeiramento das coberturas que está deteriorado tem de ser substituído por peças de madeira semelhantes em condições de resistência mecânica e aos insetos xilófagos. No processo de substituição da estrutura de madeira da cobertura é necessário incluir uma manta de impermeabilização, de modo a evitar novas infiltrações de água e, conseqüentemente, a cedência dos novos elementos. Os tetos em gesso cartonado que apresentam ruturas são igualmente substituídos.

- As portas e as caixilharias em madeira das janelas são recuperadas, quando possível, e as que se encontram num elevado estado de degradação são substituídas. A recuperação destes elementos consiste em remover os restos de tinta existente através de um decapante químico em gel e em seguida lixar as superfícies e pintar com tinta de esmalte para assegurar uma maior durabilidade do material.

- Os Pavimentos interiores são revestidos em alcatifa, mosaicos cerâmicos e madeira. Existem zonas sem qualquer tipo de revestimento, como é o caso do interior das celas. Os pisos encontram-se todos em mau estado de conservação, sendo viável a sua total substituição. Serão aplicados pavimentos em madeira natural (carvalho) em todos os edifícios do presídio, à exceção do edifício das celas onde predomina o revestimento pétreo.

- Os pavimentos exteriores são em calçada calcária e encontram-se de modo geral em bom estado, sendo apenas necessário proceder à sua limpeza e adição de eventuais elementos em falta.

- Os elementos em ferro, como as escadas e galeria do edifício 4, portas, grades das janelas e claraboias, que se encontram em mau estado de conservação, devido à falta de cuidados de manutenção e à intempérie, são reparados. Para a sua recuperação é necessário lixar e seguidamente pintar, com um primário e esmalte antioxidante.

### **As alterações nas pré-existências:**

**Cafeteria (edifício 2)** – A cozinha da cafeteria é mantida a sul, no seu lugar inicial e, na ala poente do edifício, também a sul, são criadas as instalações sanitárias. As instalações sanitárias da ala nascente são adaptadas para os funcionários. A tipologia do interior do edifício é mantida, sendo apenas suprimidas algumas paredes interiores de modo a tornar as salas de refeição mais amplas.

**Galeria de venda (edifício das celas)** - Tratando-se de um edifício de grande valor histórico, arquitetónico e cultural torna-se impensável a supressão de paramentos interiores ou qualquer outra alteração na sua tipologia. No entanto, é imprescindível adaptar o espaço a mobilidade reduzida. Foi criado um elevador de vidro que permite a acessibilidade e ainda facilita o transporte de obras de maior dimensão. A opção pelo vidro passou por tornar a intervenção o mais 'transparente' possível, não criando qualquer tipo de discordância com a galeria de ferro pré-existente.

**Atelier de Culinária** (antigo refeitório do edifício 4) – O antigo refeitório foi transformado num atelier de formação culinária para pequenos cursos. O espaço é amplo, tendo sido apenas suprimidas algumas paredes interiores sem função estrutural e criada uma claraboia que permite maior entrada de luz natural no interior do edifício.

**Bar (edifício 5)** – Ao nível do piso 0 existia apenas uma instalação sanitária, cujas medidas não eram adaptadas a mobilidade reduzida. Foram projetadas duas instalações sanitárias, sendo uma delas adequada. Foi, ainda, criado um acesso vertical – elevador – adjacente às escadas existentes. Os restantes espaços do piso não sofreram qualquer alteração.

Ao nível do piso 1 foram apenas abertos dois vãos de porta nas paredes que limitam o bar, de modo a permitir maior fluidez neste espaço.

**Espaço polivalente (antiga igreja)** – A antiga igreja já foi reabilitada, não sendo necessário recorrer a qualquer intervenção no seu interior, preservando-se a amplitude do espaço.

**Espaço social (edifício 6)** - Devido à função do edifício, que pretende servir e juntar a população da Trafaria, desde crianças a jovens e idosos, foi necessário melhorar as acessibilidades. É possível aceder ao interior do edifício pela fachada principal através de uma rampa dimensionada para pessoas com mobilidade reduzida. No pequeno pátio interior do edifício foi criado um elevador de vidro que garante o acesso ao piso 1. Por fim, foram projetadas instalações sanitárias bem dimensionadas em ambos os pisos, sendo que a do piso térreo é adaptada a utilizadores de cadeira de rodas.

### **AS NOVAS CONSTRUÇÕES**

**Restaurante panorâmico (ampliação em altura do antigo refeitório)** - Dado o edifício existente ser mais baixo do que os envolventes, tendo apenas um piso, e encontrar-se numa zona de vista privilegiada para o rio, incapacitada da sua usufruição pela presença da muralha, foi proposta uma ampliação do edifício na vertical.

Esta nova estrutura vem, também, resolver o problema da cobertura do antigo refeitório que está em mau estado de conservação. A estrutura proposta, leve, em aço, assenta sobre as paredes portantes do edifício existente e dos anexos adjacentes a este, não sobre os paramentos pois estes não apresentam resistência mecânica suficiente, mas numa estrutura construída no interior dos mesmos. Estes anexos possibilitaram, também, a criação de acessos verticais que não comprometem de modo algum a estrutura da pré-existência. Este novo corpo é desenhado de modo a alcançar a altura dos edifícios adjacentes e tirar partido da vista para o Tejo, sendo assim o seu espaço exterior coberto paralelo à muralha e acessível a partir do percurso de ronda.

**Centro de criação artística** - A nova construção, no espaço adjacente ao edifício das celas (a poente), ocupa parte da zona de implantação do edifício 3 (espaço utilizado pela plataforma Trafaria) e surge pela necessidade de criar espaços mais

amplos, dimensionados de modo a albergar todo o programa proposto para o centro artístico.

O novo edifício, com uma estrutura leve em aço, que acompanha o percurso da ribeira e a forma da muralha é dividido num corpo central e duas alas, que 'envolvem' o espaço verde exterior. Trata-se de um edifício amplo, cuja ala norte (centro expositivo) e a ala sul (espaço de criação artística e exposição pontual) são compostas por painéis móveis, tornando possível criar espaços menores ou mais amplos dependendo do tipo de exposição e do número de artistas a usufruir dos mesmos.

**Residências temporárias** – As residências temporárias foram criadas no espaço devoluto a poente da muralha. Foi respeitada a altura dos edifícios envolventes, sendo que as residências se distribuem em duas alas transversais ao rio ligadas, ao nível do piso 0, por um corpo de espaços comuns. Os acessos verticais encontram-se nas extremidades do corpo social.

As residências distribuem-se em 3 pisos com acesso aos quartos através de uma galeria. A ala poente possui 27 quartos, sendo 3 deles quádruplos e os restantes triplos. Todos os quartos possuem instalação sanitária privativa e uma zona de trabalho. A ala a nascente conta com 21 quartos, sendo três deles dormitórios com capacidade para seis pessoas e os restantes são triplos. Tal como na ala poente todos os quartos possuem instalação sanitária privativa e uma zona de trabalho. Em ambas as alas os quartos são adaptados a mobilidade reduzida. Por cada piso existe uma cozinha de apoio.

Em suma, a proposta tem como objetivo principal intervir nos edifícios do antigo presídio por meio de uma leitura do passado, conservando todos os seus valores patrimoniais, históricos, culturais e identitários e propor novas estruturas, necessárias para albergar os novos usos, com caráter reversível, visto tratar-se de edifícios de importância histórica e vivermos tempos de constante mudança.

## **A MURALHA**

A muralha apresenta dois tempos distintos, a bateria de Defesa da Barra do Tejo, construída a partir do assentamento de blocos de pedra calcária e o muro construído após a mudança da função para Presídio Militar. O muro construído em alvenaria de pedra e tijolo irregular argamassada está em mau estado de conservação, pelo que é necessário proceder à sua limpeza e recuperação das alvenarias, através do seu reforço por meio de materiais compatíveis. A primeira medida passa por remover o reboco que se encontra solto e proceder a uma análise da argamassa existente de modo a que seja feita uma semelhante para ser aplicada. A solução pode passar pela aplicação de uma argamassa de cal aérea, dada a sua composição ser próxima à existente, no entanto oferecendo uma maior resistência e garantindo um aspeto estético compatível. Após o reboco é aplicado um primário adequado e finaliza-se com tinta branca resistente à água.



Fig.100. e Fig.101. Os dois tempos da Muralha do antigo Presídio. Fotografias da autora. 2019.

## O PERCURSO DE RONDA

O percurso de ronda existente, em betão armado com muretes em alvenaria de tijolo, além de ser estreito, encontra-se fraturado e colapsado em algumas zonas. Deste modo a melhor solução passa por retirar este percurso, já muito danificado, e substituí-lo por uma estrutura leve, menos invasiva e que se distinga visualmente da muralha. Assim, a escolha passa por um percurso em aço, que além de leve e fácil de reverter ou substituir peças, em caso de danificação, cria juntamente com o corpo do restaurante e o centro de criação artística uma 'peça única'. O percurso funciona como uma 'peça solta' que toca apenas pontualmente na muralha, assumindo-se claramente como intervenção nova, através do seu desenho e materialidade.

Além da ligação entre as novas construções, este novo percurso em aço permite entrada, ao nível do piso 1, na antiga Igreja (novo espaço polivalente), ligação com a cota do edifício das celas e com a Rua Guedes Coelho. O percurso permite, ainda, a contemplação de todo o complexo do Presídio entre a muralha e a observação do rio para lá da mesma, possibilitando também a entrada nos baluartes.

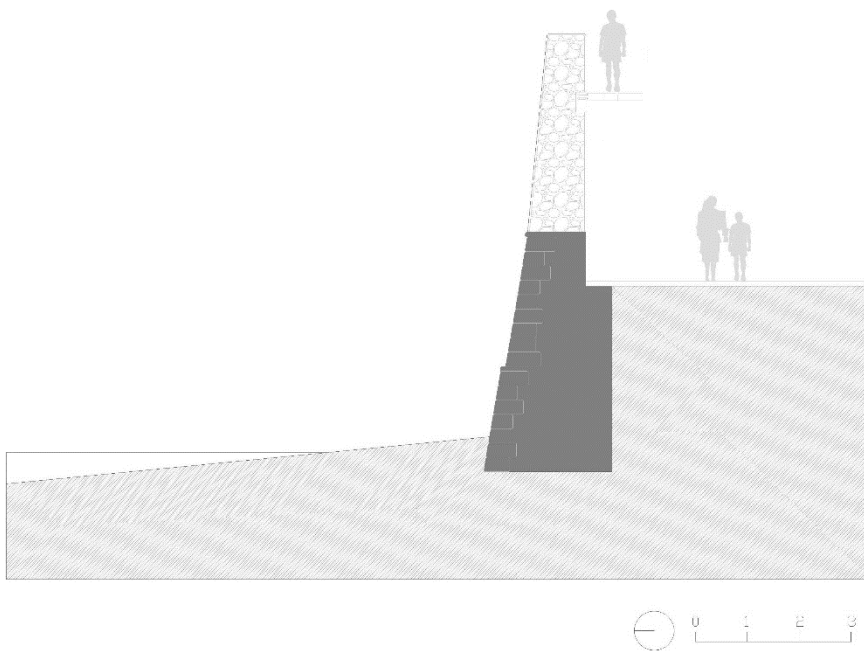


Fig.102. Detalhe construtivo do percurso de ronda. Proposta da autora. 2019.

## **MATERIALIDADE**

Pretende-se que a materialidade das novas construções se distinga do existente, através de traços claros e simples.

No que toca às pré-existências procurou-se, como já foi referido, preservar as paredes exteriores, recuperando as alvenarias, garantindo o seu reforço e, seguidamente, rebocá-las e pintá-las com tinta na cor branca.

As estruturas em aço, tanto na ampliação em altura que deu origem ao restaurante, como no novo edifício de criação artística, são estruturas de grande leveza. Com a introdução destas novas estruturas no complexo do antigo presídio busca-se uma distinção evidente e contrastante entre a pré-existência e o novo e, ainda, pretende-se elevar a capacidade que este tipo de estruturas possui perante a criação de espaços amplos e flexíveis, facilmente modificados ou revertidos mediante possíveis futuras alterações da função. Além da materialidade, pretende-se criar um contraste de cores com a pré-existência, revestindo-se assim as novas construções com placas de *alucobond* de cor escura, que contrastam com as alvenarias brancas do antigo presídio.

Em oposição ao exterior, o interior das novas construções é revestido com painéis de gesso cartonado pintados na cor branca, garantindo maior propagação da luz no interior do edifício.

As lajes utilizadas em ambos os edifícios são colaborantes. Enquanto a do restaurante é revestida com soalho de madeira natural (carvalho), de forma a criar um ambiente mais acolhedor, a do espaço de criação artística é revestida com um pavimento em microbetão.

O percurso de ronda parte, também, de uma estrutura em aço, que se pretende leve e com traços simples, optando-se, assim, por guardas em vidro.

Em relação aos vãos do novo restaurante, optou-se por caixilharias em pvc num tom escuro. A fachada virada para o rio é totalmente envidraçada de modo a garantir total fruição do mesmo e, é protegida por uma pala. A fachada nascente

apresenta vãos estreitos e altos, distribuídos pontualmente. A fachada nascente, garante um afastamento de 8,5 metros em relação ao Edifício Social e apresenta poucas fenestrações. Por fim, o pátio interior do edifício é majoritariamente envidraçado.

Por sua vez, o edifício de criação artística é envidraçado na fachada virada para o pátio interior. A ala das oficinas possui vários vãos e ainda a presença de vidro na sua cobertura, permitindo a entrada de luz através de claraboias. A ala do espaço expositivo possui vãos pontualmente, de modo a não prejudicar as obras expostas. As fenestrações, à semelhança do revestimento do edifício, prezam a horizontalidade, de modo a criar uma relação com o edifício das celas.

Todas as caixilharias do novo edifício são em pvc num tom escuro.

As residências temporárias apresentam uma estrutura em betão armado, com paredes rebocadas e pintadas de branco, em harmonia com os edifícios da vila e, também, com os edifícios pré-existentes do presídio. Os vãos das galerias de acesso são compridos e estreitos, com caixilharia em pvc num tom escuro. Os vãos dos quartos, com a mesma caixilharia, são mais amplos. Os espaços comuns do piso térreo possuem as duas fachadas envidraçadas.



Fig.103 e Fig.104. Paredes das pré-existentências rebocadas e pintadas na cor branca e proposta de revestimento em alucobond em cor escura para as novas construções. Fotografias da autora. 2019.

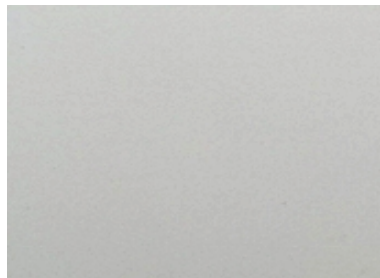


Fig.105 e Fig.106. Pavimento revestido em madeira e pavimento revestido em microbetão, respetivamente. Fotografias de autor desconhecido.



Fig.107. O impacto dos Silos na paisagem da Trafaria. Fotografia da autora. 2019.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caraterizada no momento presente por um território desordenado, que permanece menosprezado, a Trafaria é marcada pela presença de edificado devoluto, nomeadamente o antigo Presídio Militar. Perante o cenário de abandono da área de intervenção, surge a necessidade de mostrar um olhar diferente sobre os espaços expectantes, equacionando hipóteses de regeneração urbana alternativas para voltar a dar vida a estes espaços.

Numa margem desvalorizada, mas repleta de potencialidades, surge assim a oportunidade de proceder à sua valorização, convertendo a zona de intervenção num novo polo atrativo no concelho de Almada. Deste modo, é fundamental estabelecer uma estratégia urbana que vise regenerar o território da Trafaria e, recriar a sua relação com o rio, através de um projeto urbano e arquitetónico que integre o natural e o construído, exaltando a Trafaria no contexto da sua metrópole e o seu valor como território de entrada marítima na cidade de Lisboa.

Tendo em conta a atual situação do conjunto edificado do antigo Presídio da Trafaria e do tecido urbano envolvente, devolutos e em progressivo estado de arruinamento, torna-se evidente uma problemática urbana que surge como uma oportunidade – a possibilidade de uma nova vida, de modo a salvaguardar o património militar, a partir de novas formas de apropriação destes espaços. Assim sendo, busca-se conceber novas metodologias que conectem estes espaços abandonados que estabelecem relações com o seu passado histórico e identitário, afirmando um elo entre os vários tempos e garantindo uma nova oportunidade de estratégia urbana.

De acordo com a temática de projeto, é apresentada uma proposta urbana para a frente ribeirinha da Trafaria, que visa tirar partido dos abandonos ao estabelecer novos usos que tenham a capacidade de oferecer espaços públicos qualificados e melhorar a salubridade associada ao ambiente natural, através de medidas como a criação de um parque urbano, uma estrutura verde contínua que atua como um corredor verde ecológico e ainda a reabilitação da Ribeira da Enxurrada. Paralelamente são criados espaços de estadia e contemplação, nomeadamente

através do alargamento do passeio ribeirinho e a criação de uma praça aberta ao rio na zona do atual porto de embarque, dando origem a um *continuum* paisagístico. Deste modo, são criadas e recriadas continuidades no tecido urbano, que foram perdidas ao longo do tempo, através da eliminação de barreiras e zonas de conflito, revertendo as zonas degradadas que descaracterizam o local, tanto ao nível das relações territoriais como sociais.

*A Reabilitação do antigo Presídio Militar da Trafaria como Catalisador Urbano* surge de modo a reestabelecer as vivências sociais e o sentido comunitário característico da vila e ainda a projeção de espaços públicos capazes de criar relações de carácter coletivo e de proximidade. É evidenciado que tal como o Presídio, na sua função primogénita de Lazareto, impulsionou a formação do tecido urbano, tem hoje potencial enquanto regenerador do mesmo. Assim, a reabilitação do complexo funciona como catalisador para a requalificação urbana e até mesmo de edifícios envolventes, através de novas funções que satisfaçam as necessidades da população local e, simultaneamente, incrementem o turismo, sem nunca esquecerem a memória do lugar.

Enquanto catalisador, o complexo utiliza os seus próprios recursos, ou seja, programas de carácter social, económico e cultural, para voltar a dar vida a estes espaços. A tomada de decisão em relação ao programa deve, somente, constituir-se como a mais pertinente solução às convicções alcançadas sobre o lugar e sobre o tema, assim sendo, o programa deve ser estabelecido segundo as funções que melhor se relacionam com o que o lugar 'pretende ser'. Posto isto, surge a proposta de reabilitação para o antigo presídio, conjunto edificado da primeira década do século XX, repleto de valores de memória, culturais e sociais.

O Presídio é um complexo que, desde a sua génese, esteve sempre ligado à estadia de pessoas, pelo que a reconversão deste tipo de edificado para uma tipologia social que promova as vivências da população, além de ir ao encontro da sua memória 'de estadia' permite manter a estrutura do edifício e a sua imagem exterior. Assim sendo, propõe-se a criação de um novo Centro Sociocultural que apoia o trabalho da Plataforma Trafaria, através de um novo espaço de criação artística, que constitui o núcleo artístico-cultural do complexo. Por sua vez, o

núcleo social do Centro pretende servir a população da Trafaria, desde os mais idosos aos mais jovens ao lhes garantir diversos espaços de apoio. Por último, o núcleo gastronómico surge enquanto promotor da culinária típica da Trafaria. Foram ainda criadas residências temporárias que visam, além de dar apoio aos projetos da plataforma Trafaria servindo, de certo modo, como residências artísticas, garantir alojamento aos alunos do Polo Universitário de Almada.

O projeto de reabilitação, além das funções atribuídas aos edifícios do Presídio, conservando os princípios de autenticidade, identidade e memória, procura realçar a pré-existência e complementá-la através de uma adição com linguagem contemporânea, evidenciando o contraste novo-existente. Salienta-se que o projeto arquitetónico é indissociável da forma como o novo se relaciona com a envolvente construída, com a paisagem urbana ou, no caso da reabilitação, com a pré-existência.

A Compreensão do edifício, ou seja, o que a nós nos transmite e ao espaço em que se insere, e o que representa para pessoas que o conhecem, torna-se assim um passo fundamental para a compreensão da sua identidade, e consequentemente da abordagem mais indicada para a sua Reabilitação, de forma a conferir-lhe uma identidade que responda às necessidades atuais, mas que respeite sempre o que foi anteriormente.

No projeto proposto para o Presídio da Trafaria, a estratégia passa por distinguir claramente o novo do pré-existente, numa perspetiva de continuidade, utilizando a materialidade como transição de tempos. Com esta abordagem, tenciona-se criar um diálogo coerente entre as várias partes do projeto e evitar uma leitura fragmentada.



## 8. BIBLIOGRAFIA

**BARROSO**, José. *Trafaria – A Comunidade e o Recreio*. Almada: Universidade Nova de Lisboa, 1982.

**BERGER**, João Paulo Ribeiro. *A Artilharia e a defesa da Costa da Barra do Tejo a Cascais nos séculos XIX e XX – o Museu da Artilharia de Costa*. Em: *Separata Boletim de Artilharia Antiárea – Nº 5 – II Série*, outubro, 2005.

**BRANCO**, Camilo Castelo. *Perfil do Marquez de Pombal*. Rio de Janeiro: L. Couto & Ca, 1982.

**CHOAY**, Françoise. *As Questões do Património, Antologia para um Combate*. Lisboa: Ed. EDITORES 70, 2011.

**CHOAY**, Françoise. *L allégorie du patrimoine*. Paris: Editions du Seuil, 1992.

**COSTA**, A. *Trafaria e Costa de Caparica: dados sobre os núcleos urbanos e faixa atlântica*. Almada: ed. Câmara Municipal de Almada – Museu da Cidade, 2007.

**HOSPERS**, Gert-Jan. *Policy responses to urban shrinkage: from growth thinking to civic engagement*. *European Planning Studies* 22 (7): 1507-1523. doi: 10.1080/09654313.2013.793655, 2014.

**LEAL**, Carlos. *Outrafaria*. Trafaria: Centro de Arqueologia de Almada, 2014.

**MATOS**, J. *A Fábrica de Dinamite da Trafaria (1974-1996)*, Em: *Atas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, 20 a 23 de Fevereiro de 1997; coord. Luís Manuel B. V. de Bombeiros e Fernando J. Robles Henriques. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2002.

**MOURA**, Dulce; **GUERRA**, Isabel; **SEIXAS**, João; **FREITAS**, Maria João. *Parte do Relatório Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional*. Lisboa: QREN, 2005.

**NEVES**, Mário. *Costa de Caparica: no areal do tempo*. Costa da Caparica, 2008.

**PAIS**, João. *Evolução da parte terminal da Bacia do Baixo Tejo durante o Miocénico*, Em: *Resumo da conferência proferida a 7 de Dezembro de 1998*.

**PAIVA**, José Vasconcelos; **AGUIAR**, José; **PINHO**, Ana. *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil e Instituto Nacional de Habitação, 2006.

**PIRES**, Amílcar. *Caráter da Arquitectura e do Lugar*. Lisboa: ARTITEXTOS, nº6, 2008.

**PORTAS**, Nuno. *Cidades e Frentes de Água*. Em: *Catálogo da mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água*. Porto: Parque Expo'98, S.A, 1998.

**SOUSA**, Raul. *Fortalezas de Almada e seu Termo*. Almada: Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Almada, 1981.

### **DISSERTAÇÕES**

**MORGADO**, Carla Sofia A. P. *Protagonismo de la ausencia. Interpretación urbanística de la formación metropolitana de Lisboa desde lo desocupado*, Tese de doutoramento em Urbanismo, Escuela técnica superior de arquitectura de Barcelona, Universidad politécnica de cataluna, 2005.

### **DOCUMENTOS ELETRÓNICOS**

**CMA**, *Diagnóstico Social de Almada - Relatório Final*. Almada: CMA, 2013.  
Disponível em: <<http://www.m-almada.pt/>>

**CMA**, *Documento Estratégico para a Trafaria*. Almada: CMA, 2009.  
Disponível em: <<http://www.m-almada.pt/>>

**MESTRE**, Victor. *Regeneração Urbana – parte1*. 2012.

Disponível em:

<<http://www.patrimonio.pt/index.php/por-dentro/324-regeneracao-urbana-parte-i.>>

**PORTAS**, Nuno. *Políticas Urbanas II: Transformações, Regulação e Projetos*.

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/282157313\\_As\\_Transformacoes\\_do\\_Espaco\\_Urbano\\_Estruturas\\_e\\_Fragmentos](https://www.researchgate.net/publication/282157313_As_Transformacoes_do_Espaco_Urbano_Estruturas_e_Fragmentos)>

**SERDOURA**, Francisco. *A Emergência de Novas Centralidades: O Caso de Lisboa*.

Disponível em:

<[http://www.academia.edu/395221/A\\_EMERG%C3%8ANCIA\\_DE\\_NOVAS\\_CENTRALIDADES\\_O\\_CASO\\_DE\\_LISBOA](http://www.academia.edu/395221/A_EMERG%C3%8ANCIA_DE_NOVAS_CENTRALIDADES_O_CASO_DE_LISBOA)>

**TEIXEIRA**, Miguel Barroso. *Factor Ambiental na Qualificação de Frentes de Água Urbana*, 1998.

Disponível em:

<<http://www.ufp.pt/units/geonucleo/ecos/nemero3/artigos/Frentes.htm>>



## **ANEXOS**

- I. COMPLEMENTOS AO TRABALHO TEÓRICO
  
- II. REFERÊNCIAS AO TRABALHO PRÁTICO
  
- III. PROCESSO DE TRABALHO – DESENHOS E MAQUETES DE ESTUDO
  
- IV. MAQUETES FINAIS E RENDERS
  
- V. PAINÉIS SÍNTESE



## **I. COMPLEMENTOS AO TRABALHO TEÓRICO**

Apresentam-se em seguida, os elementos adicionais que proporcionam mais informação sobre as características do local de intervenção e da sua evolução ao longo dos séculos.

- CARTOGRAFIA HISTÓRICA
- FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS
- MAPAS DE ANÁLISE DO TERRITÓRIO
- REGISTO FOTOGRÁFICO – PATRIMÓNIO MILITAR (ALMADA)
- FOTOGRAFIAS DA ENVOLVENTE URBANA (TRAFARIA)
- FOTOGRAFIAS DO ANTIGO PRESÍDIO DA TRAFARIA

## CARTOGRAFIA HISTÓRICA

Mapa de Portugal (detalhe).  
Fernando Álvares Seco. 1561.

Fonte: Arquivo Histórico de  
Almada.



"El Atlas del Rey" - Planta  
(detalhe). Pedro Teixeira. 1634.

Fonte: Arquivo Histórico de  
Almada.





Mapa da Barra do Tejo baseado no Regimento de Pilotos de António de Mariz Carneiro. 1642.

Fonte: Arquivo Histórico de Almada.



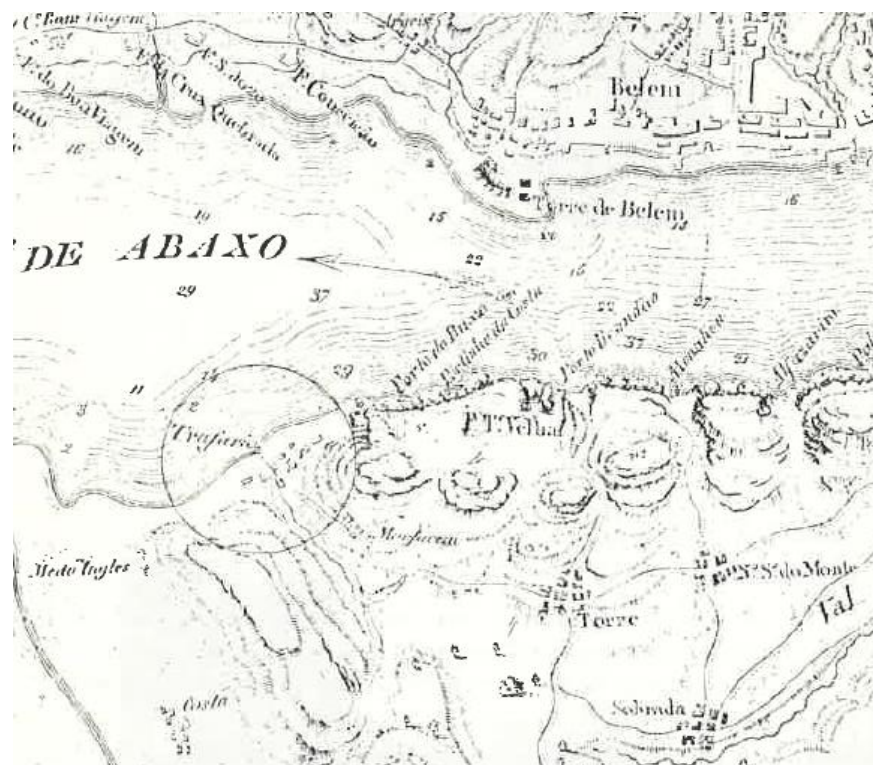
"Plan du Port de Lisbonne et de ses Costes Voisines (detalhe). Jacques Nicolas Bellin". 1756.

Fonte: <<https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2015/06/cartografias.html>>



Mapa da Barra do Tejo. Século XIII.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



Mapa da Barra do Tejo. 1806.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



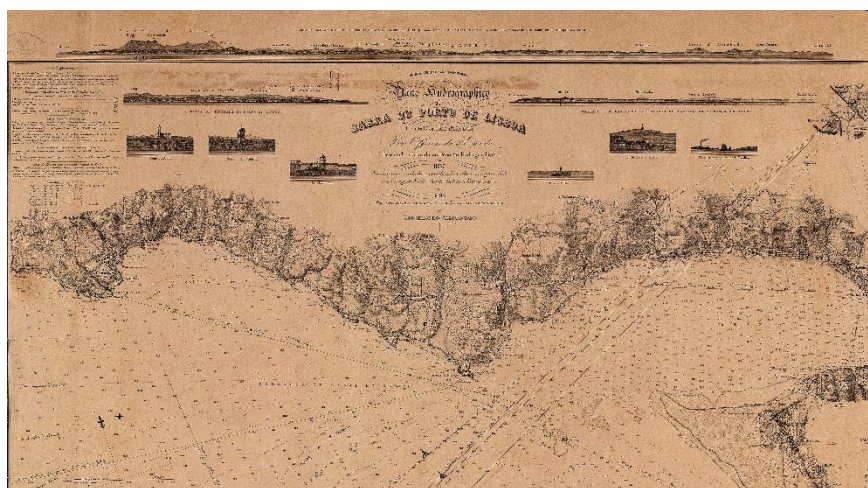
“Carta Chorographica dos Terrenos em volta de Lisboa”.  
Filipe Folque. 1856-1866.

Fonte: <<http://purl.pt/3971>>



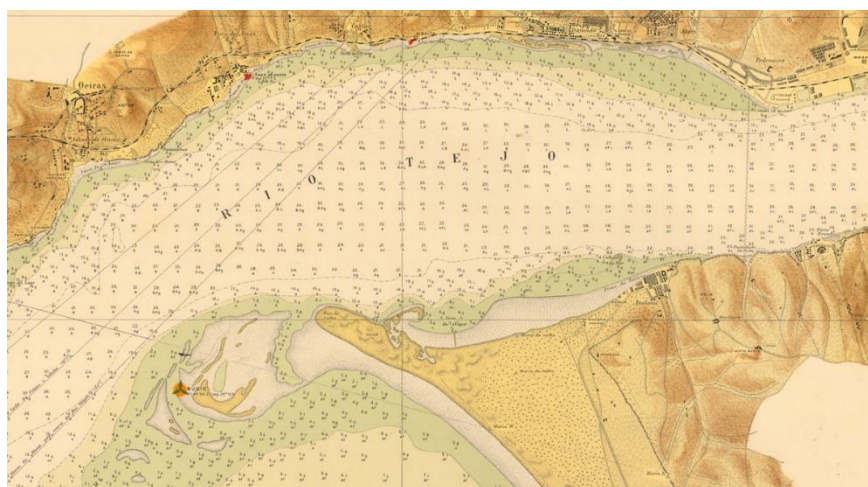
Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa. 1857.

Fonte: Arquivo Histórico de Almada.



Mapa do Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa. 1929.

Fonte: Arquivo Histórico de Almada.





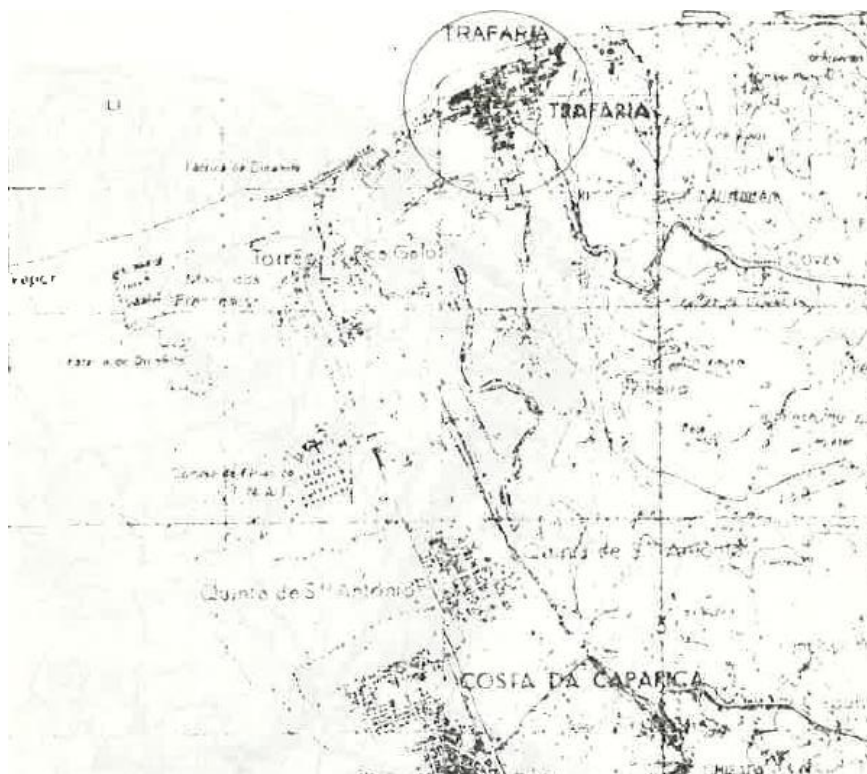
Mapa da Trafaria à Costa da Caparica. 1882.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



Mapa da Trafaria à Costa da Caparica. 1939.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



Mapa da Trafaria à Costa da Caparica. 1961.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



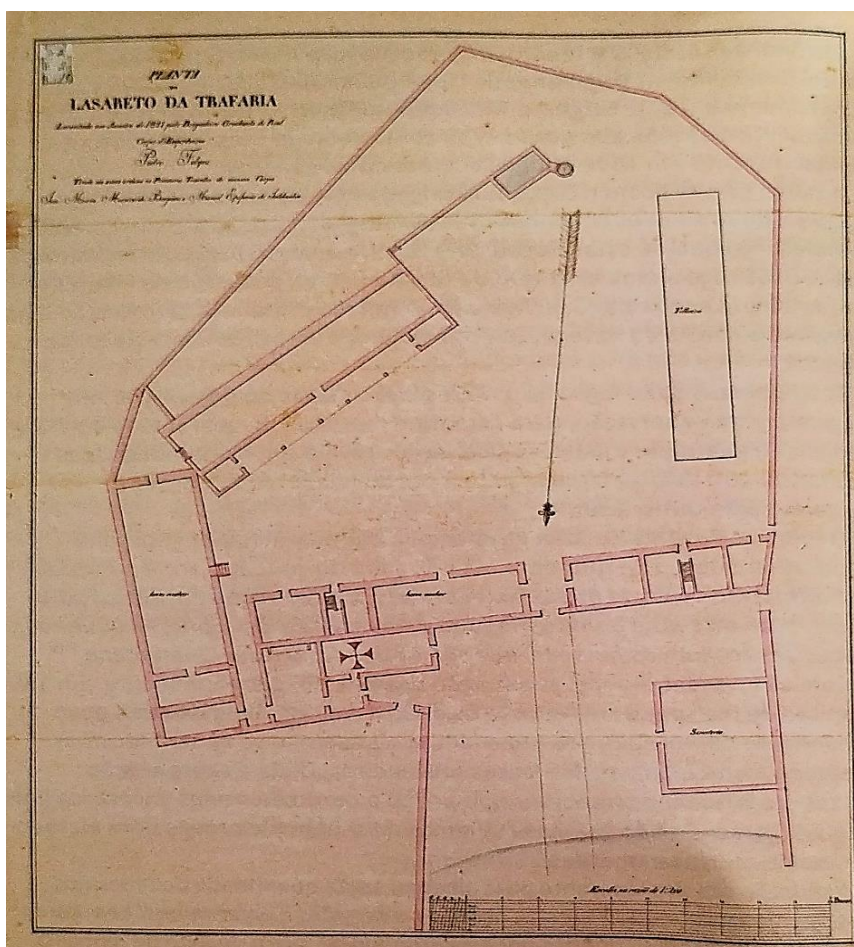
Mapa da Trafaria à Costa da Caparica. 1974.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



Planta do lugar da Trafaria levantada e desenhada pelos discípulos da Academia Real de Fortificações e Artilharia. 1793.

Fonte: Livro *Outrafaria*.



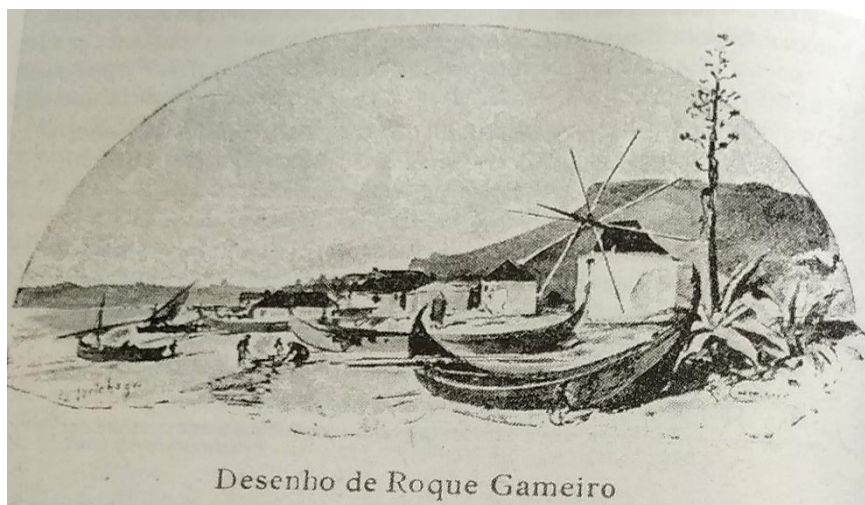
Planta do Lazareto (e Presidio) da Trafaria. 1812. (Neste ano estava desocupado em virtude da transferência para a Torre Velha em 1816).

Fonte: Livro *Outrafaria*.

## **FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS**

Praia da Trafaria retratada por Roque Gameiro. Fim do século XIX.

Fonte: Livro *Outrafaria*.



Vista panorâmica da Trafaria. Postal ilustrado no início do século XX. Cedência: Viriato Carvalho.

Fonte: CMA - Museu da Cidade de Almada.



Trafaria entre 1906 e 1908. "Observa-se o quartel, o plano inclinado para acesso às Baterias de Alpena e Raposeira, o casario disperso". Postal Ilustrado.





Trafaria — Vista geral da praia.  
Ed. J. Quirino Rocha. Década de 1900.

Fonte: Delcampe.



Vista da Trafaria. Fim dos anos 40 do século XX.

Fonte: CMA – Museu da Cidade de Almada.



Costa da Caparica – Cova do Vapor. Vista aérea. 1953.

Fonte: Arquivo Histórico de Almada.

Trafaria — Vista parcial e estrada da Costa



Moinhos de vento na Praia da Trafaria. Início do século XX.

Fonte: CMA – Museu da Cidade de Almada.



Avenida Marginal da Trafaria.  
Anos 60 do século XX.

Fonte: Delcampe.



Trafaria – Praça da República.  
Anos 40 do século XX.

Fonte: Livro *Trafaria e sua Toponímia*.



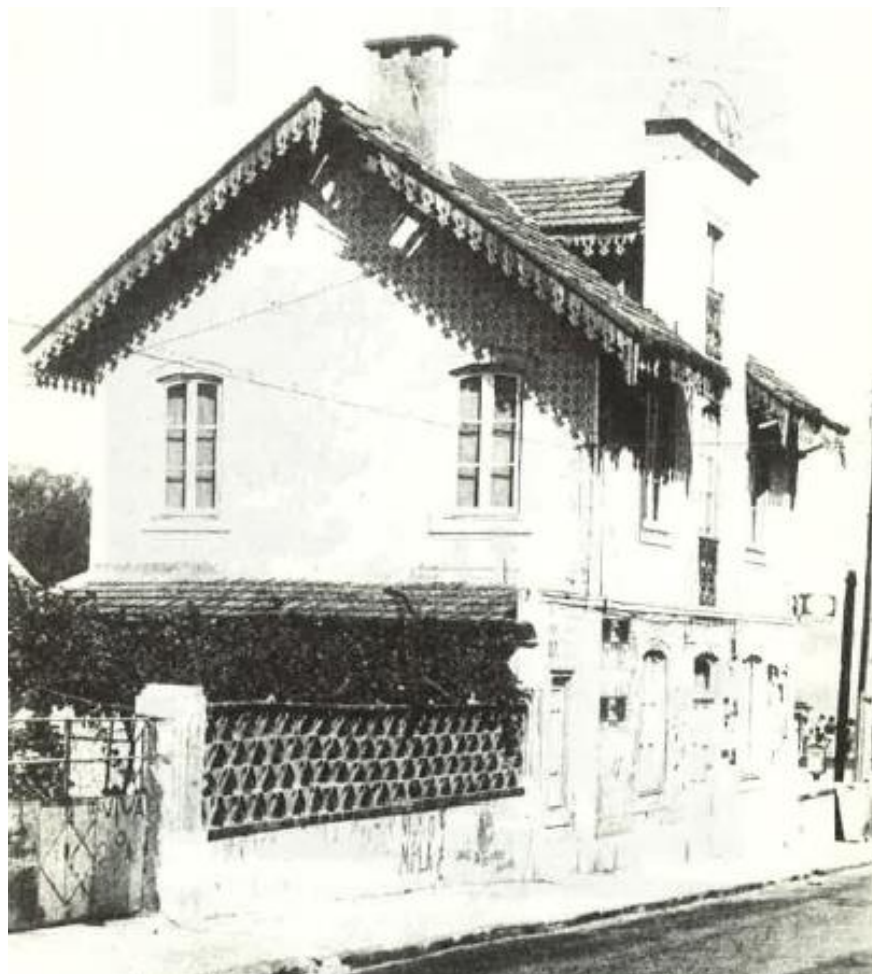
Igreja de S. Pedro, na praça da República. Anos 60 do século XX.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



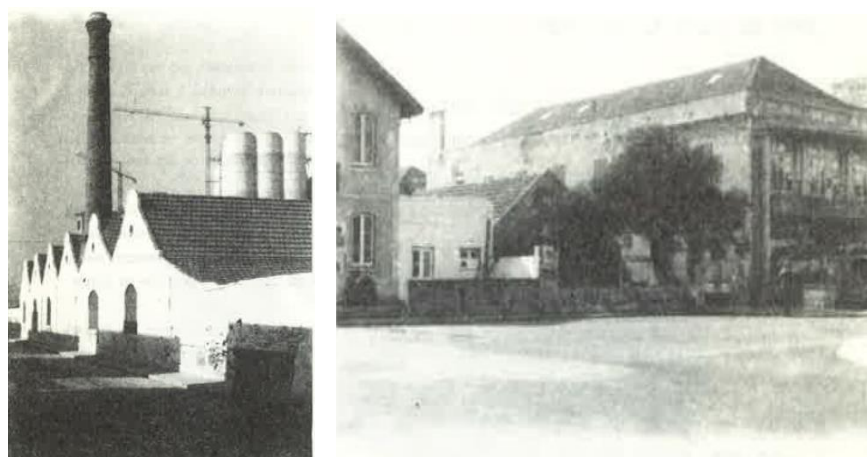
Trafaria, Rua 5 de Outubro. Anos 60 do século XX.

Fonte: Livro *Trafaria e sua Toponímia*.



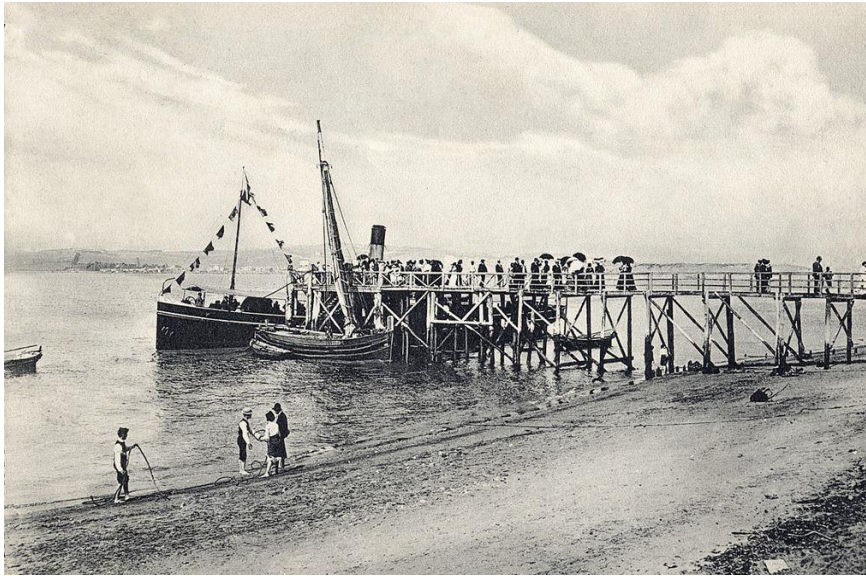
Edifício da Farmácia, no final da Av. Bulhão Pato (Hoje encontra-se reabilitado para uso habitacional). Anos 60 do Século XX.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



Antiga Fábrica de Conservas e antiga Fábrica STAL na Av. Marginal. Anos 60 do Século XX.

Fonte: Livro *Trafaria – a Comunidade e Recreio*.



Praia de banhos da Trafaria. 1908.

Fonte: CMA – Museu da Cidade de Almada.



Praia de banhos da Trafaria.  
Início do século XX

Fonte: CMA – Museu da Cidade de Almada.



Praia de Banhos da Trafaria.  
1911.

Fonte: Livro *Outrafaria*.

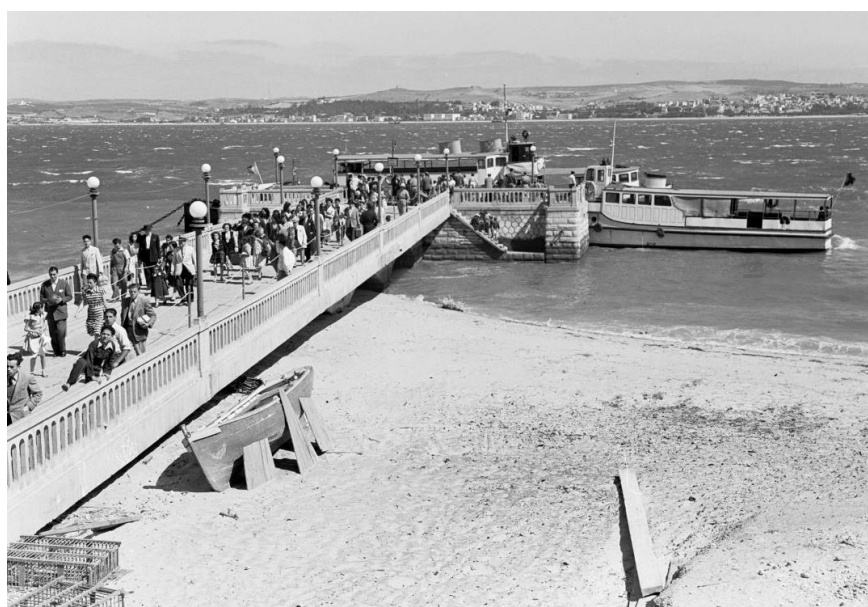
Trafaria. Entrada da Ponte de embarque. Postal ilustrado do início do século XX.

Fonte: Livro *Outrafaria*.



Cais de Embarque da Trafaria. Fim dos anos 40 do século XX.

Fonte: CMA – Museu da Cidade de Almada.



Paragem dos autocarros. Fim dos anos 40 do século XX.

Fonte: CMA – Museu da Cidade de Almada.





Fachada do Presídio. Significativo o frontal e a localização da Ermida. 1901.

Fonte: Livro *Outrafaria*.



Fachada do Presídio e Cais de Embarque. 1901.

Fonte: Delcampe.

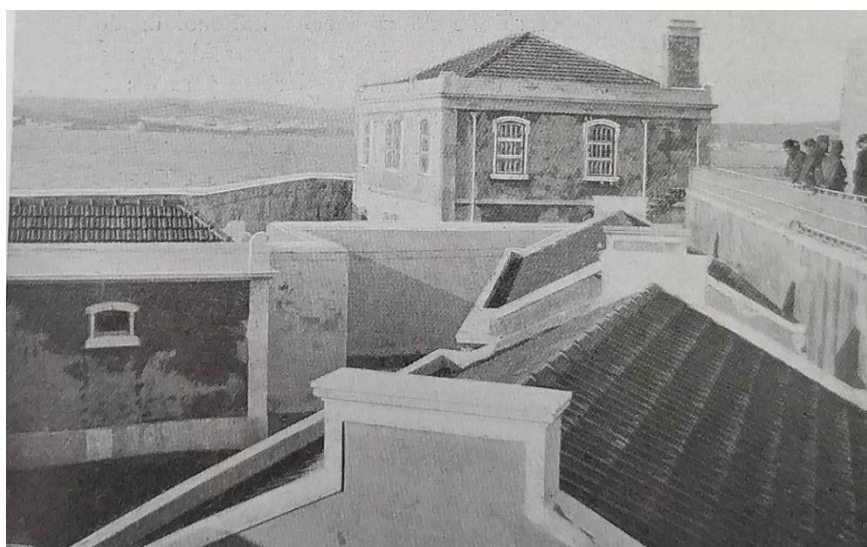
Trafaria – Vista parcial tirada do sítio denominado Descida (encosta de Murfacém). Anos 50-60 do século XX.

Fonte: Livro *Trafaria e sua Toponímia*.



Presídio da Trafaria após a reconstrução de 1908/09. Início do século XX.

Fonte: Livro *Outrafaria*.



Vista parcial do antigo Presídio e praia da Trafaria. Postal ilustrado do início do século XX.

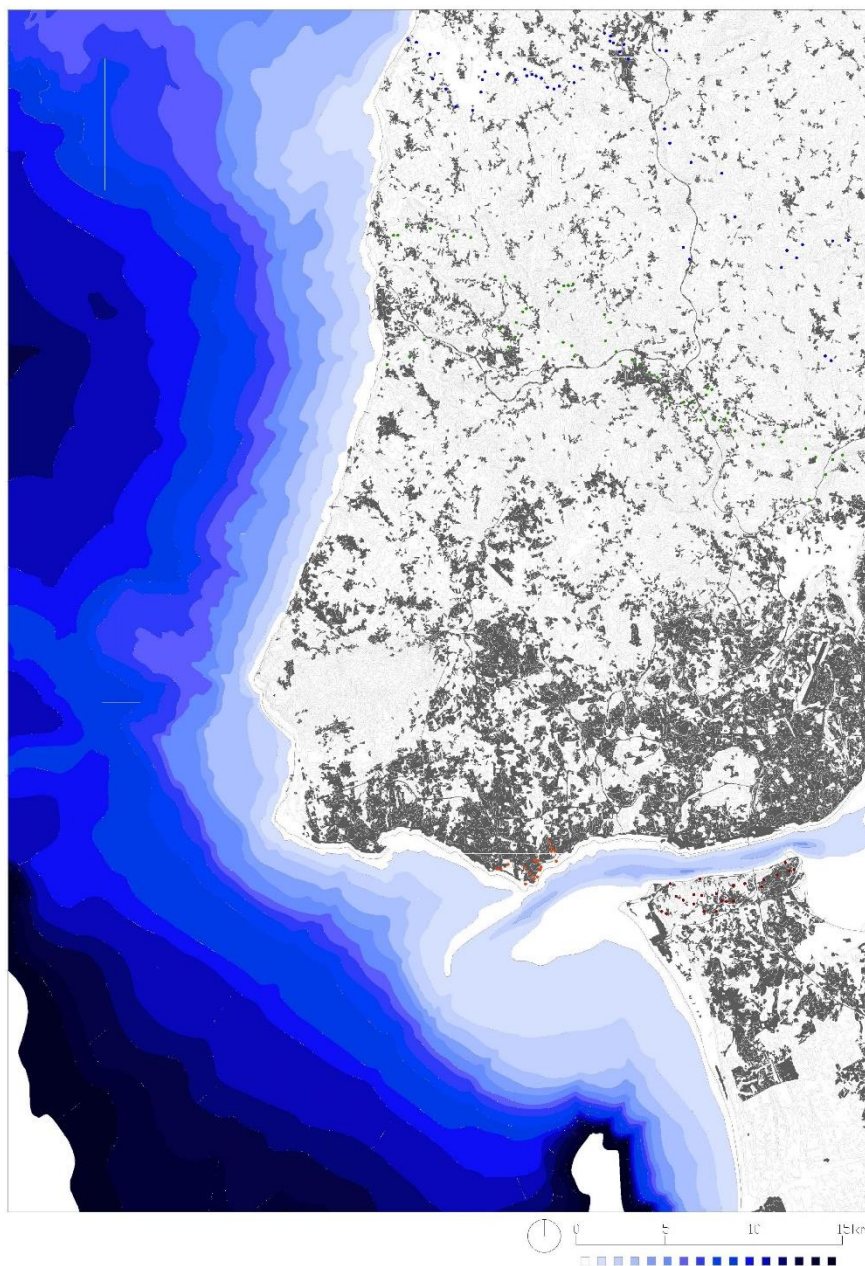
Fonte: Delcampe.



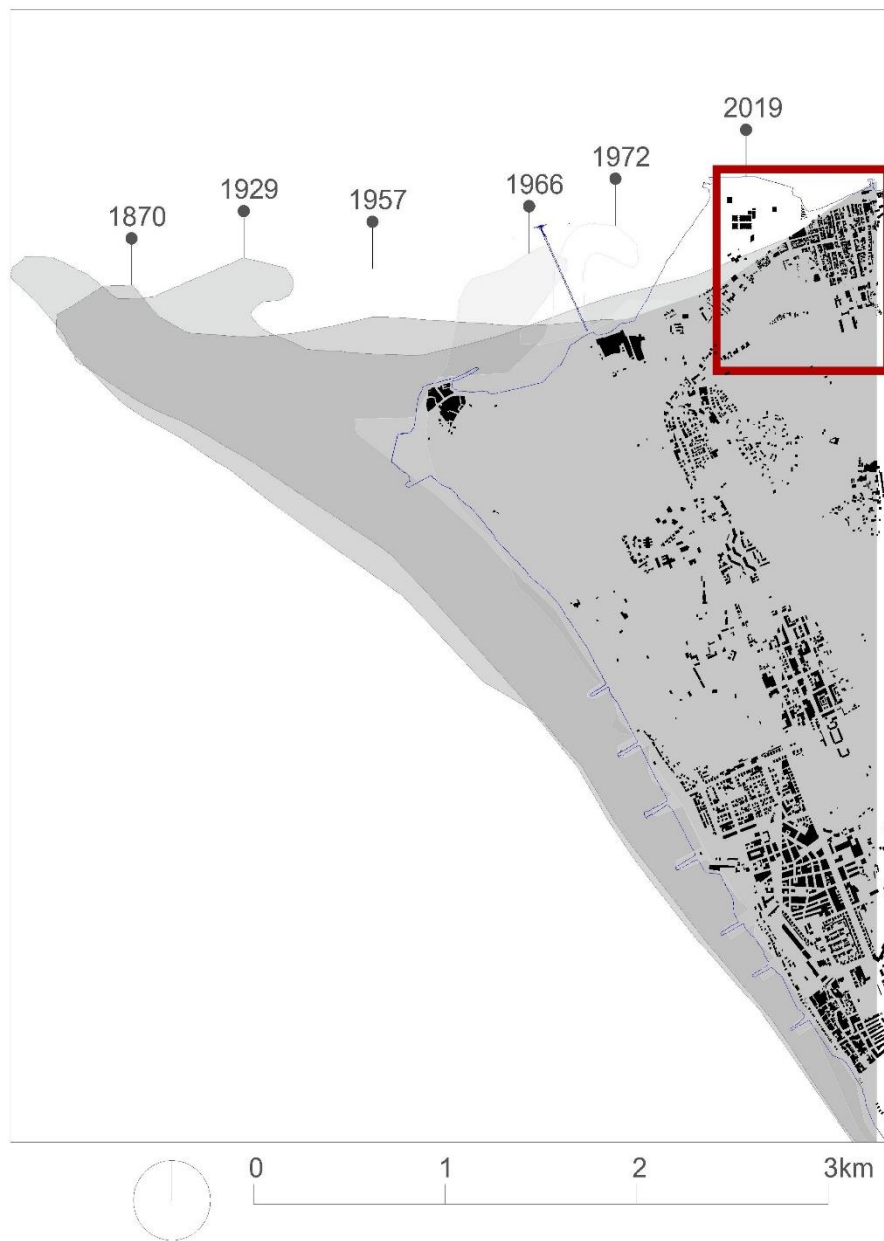
## MAPAS DE ANÁLISE DO TERRITÓRIO



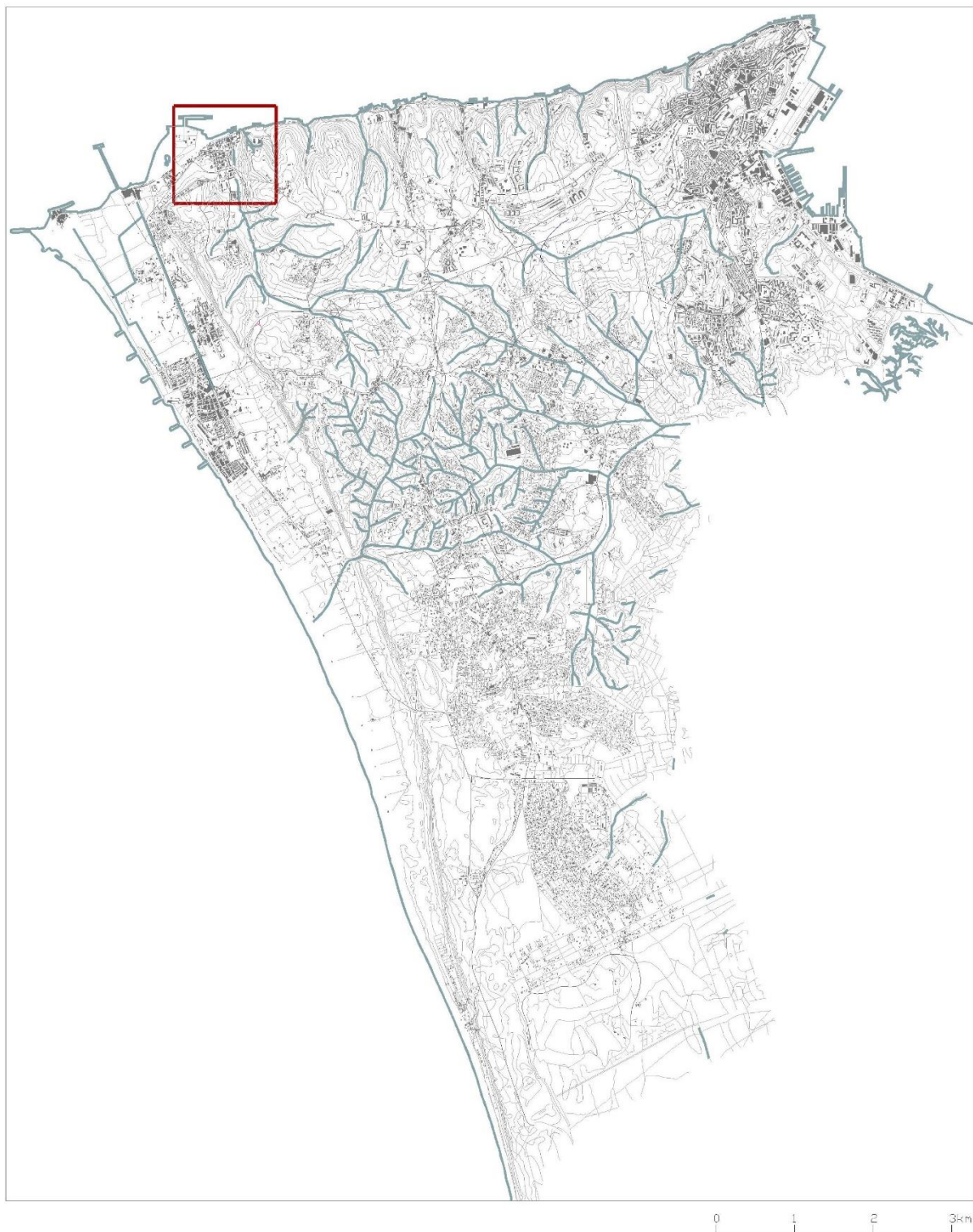
Mapa das margens norte e sul com Património Militar assinalado. Realizado pela autora. 2019.



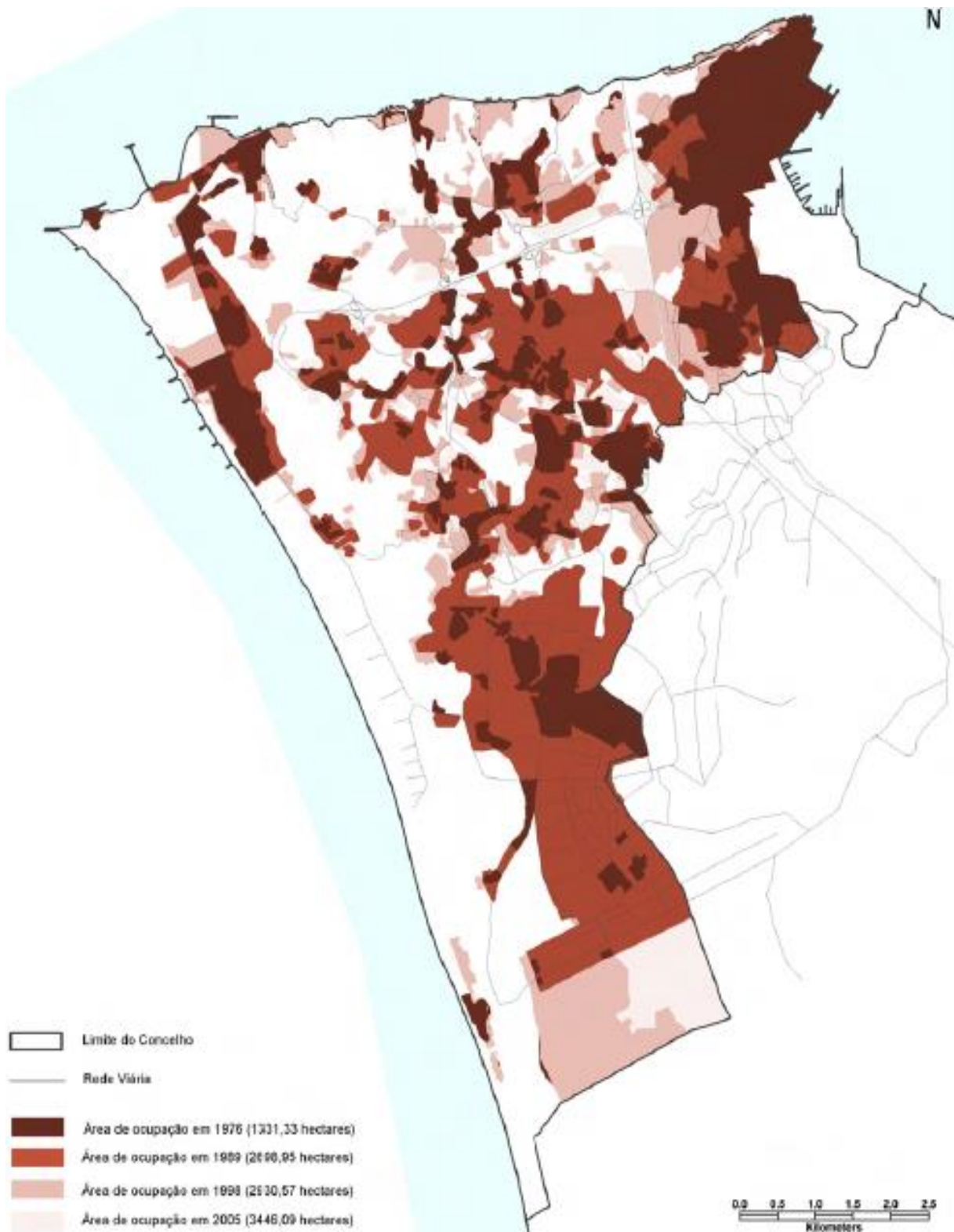
Mapa com batimetria das margens norte e sul. Realizado pela autora. 2019.



Mapa da evolução da linha de costa da Cova do Vapor à Trafaria. Realizado em grupo (turma MIArq 5b). 2019.



Mapa Hidrográfico do Concelho de Almada. Realizado pela autora. 2019. Fonte: CMA.



Mapa da Evolução do Edificado do Concelho de Almada. Fonte: CMA.

**REGISTO FOTOGRÁFICO – PATRIMÓNIO MILITAR (ALMADA)**

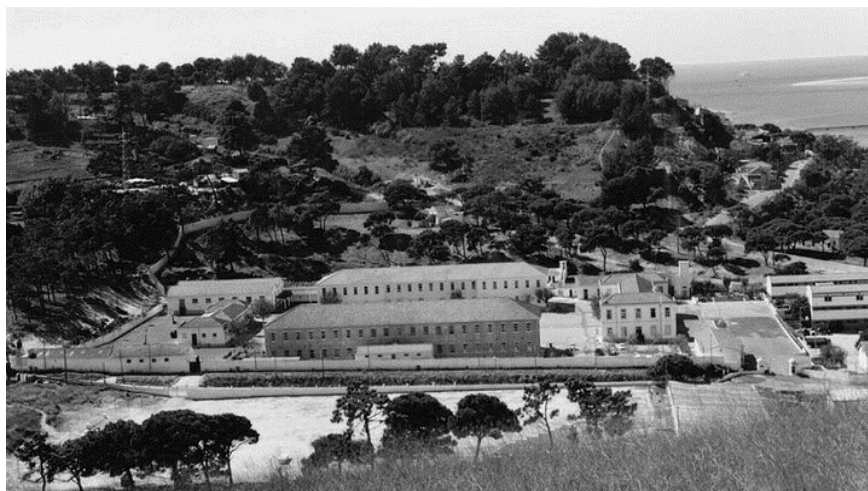
Vista panorâmica sobre a Torre Velha. Porto de Brandão. Fotografia de autor desconhecido.



Vista panorâmica sobre a Bateria de Alpena, Trafaria. Fotografia de Fernando Limão.



Vista panorâmica do Quartel do BIRT. Trafaria. Fotografia de autor desconhecido.





Muralha do Castelo de Almada. Fotografia de autor desconhecido.



Bateria da Raposeira. Trafaria. Fotografia da autora. 2019.



Vista do Presídio Militar da Trafaria a partir do percurso de ronda. Fotografia da autora. 2019.

### **FOTOGRAFIAS DA ENVOLVENTE URBANA (TRAFARIA)**

Vista panorâmica dos Silos a partir da Bateria da Raoseira. Fotografia da autora. 2019.



Vista panorâmica da Trafaria a partir da Bateria da Raoseira. Fotografia da autora. 2019.



Chalet Maria Hortense (antiga Farmácia Central). Exemplo emblemático da arquitetura balnear. Fotografia da autora. 2019.





Antiga Empresa de Camionetes Piedense. Espaço devoluto adjacente à muralha do Presídio. Fotografia da autora. 2019.



Perspetiva da Antiga Empresa de Camionetes Piedense e do Edifício da Associação Oficial das Forças Armadas. Fotografia da autora. 2019.



Barracão devoluto a tardoz da muralha do Presídio, na rua Guedes Coelho. Fotografia da autora. 2019.

Ruína da Capela de Nossa Senhora da Conceição, rua Guedes Coelho. Fotografia da autora. 2019.



Espaços vagos no tecido urbano da Trafaria. Rua Sacadura Cabral. Fotografia da autora. 2019.



Rua Cândido dos Reis. Transversal ao Tejo. Fotografia da autora. 2019.





Rua Cândido dos Reis. Predominância de edifícios devolutos e em mau estado de conservação. Fotografia da autora. 2019.



Beco da Praia (transversal ao Tejo) com acesso ao Passeio Ribeirinho. Detalhe do revestimento dos pavimentos. Fotografia da autora. 2019



Edifício devoluto no Passeio Ribeirinho da Trafaria (antiga Fábrica STAL). Fotografia da autora. 2019

Passeio Ribeirinho. Pavimento da zona adjacente à Estação Fluvial em elevado estado de degradação. Fotografia da autora. 2019.



Praia da Trafaria e Estação Fluvial. Fotografia da autora. 2019.



Passeio Ribeirinho da Trafaria. Vista para nascente. Fotografia da autora. 2019.





Estacionamento e rotunda de acesso à Estação Fluvial. Fotografia da autora. 2019.



Rotunda da Estação Fluvial. Interrupção do Passeio Ribeirinho. Fotografia da autora. 2019.



Muros que cercam o antigo Presídio. Fotografia da autora. 2019.

Vista a partir do pontão de embarque da Estação Fluvial.  
Fotografia de Joana Coelho.  
2019.



Vista para a Estação Fluvial a partir do Ferry. Fotografia de Joana Coelho. 2019.



Vista para os Silos a partir da praia da Trafaria. Fotografia da autora. 2019.



## **FOTOGRAFIAS DO ANTIGO PRESÍDIO DA TRAFARIA**



Muros que cercam a entrada no recinto do Presídio. Fachadas dos edifícios 1 e 2. Fotografia da autora. 2019.



Entrada principal do Presídio e fachada do edifício 1. Fotografia da autora. 2019.



Parte do Percurso de Ronda do Presídio, adjacente à entrada principal. Fotografia da autora. 2019.

Espaço exterior entre a Igreja e do edifício 4. Fotografia da autora. 2019.



Perspetiva do edifício 4 com vista para sul. Fotografia da autora. 2019.



Jardim do Presídio. Dragoeiros centenários. Fotografia da autora. 2019.





(da esquerda para a direita).  
Circulação entre os edifícios 4 e 6  
e entrada do edifício 4.  
Fotografias da autora. 2019.



Estado degradado do Muro e do  
Percurso de Ronda. Fotografias  
da autora. 2019.



(da esquerda para a direita).  
Anexos do Presídio e plataforma  
de acesso ao piso 1 do edifício 4.  
Fotografias da autora. 2019.



Vista a partir do edifício 5.  
Fotografia da autora. 2019.



Coberturas dos anexos e do edifício 4. Vista a partir do edifício 5. Fotografia da autora. 2019.



Fachada Tardoz da ala das celas. Fotografia da autora. 2019.



Fachada Norte do edifício 3. Espaço atualmente utilizado pela Plataforma Trafaria. Fotografia da autora. 2019.



(da direita para a esquerda).  
Sala e vista do edifício 5.  
Fotografias da autora. 2019.



(da direita para a esquerda).  
Sala e vista do edifício 6.  
Fotografias da autora. 2019.





(da esquerda para a direita). Anexo em elevado estado de degradação e antigo refeitório adjacente ao mesmo. Fotografias da autora. 2019.



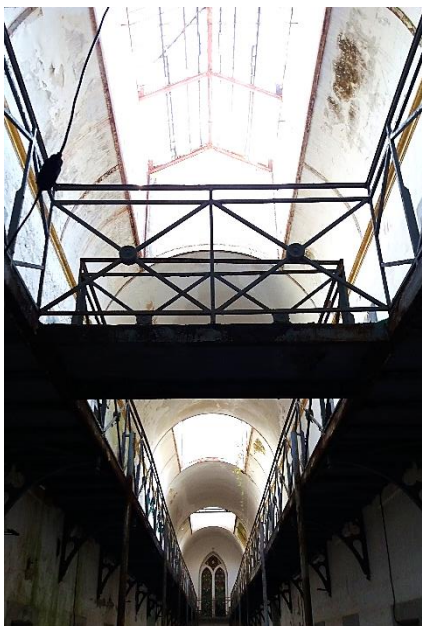
(da esquerda para a direita). Escada em ferro de acesso ao piso 1 do edifício 4 e salão acessível através dela. Fotografia da autora. 2019



Plataforma acessível através do piso 1 do edifício 4. Fotografia da autora. 2019.



Ala das celas - vista para a saída a ponte. Fotografia da autora. 2019.



Pormenor da claraboia e da galeria em ferro do edifício das celas. Corrosão em grandes extensões provocada pela entrada de água pela cobertura. Fotografias da autora. 2019.





Interior da Igreja. Fotografia da autora. 2019.



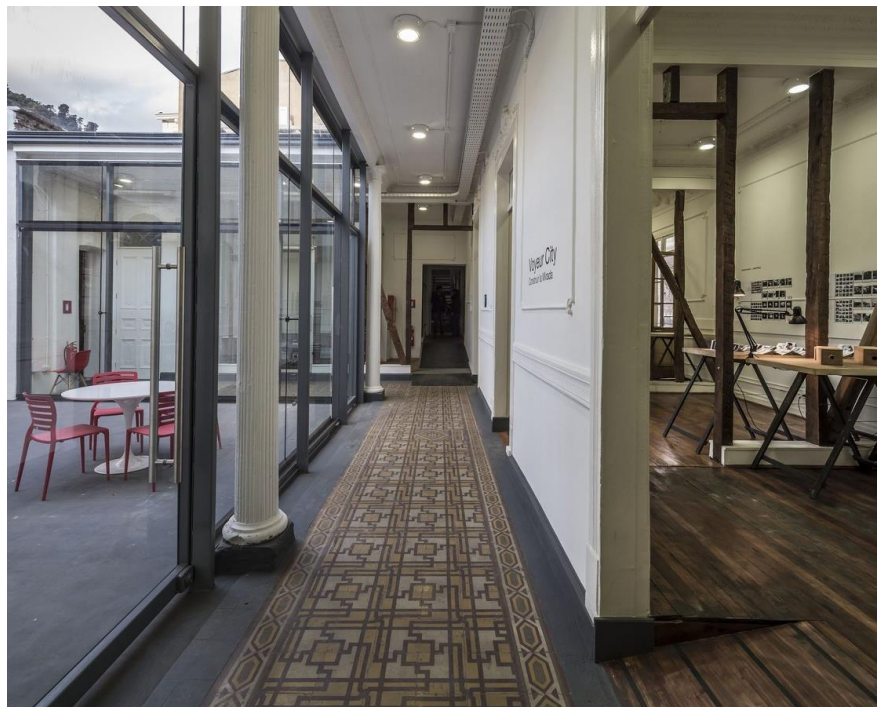
Janela de vitral da Igreja. Vista a partir do pátio interior do edifício 6. Fotografia da autora. 2019.



## **II. REFERÊNCIAS AO TRABALHO PRÁTICO**

Apresenta-se em anexo projetos arquitetônicos que, apesar de não constarem no capítulo dos casos de estudo, tiveram influência na estratégia de projeto abordada no antigo Presídio Militar da Trafaria.

## 1. Campus Criativo Universidade Andrés Bello | Schmidt Arquitectos Associados | 2015



Fonte:

<<https://www.archdaily.com.br/776267/campus-criativo-universidade-andres-bello-schmidt-arquitectos-associados>>

**2. Rotermann's Old and New Flour Storage | HGA (Hayashi – Grossschmidt Arhitektuur) | 2009**



Fonte:

<<https://www.archdaily.com/330863/rotermanns-old-and-new-flour-storage-hga>>

### 3. Corso | Karlin | Ricardo Bofill | 2008



Fonte:

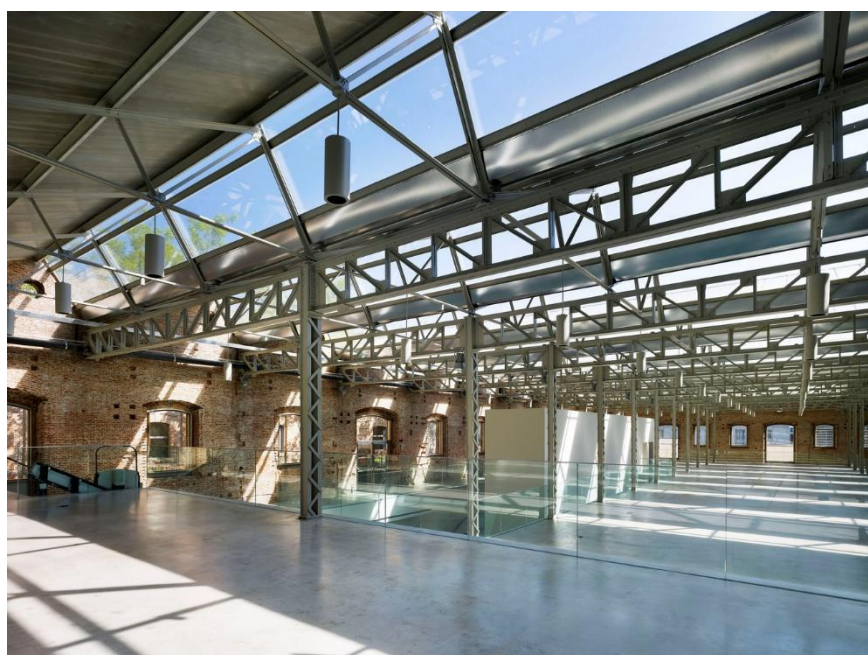
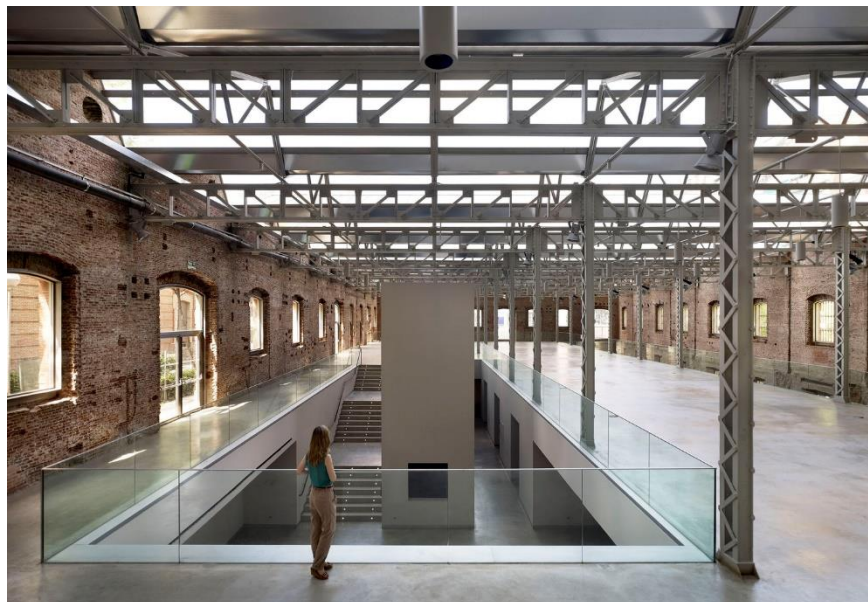
<https://www.ricardobofill.com/projects/corso-i-karlin/>

**4. Pinacoteca do estado de São Paulo | Paulo Mendes da Rocha | Eduardo Colonelli | Weliton Ricoy Torres | 1998**



Fonte:  
<<https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha>>

## 5. Centro Cultural Daoíz y Valarde | Rafael De La-Hoz | 2013



Fonte:

<<https://www.archdaily.com.br/01-183784/centro-cultural-daoiz-y-velarde-rafael-de-la-hoz>>

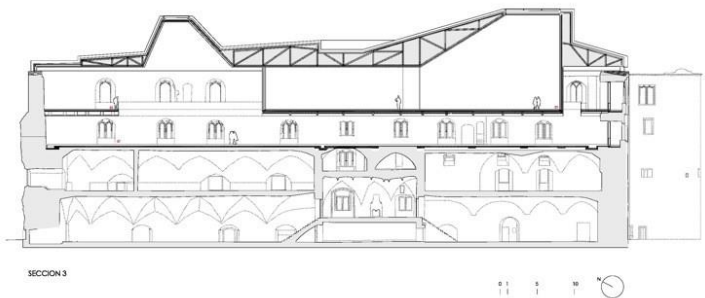
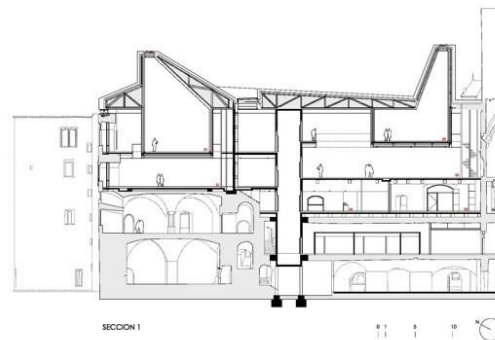
## 6. Shoreham Street | Project Orange | 2012



Fonte:

<<https://www.archdaily.com/214007/shoreham-street-project-orange>>

## 7. Moritzburg Museum Extension | Nieto Sobejano Arquitectos | 2008



Fonte:

<<https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/>>

## 8. Elevador das Muralhas Romanas de Lugo | António Varela | 2015



Fonte:

<[https://www.archdaily.com.br/br/798159/elevador-das-muralhas-romanas-de-lugo-antonio-pernas-varela?ad\\_medium=widget&ad\\_name=recommendation%20https://www.archdaily.com.br/br/782562/novo-acesso-ao-centro-historico-de-gironella-carles-enrich](https://www.archdaily.com.br/br/798159/elevador-das-muralhas-romanas-de-lugo-antonio-pernas-varela?ad_medium=widget&ad_name=recommendation%20https://www.archdaily.com.br/br/782562/novo-acesso-ao-centro-historico-de-gironella-carles-enrich)>

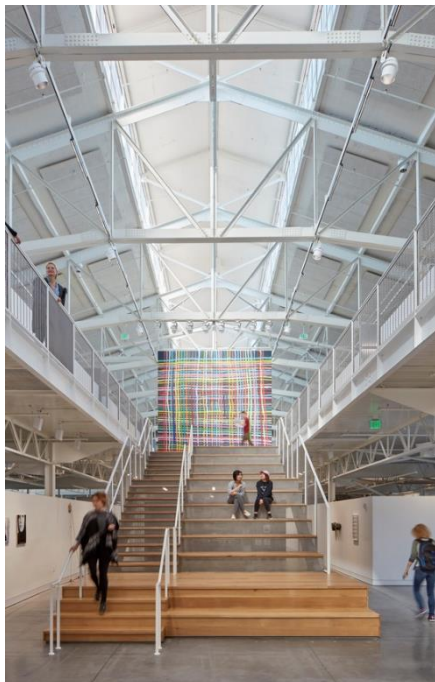
9. Villers Abbey Visitor Center | Binario | Architects | 2016



Fonte:

<<https://www.archdaily.com/794649/villers-abbey-visitor-center-binario-architectes>>

## 10. Fort Mason Center for Arts and Culture | LMS Architects | 2017



Fonte:

<<https://www.archdaily.com/895897/fort-mason-center-for-arts-and-culture-lms-architects>>

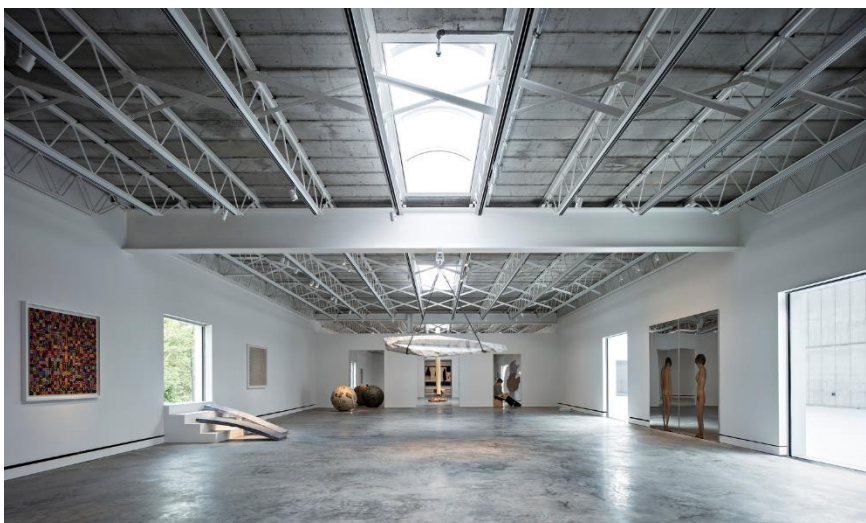
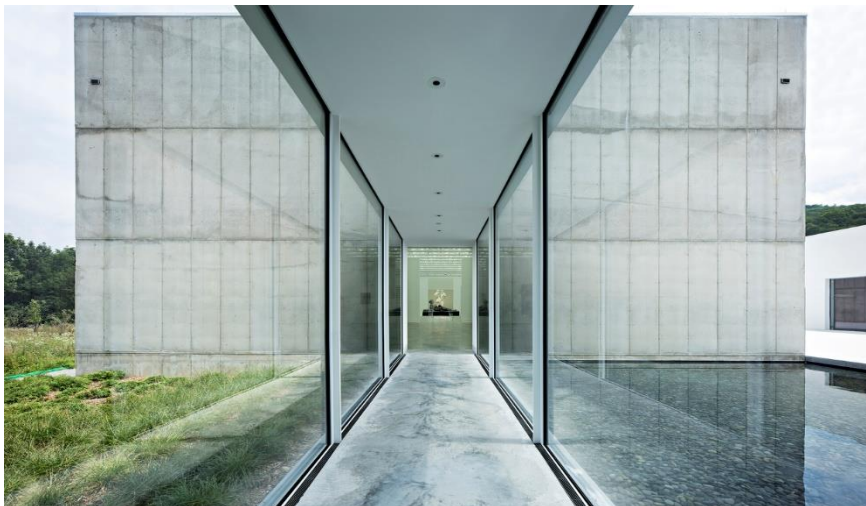
## 11. BO Bartlett Center | Olson Kundig | 2018



Fonte:

<<https://www.archdaily.com/907903/bo-bartlett-center-olson-kundig>>

## 12. Magazzino Italian Art | MQ Architecture | 2017



Fonte:

<<https://www.archdaily.com/889530/magazzino-italian-art-mq-architecture>>

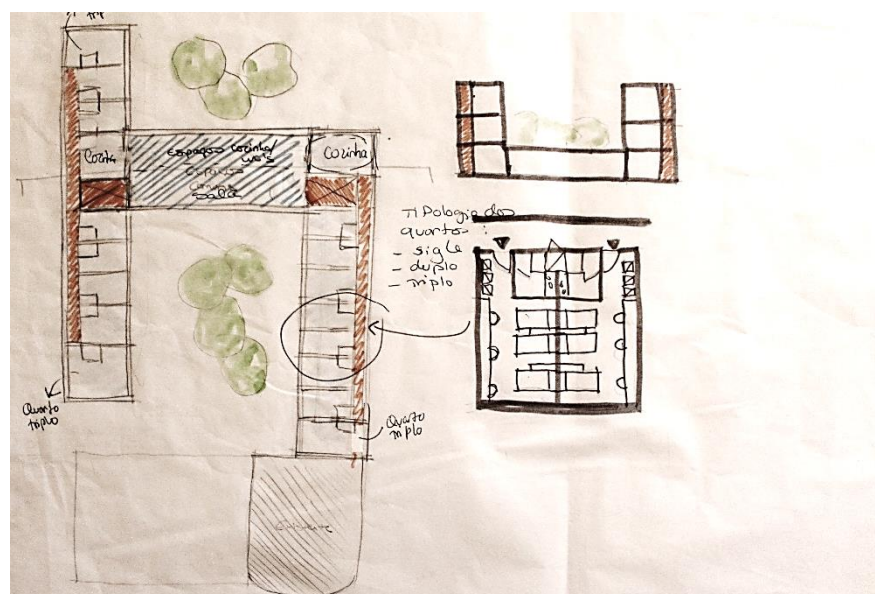
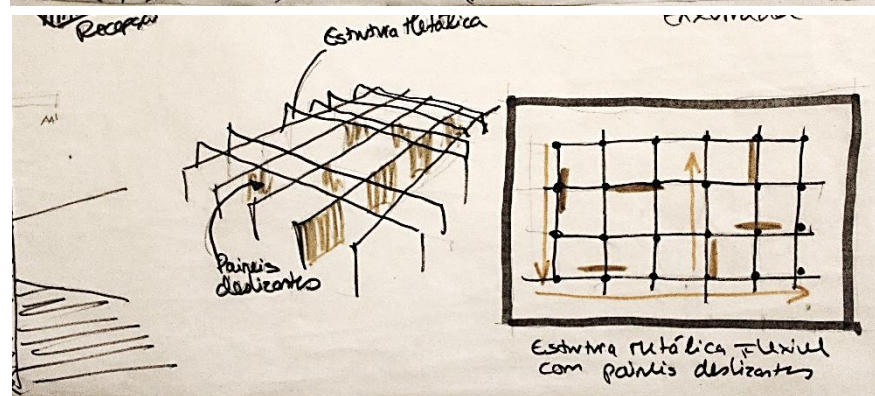
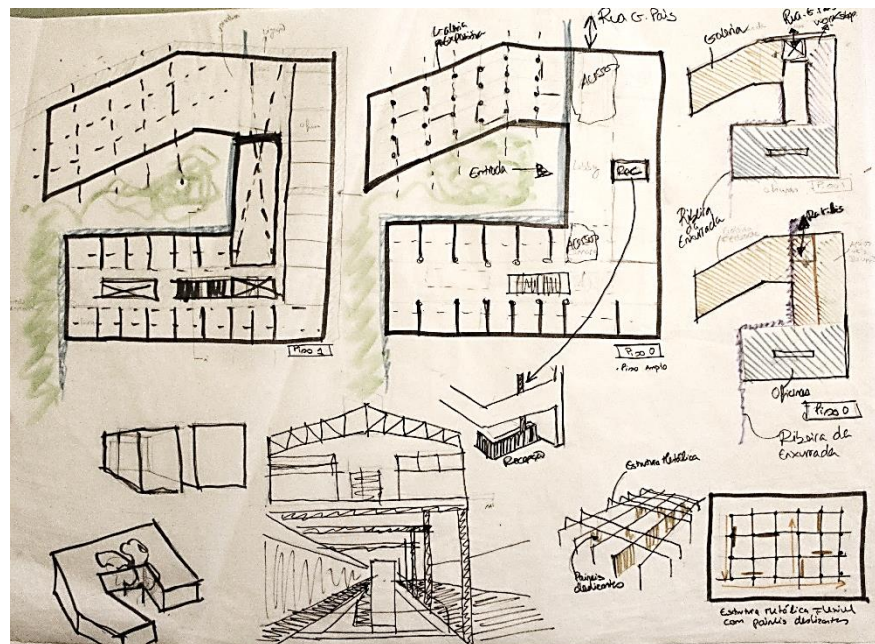


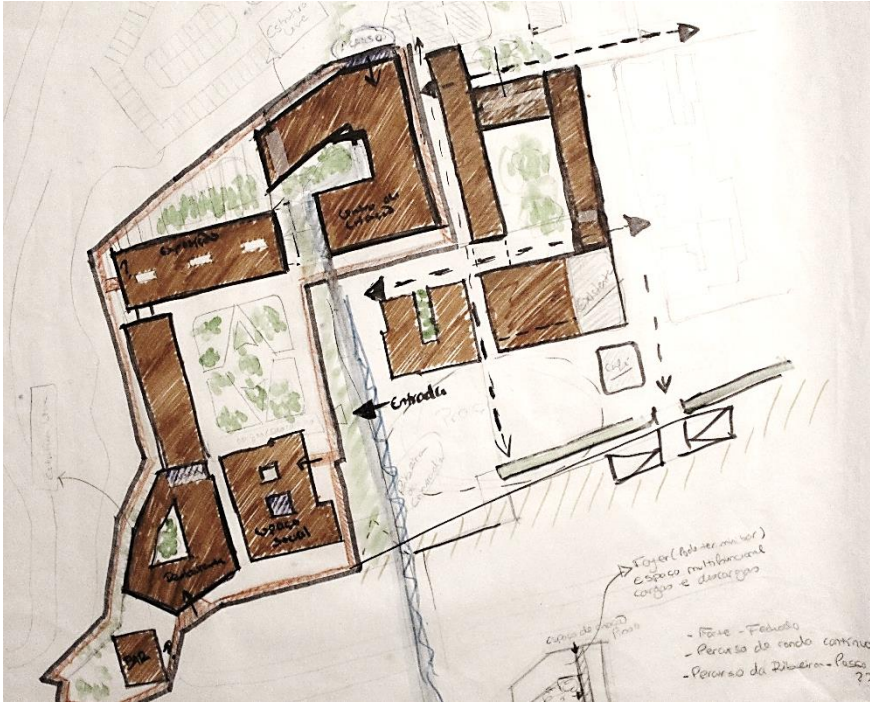
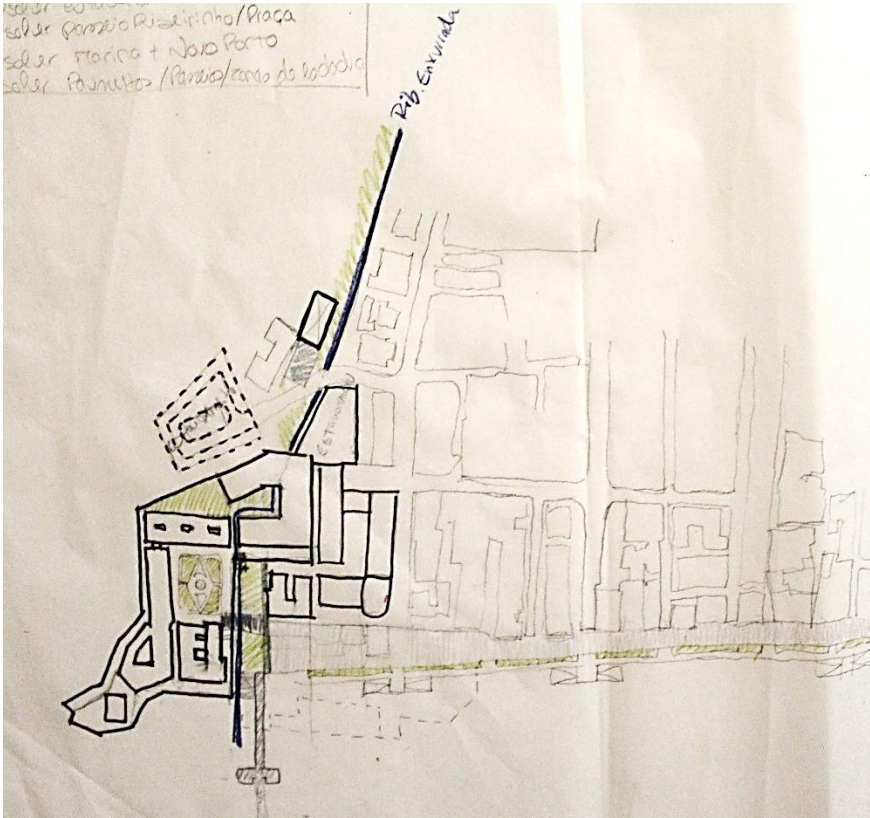
### **III. PROCESSO DE TRABALHO – DESENHOS E MAQUETES DE ESTUDO**

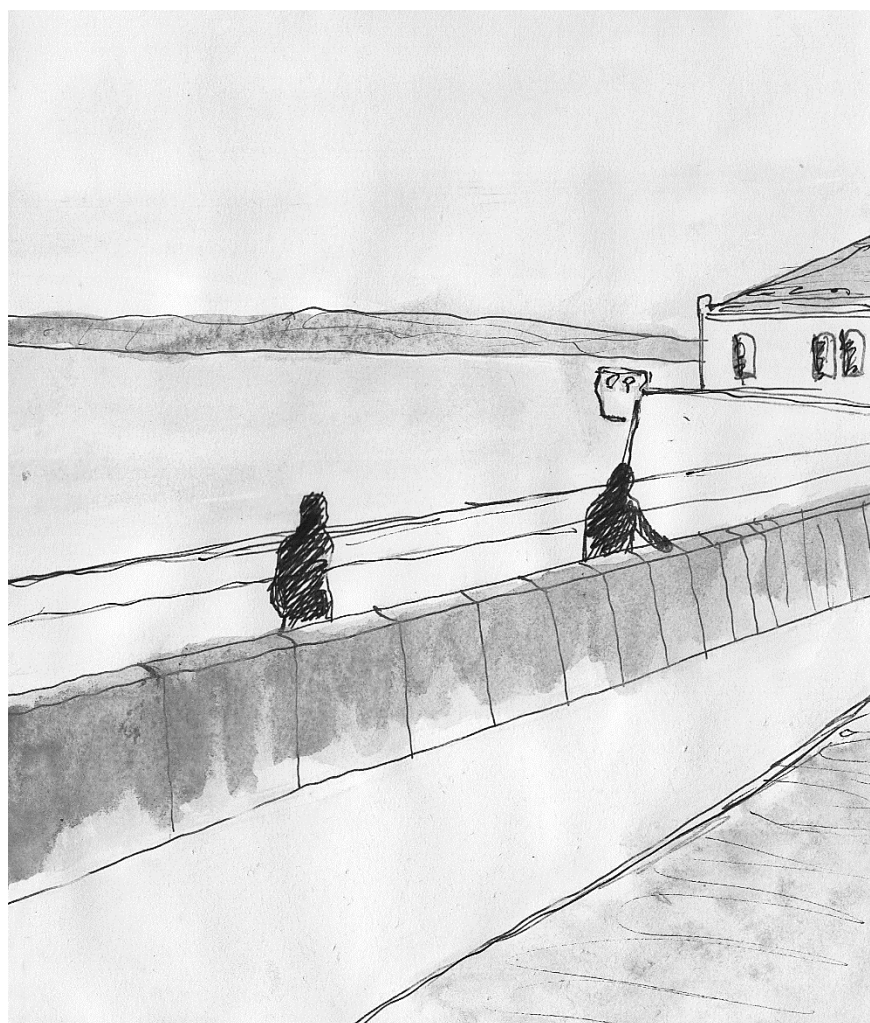
Colocaram-se em anexo alguns elementos desenhados e tridimensionais do processo de desenvolvimento da proposta urbana e arquitetónica.



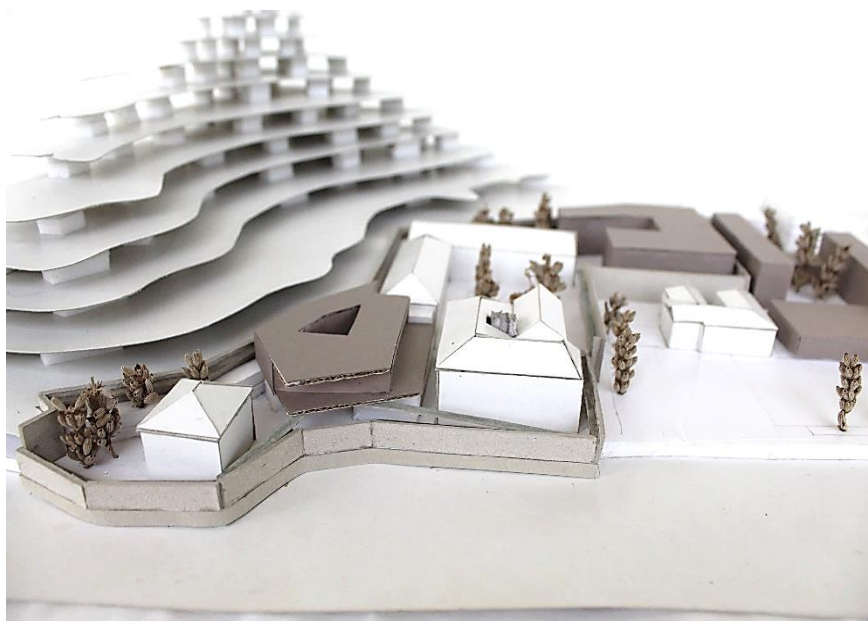




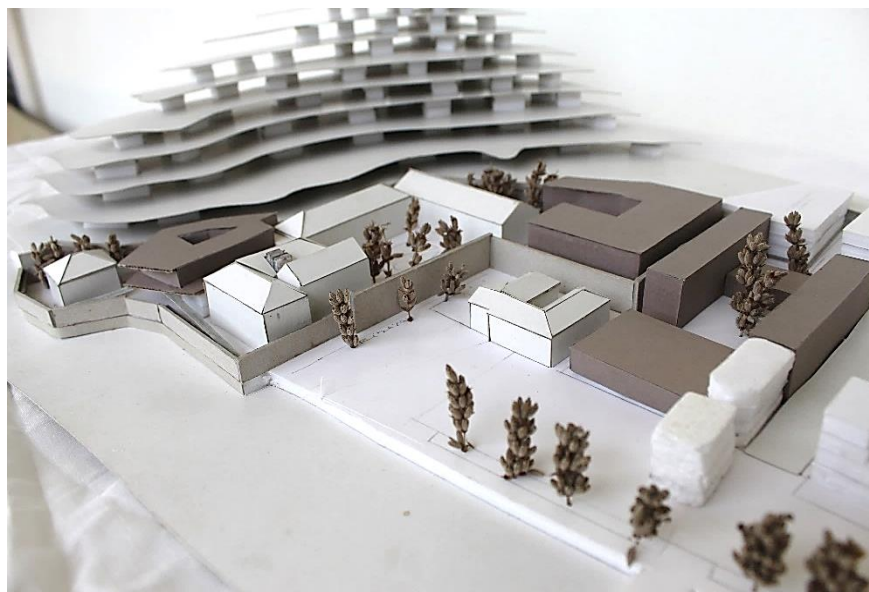


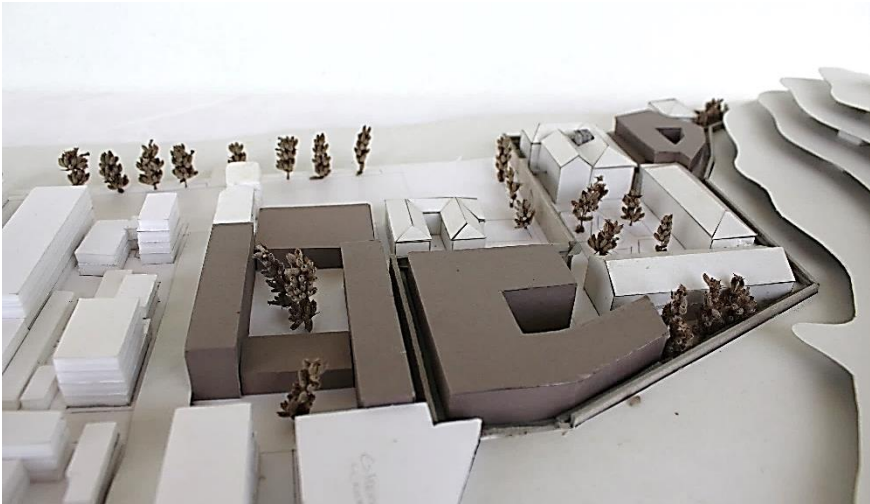






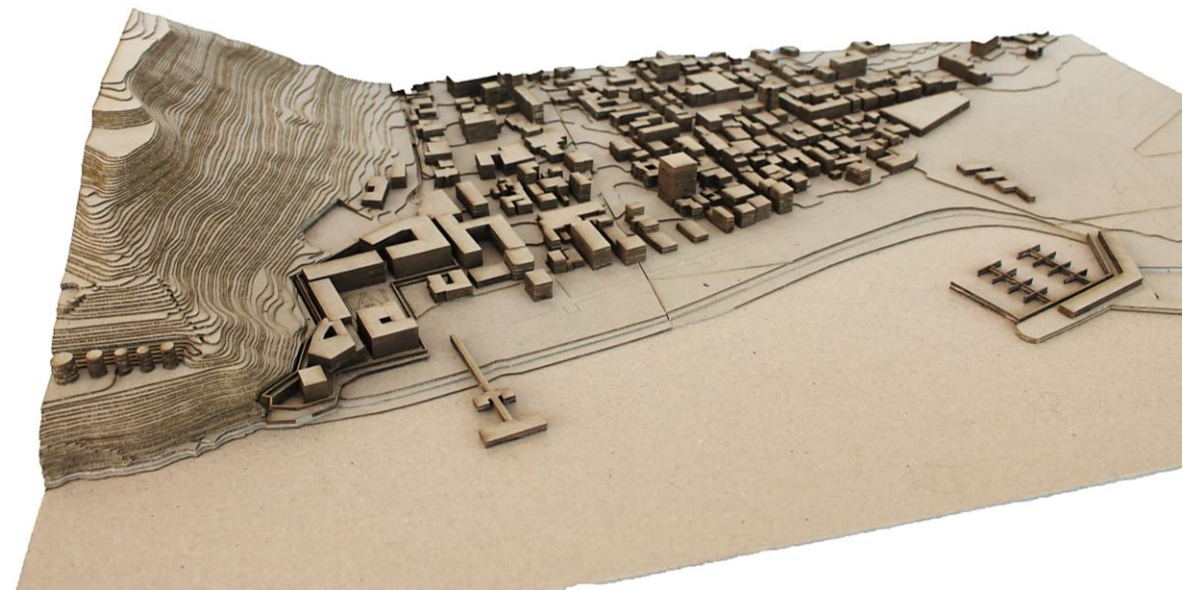
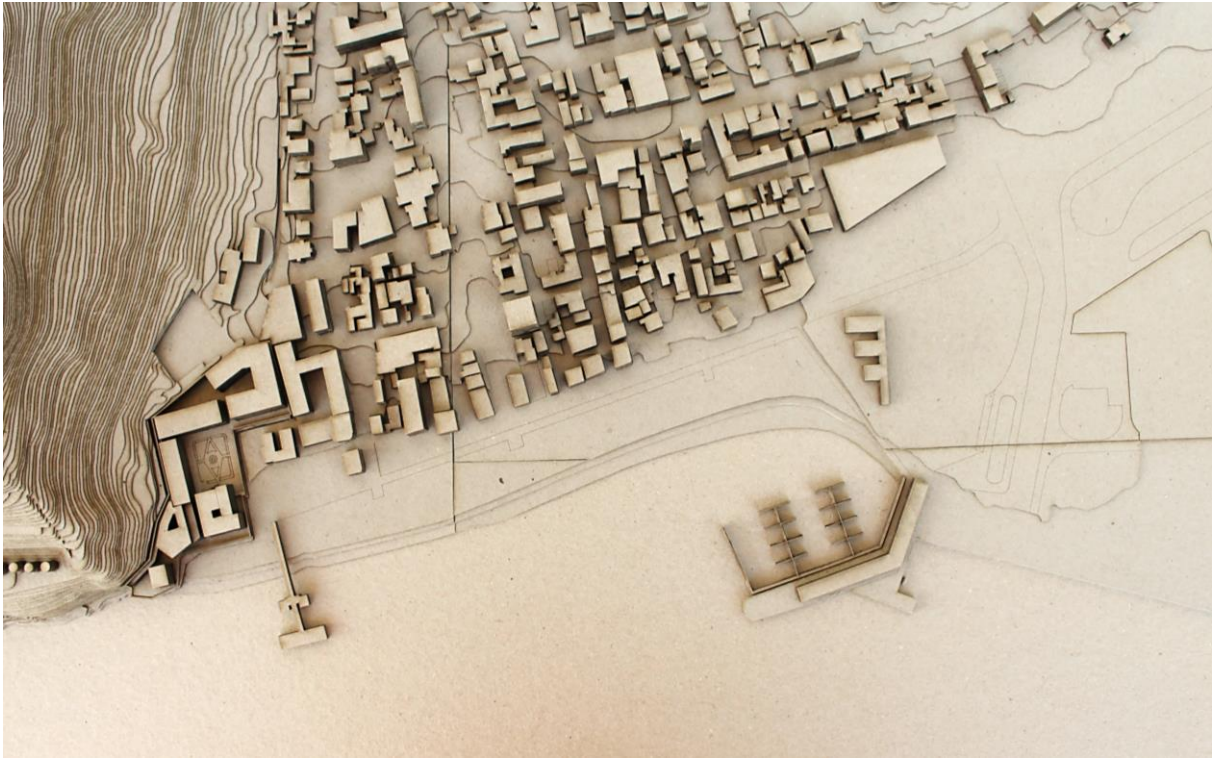


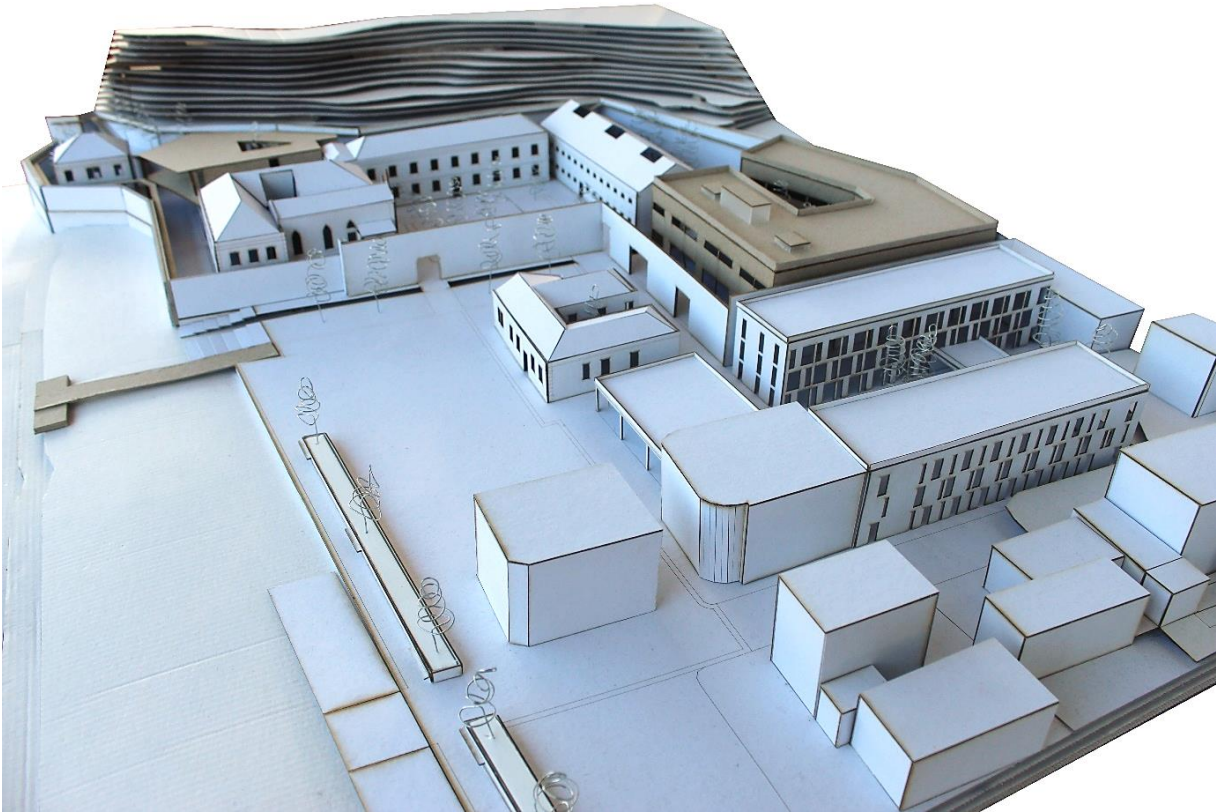
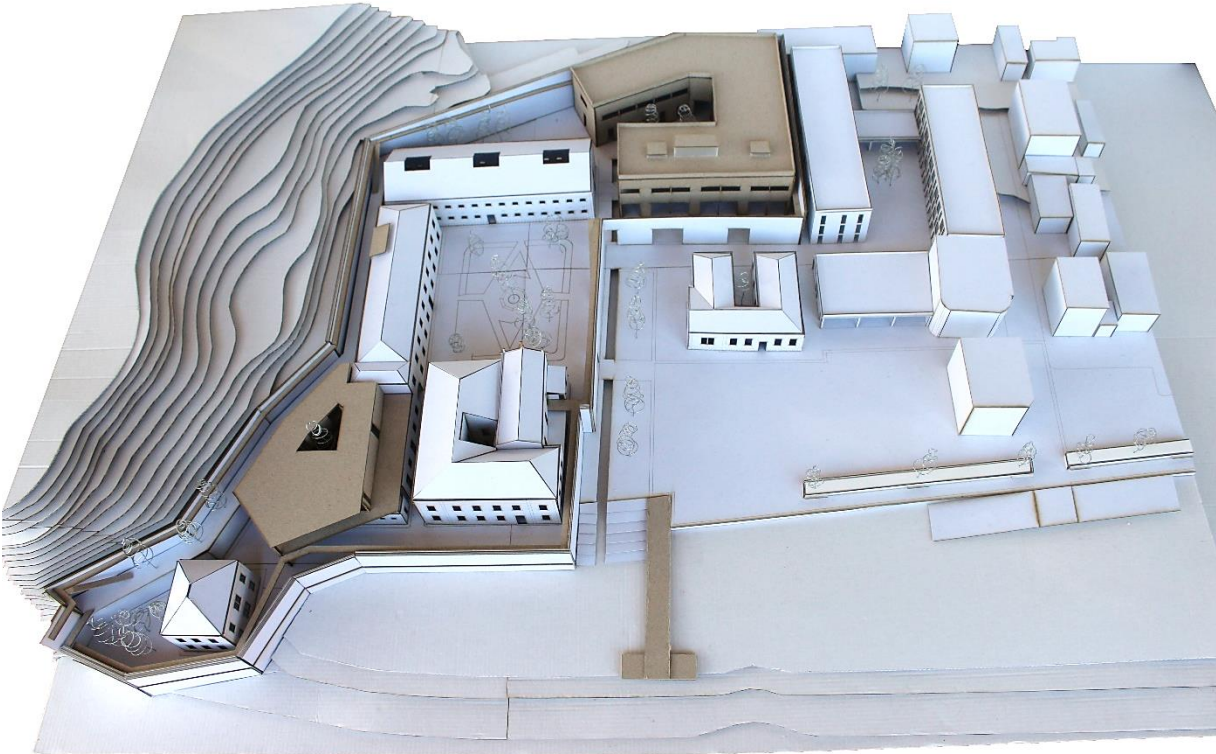


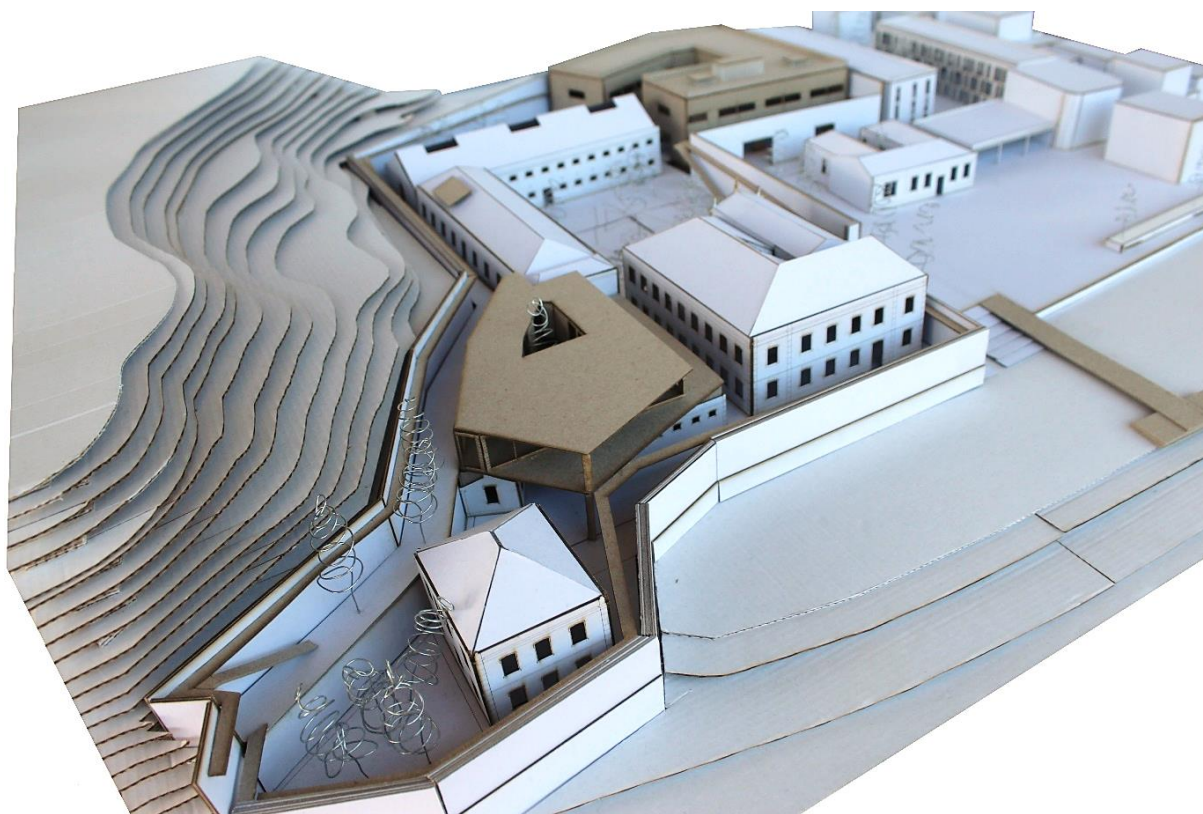


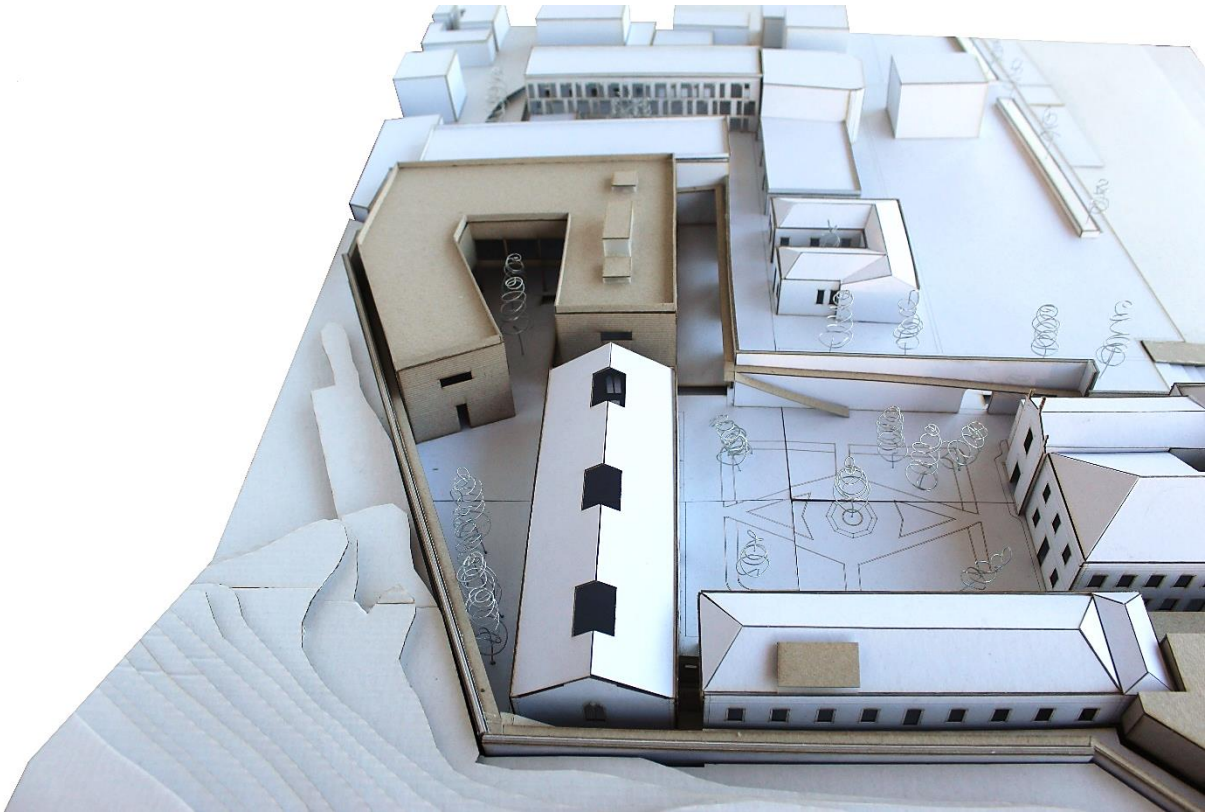


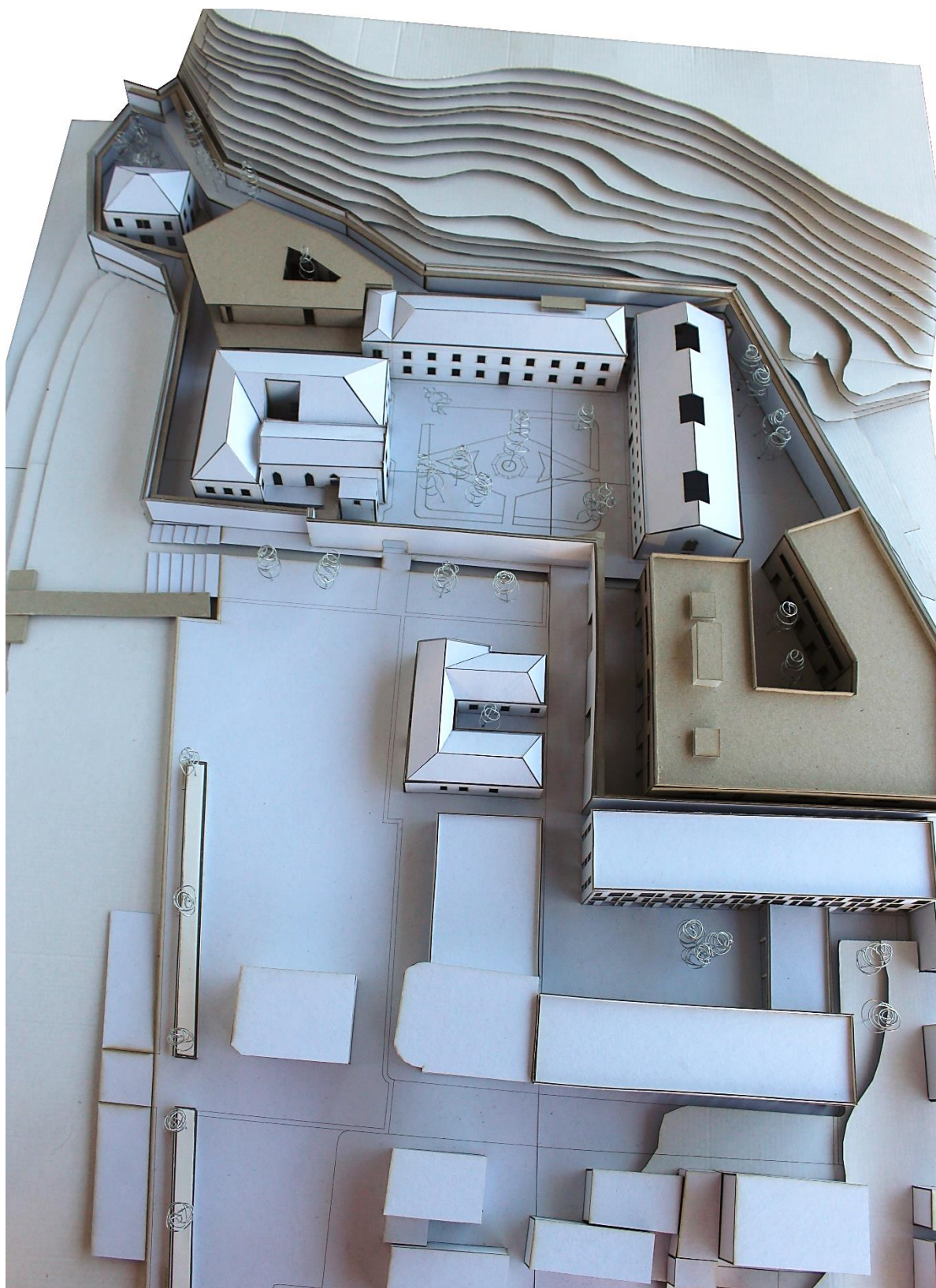
## V. MAQUETES FINAIS E RENDERS























## **VI. PAINÉIS SÍNTESE**

**Painel 1-** Análise do Território. Escala 1:20000.

**Painel 2-** Planta de localização. Escala 1:2000.

**Painel 3-** Planta de localização. Escala 1:1000.

**Painel 4-** Planta piso 0. Escala 1:200.

**Painel 5-** Planta piso 1. Escala 1:200.

**Painel 6-** Planta de cobertura. Escala 1:200.

**Painel 7-** Cortes e alçados. Escala 1:200.

**Painel 8-** Cortes e alçados. Escala 1:200.

**Painel 9-** Cortes e alçados. Escala 1:200.

**Painel 10-** Cortes e alçados. Escala 1:200.

**Painel 11-** Pormenores construtivos. Escala 1:50 e escala 1:10.

**Painel 12-** Renders.

**Painel 13-** Renders.

**Painel 14-** Renders.

**Painel 15-** Renders.

**Painel 16-** Renders.

